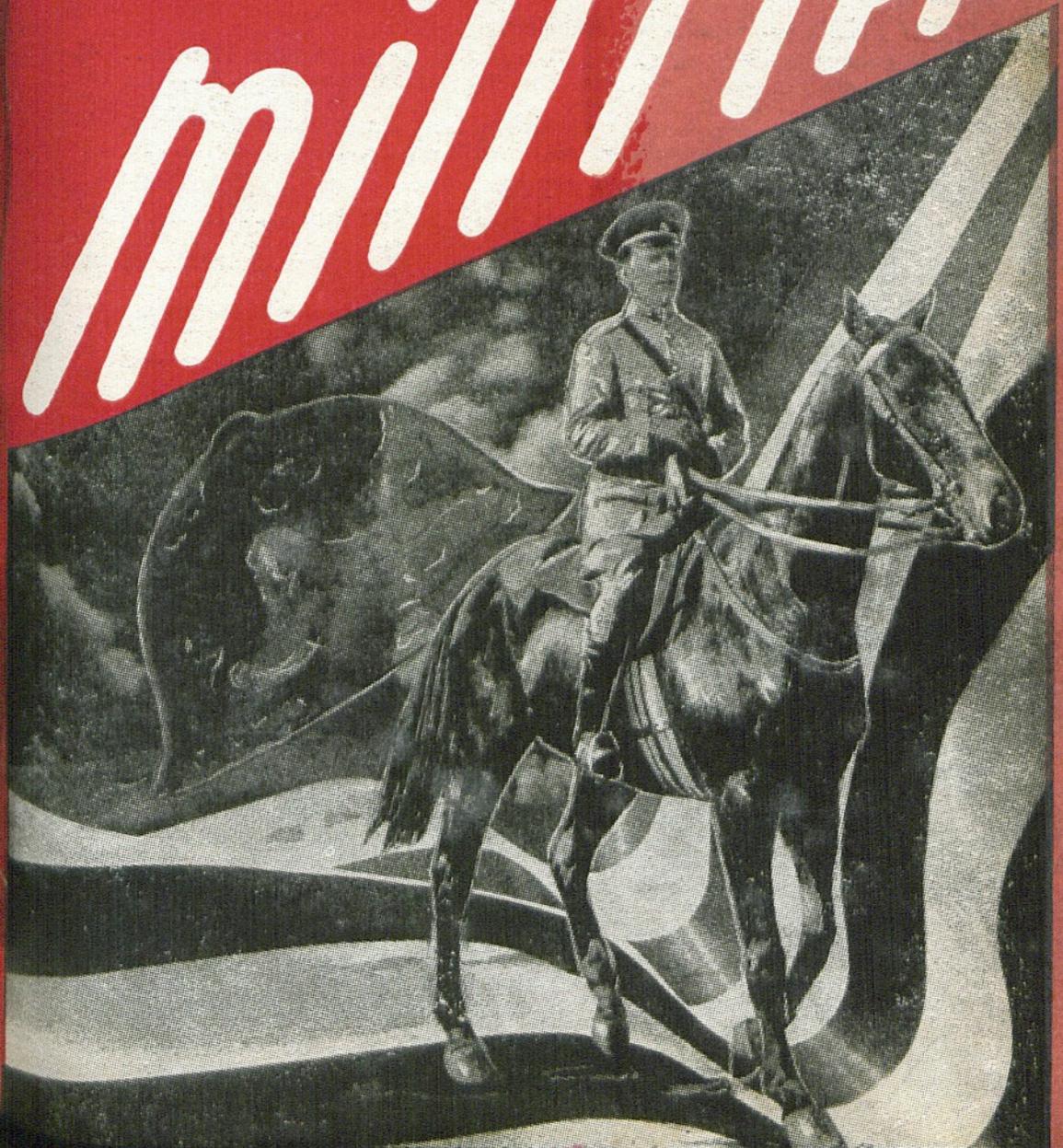




Fundada em 3-9-18 - reorganizada  
 em 3-9-1933 - Utilidade Pública  
 Lei 521 - 2-1-49  
 Sede própria Rua Odeite Sa. Barbara, 133  
 Tel. 229 5687 LUZ - SP.

# militaria



# Sumário

EDITORIAL .....	3
<b>ASSUNTOS TÉCNICOS PROFISSIONAIS</b>	
A Fôrça Pública e sua missão em face das leis que a regem — cap. Otávio Gomes de Oliveira .....	16
A Polícia Romana na Antiguidade — 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado .....	29
O Incêndio Almeida Land, um aviso! — 1.º ten. Plínio Rolim de Moura .....	34
Modernizar II — cap. Romeu de Carvalho Pereira .....	46
Reergamos o Pré-Militar — cap. Brasilino Antunes Proença .....	90
Quadro comparativo de vencimentos .....	114
O Crime Não Compensa — Dr. Artur Leite de Barros .....	129
<b>ASSUNTOS CIENTÍFICOS</b>	
Vitaminas — 1.º ten. med. Floriano Basaglia .....	77
<b>LITERATURA — (Inclusive História)</b>	
A Cruz através dos séculos — cap. José Simão da Silva Moraes ..	41
Avançar cavalaria e degolar! — Tito Lívio Ferreira .....	44
A Vida — Cavaleiro Freire .....	49
Alguns Conceitos de Filosofia da História — J. P. Leite Cordeiro ..	81
Solilóquios de um aluno oficial .....	116
<b>EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS</b>	
Não deve desaparecer o jogo de polo .....	120
“Torneio de Inverno” .....	120
Campeonato de tiro .....	122
<b>NOTICIÁRIO</b>	
Missão Cultural “Professor Andrade Bezerra” .....	96
Eleições no Clube Militar .....	97
Agraciado o coronel Eleutherio Brum Ferlich .....	98
Baile de São Pedro no Clube Militar .....	99
Batalhão Policial .....	99
Cerimônias comemorativas da eclosão do Movimento Constitucio- nalista .....	102
Confraternização — West Point-Barro Branco .....	103
Curso de prevenção contra incêndios .....	104
Visitantes ilustres .....	106
Vila Militar “General Salgado” .....	107
Escola de Educação Física — Nova Direção .....	111
Visita da Escola do Estado Maior do Exército à Colônia de Férias ..	111
<b>RECREAÇÃO</b>	
Novo plano .....	124
Secção de Edipo .....	125
<b>DIVERSOS</b>	
General Júlio Marcondes Salgado .....	5
Candeias, promessa de um Brasil melhor — ten. Carlos Romano Ma- chado .....	11
Os Imortais — 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho .....	21
Coronel José Sandoval de Figueiredo .....	24
A fase negativista não passou — 2.º ten. Hildebrando Chagas ....	31
Um grêmio para a nossa Escola de Oficiais — Asp. Evandro Fran- cisco Martins .....	40
Cruz Azul .....	52
Paradoxo Policial — al. oficial Diomar M. Torquato .....	93
Verdades desconfortantes — 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade ..	115
Nossos representantes .....	117
Vencimentos dos servidores públicos — cap. Francisco Vieira Fonseca ..	118
Legislação .....	134

# Militia

REVISTA PUBLICADA NA FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO  
DE ACÓRDO COM O ART. 2.º, F, DO ESTATUTO DO C.M.F.P.S.P.

A NO I — JULHO/AGOSTO DE 1948 — N.º 5

DIRETOR: — ..... ten. cel. José Maria dos Santos.

REDATOR-CHEFE: — ..... major adm. Aparício de Barros Messias.

SECRETARIO: — ..... 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho.

CORPO REDATORIAL: —

Assuntos técnicos profissionais: cap. Ubirajara da Silveira, 1.º ten. João Vieira de Matos, 1.º ten. Francisco Guedes de Lacerda e 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado.

Assuntos científicos: cap. Arrisson de Souza Ferraz, cap. Milton Marques de Oliveira, 1.º ten. Alfredo Marcheti e 1.º ten. Plínio Rolim de Moura.

Literatura: cap. capelão pe. Paulo Aurisol Cavalheiro Freire, cap. Efraim B. Lastebasse e 2.º ten. Hildebrando Chagas.

Educação física e desportos: 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade, 1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos e 1.º ten. Ulisses Teodoro dos Santos.

Noticiário: cap. Brasilino Antunes Proença, cap. Francisco Vieira da Fonseca, 1.º ten. Olívio Franco Marcondes e 1.º sgt. José Antunes.

Recreação: 1.º ten. Iolando Prado. 2.º ten. Antônio Silva e José de Campos Montes.

Legislação: cap. adm. José Arimatéa do Nascimento.

Fotógrafo: 1.º sgt. João T. Tancler.

GERENTE: — ..... cap. adm. Germano Ribeiro Scartezini.

TESOUREIRO: — ..... 1.º ten. adm. Nelson Martins da Silva.

Redação e Administração: — Rua Alfredo Maia, 106, (Tipografia da Força Pública) — Fone 4-8171, ramal 204.

Assinatura anual .....	Cr. \$ 25,00
Assinatura semestral .....	Cr. \$ 15,00
Número avulso .....	Cr. \$ 5,00

"Militia" destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos políticos-partidários ou religiosos-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.

Pede-se que os originais sejam dactilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não publicados. Pede-se ainda sejam entregues à redação, no endereço acima.

A Revista não assume responsabilidade de conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

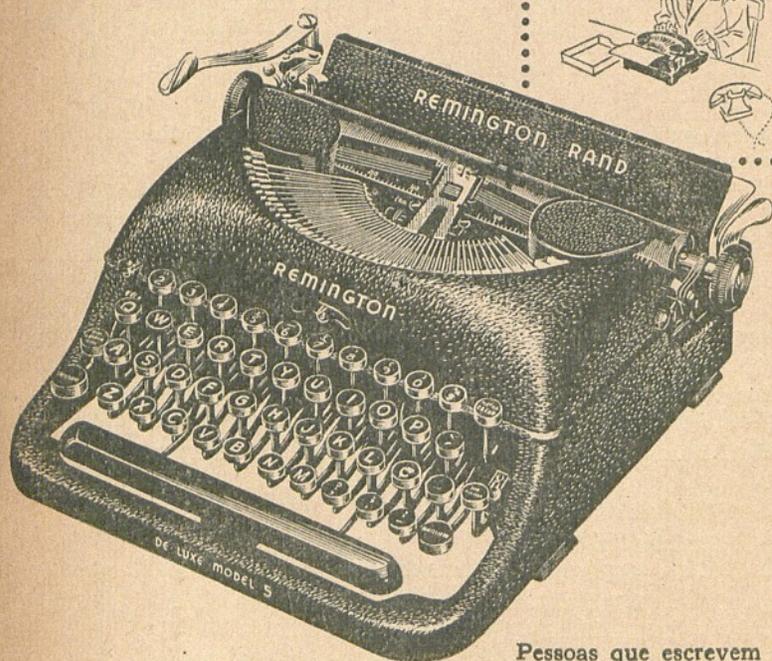
# Remington Rand



## Portátil



A MÁQUINA  
PREFERIDA  
PARA USO  
PESSOAL



### COMPARE ESTAS CARACTERÍSTICAS:

- Tecla tabuladora de 5 espaços
- Contrôlê de toque
- Teclado universal
- Alavanca pautadora
- Pautador variável

Pessoas que escrevem e mantêm correspondência intensiva encontram na Remington Rand Portátil o modelo ideal de máquina de escrever para uso pessoal. De manejo simples, extremamente leve e rápida, substitui a máquina tipo Standard porque possui os mesmos aperfeiçoamentos e características, a mesma inconfundível qualidade que tornou famosa a marca Remington. Visite-nos e procure experimentar, ainda hoje, a portátil Remington Rand 5AD - a melhor sugestão para um presente útil... que recordará para sempre o seu gesto amigo!



ENTREGA IMEDIATA - VENDAS A PRAZO

## S. A. CASA PRATT

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 227/233 — TEL. 3-2161 — SÃO PAULO

# EDITORIAL

---

*Mais um 9 de Julho.*

*O que foi a jornada do povo Paulista pelas normas constitucionais, está gravado muito forte no coração de todos nós.*

*A nossa participação decisiva, o nosso esforço comum, e mesmo o nosso sacrifício, criou, na consciência da geração deste meado de século, o dever cívico da lei.*

*Passados os anos, e, à medida que mais se distancia no tempo, projeta-se cada vez mais forte, a necessidade que todo povo tem de viver dentro da lei, trabalhando e lutando dentro da lei.*

*O regime de arbítrio em que prevalece a vontade onisciente de um chefe e as preponderâncias variáveis dos áulicos, sempre foi condenado pela vontade popular.*

*9 de julho foi conseqüência desse arbítrio.*

*Hoje, que estamos vivendo dentro das normas constitucionais, sabemos quanto valeu aquele sacrifício.*

*Então, lembramos os camaradas tombados na luta, os seus nomes gloriosos. No pedaço de chão onde repousam os seus restos mortais, depositamos as coroas da nossa gratidão e da nossa saudade.*

*Recordamos um povo todo de pé em luta pelos seus direitos, pelos direitos de opinião, pelo direito de eleger representantes, pelo direito de opinar em contribuições que derivam o progresso e a felicidade da Nação. Na reminiscência dessa luta depositamos as nossas esperanças de que nunca mais seja o povo levado à derradeira decisão de conquistar pelas próprias mãos a dignidade cívica conspurcada.*

*Que o patriotismo ilumine as consciências de nossos homens públicos, e proporcione à Nação Brasileira uma era fecunda de trabalho, de paz, de prosperidade, e de respeito aos direitos do homem.*

*Esse o conteúdo do Movimento Constitucionalista, lembrado à passagem de mais um 9 de Julho.*



A passagem de mais um aniversário do Movimento Constitucionalista — mas o primeiro desde a existência de nossa revista — faz com que registremos aqui o que foi um pouco da vida do grande comandante da Fôrça Pública.

Tão grata é essa data para o povo paulista e a sua Fôrça Pública, que constitui motivo de exaltação à existência dos que se sacrificaram na luta pela constitucionalização do País, naquela época.

Entre os que tombaram na jornada heróica, destaca-se o nome de Júlio Marcondes Salgado, então co-

No meio do esplendor da cidade, havia o esplendor das famílias que faziam a sua glória, o seu renome. Dentre elas, havia dois troncos, parte da inicial nobreza brasileira, cujos títulos haviam conseguido por serviços à Casa Imperial ou pela contribuição à economia rural daqueles tempos. Eram os Marcondes e os Salgado.

**OS MARCONDES** — O barão de Pindamonhangaba, era o cel. Marcondes de Oliveira Melo, comandante da Guarda de Honra do Príncipe D. Pedro, por ocasião do Grito do Ipiranga. O barão Homem de Melo

---

# General Júlio Marcondes Salgado

*"Paz ao morto de ontem — Glória ao imortal de hoje!"*

---

ronel comandante da Milícia Paulista.

Vejamos o que foi sua vida militar, a cidade onde nasceu, a sua origem.

## **PINDAMONHANGABA**

No roteiro da estrada imperial, entre a Côrte e a Província, existia, ao findar do século XVII, o bairro Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba, então pertencente à vila de Taubaté.

No impulso econômico de um século, entre o ciclo do ouro e o do café, Pindamonhangaba cresceu, tornou-se poderosa, adquiriu foros de cidade, impunha-se à coletividade paulista, e recebia o batismo monárquico por viajante ilustre: era a "Princesa do Norte".

(Francisco Inácio Marcondes), era o conselheiro de 2.º Império, e nêlo fôra ministro, presidente de conselho, muito contribuindo como historiador.

**OS SALGADO** — Benedito Corrêa Salgado, companheiro do barão de Pindamonhangaba na jornada histórica de 7 de setembro; Antônio Salgado Silva, visconde de Palmeiras; e Inácio Bicudo de Siqueira Salgado, barão de Itapeva.

Esses os dois troncos de família, que deram origem à existência de Júlio Marcondes Salgado, a 1.º de julho de 1890.

## **A CARREIRA MILITAR**

Em 1907, portanto, muito jovem ainda, desloca-se de Pindamonhan-

gaba para a capital Júlio Marcondes Salgado, trazendo consigo próprio a indômita vontade de vencer, agindo com os recursos próprios de sua personalidade já marcante, porque aquele que emigra é aquele que é forte.

Assim é que a 26 de junho daquele ano, alistou-se como voluntário nas fileiras da já gloriosa Força Pública do Estado de São Paulo, com destino ao 1.º Esquadrão do 1.º Regimento de Cavalaria.



Cabo Júlio Marcondes Salgado

Logo no início de sua vida militar, o futuro general demonstra a todos o firme propósito de galgar os mais elevados postos da carreira que abra-

çou, e, já no ano seguinte ao do seu alistamento, matricula-se no então pelotão de alunos cabos, sendo a 15 de agosto daquele mesmo ano, promovido ao posto de anspessada e a 1.º de junho de 1909, ao de cabo de esquadra.

Terminando o seu primeiro tempo de praça, isto em 1910, ei-lo solicitando baixa do serviço por conclusão de tempo.

Novamente civil, Júlio Marcondes Salgado, saudoso de sua terra e dos parentes que lá deixara, regressa a Pindamonhangaba, e dali para São Bento do Sapucaí, onde procura então dedicar-se a outras atividades.

Percebendo logo que sua vocação era a carreira das armas e que não se habituava mais à vida civil, retorna a esta Capital.

Assim é que no dia 3 de outubro daquele mesmo ano, de acôrdo com a Ordem do Dia Regimental n.º 209, verifica praça novamente, porém, agora como engajado, no posto de cabo e com destino à 1.ª Cia. do 4.º Batalhão.

Em 1911, a 19 de maio é promovido a segundo sargento e, no ano seguinte, ainda em maio, contrai matrimônio com d.ª Ofélia Acritelli, filha de ilustre família residente em Santa Branca, neste Estado.

A sua fôrça de vontade era uma das grandes qualidades de Júlio Marcondes Salgado. Em dezembro de 1913 logra aprovação plena nos exames a que se submeteu no Curso Preliminar e logo no ano seguinte, é matriculado no 2.º ano do Curso Especial de Instrução Militar, o qual conclui em março de 1915, sendo então promovido ao posto de alferes.

Em janeiro de 1918 é promovido a 1.º tenente, por merecimento, sendo que, no mês subsequente, se submete a exames militares para o posto de capitão, conseguindo, ainda desta vez, aprovação plena.

Em 1920 é designado para reger a cadeira de Tiro, no Curso Especial-Militar, desincumbindo-se com brilhantismo desta missão.

Por ocasião da sedição militar da guarnição de Mato Grosso, no ano de 1922, com a tentativa de revolta de unidades do Exército, contra os poderes constituídos da Nação, tal foi a conduta de Júlio Marcondes Salgado que mereceu o seguinte elogio: — “Agradeço e elogio o 1.º tenente Júlio Marcondes Salgado, pela invejável disciplina com que se conduziu durante a rigorosa prontidão em que esteve, de 5 a 21 de julho último, por ocasião da sedição militar da guarnição de Mato Grosso, demonstrando assim ser merecedor da confiança do honrado Governador do Estado, pois, esteve sempre pronto para cooperar com os demais contingentes da Fôrça que seguiram para as fronteiras daquele Estado com as dêste, afim de garantir a autoridade constituída e defender a República”.

Nesse mesmo ano, foi-lhe conferido por S. M. o Rei dos Belgas, o diploma da Cruz de Cavaleiro da Ordem de Leopoldo II, e respectiva condecoração.

Em março de 1924 galga o posto de capitão, ainda desta vez por merecimento.

Nem bem havia terminado aquela fase crítica de nossa política interna, eis que surge outra luta fratricida dentro do território brasileiro, inquietando não só o nosso

Estado, como também a própria República.

Apesar dos esforços de dirigentes nacionais, a situação política continuava tensa, culminando, a 5 de julho,



Capitão Júlio Marcondes Salgado

com novo pronunciamento revolucionário, de proporções mais profundas.

Foi então nesse movimento sedicioso, já no posto de capitão, que Júlio Marcondes Salgado começa a se salientar entre seus camaradas, demonstrando a todos, comandados

é superiores, as suas excelentes qualidades de soldado e de chefe.

Legalista convicto, nas primeiras horas do dia em que deflagrou o movimento, apresenta-se às autoridades competentes das forças legais, passando nesse mesmo dia a colaborar na organização das primeiras defezas da Capital.

No dia imediato, recebe o capitão Salgado a missão de tomar a estação do Norte, que se encontrava em poder dos rebeldes, não o conseguindo devido à esmagadora superioridade numérica do inimigo, fazendo, no entanto, alguns prisioneiros.

Graças a essa sua ação desassombrosa e serena, a 7 daquele mês, após haver despachado munição para Campinas, na estação da Barra Funda, é incumbido de, com 12 homens, sob seu comando, reforçar uma tropa que já se encontrava sitiada na Usina de Light, à r. Paula Sousa.

Após algumas horas de renhido combate, consegue abrir, com aquele pequeno grupo de bravos, caminho entre o inimigo, instalando-se junto à tropa que já se encontrava sitiada naquela Usina.

Ali, juntamente com os demais, permaneceu até o dia 19, quando então foi obrigado a se render condicionalmente, em companhia de outro oficial, forçado pela falta de alimentos e de munição.

Esse feito, denominado em nossa história militar como "O Cêrco à Usina Paula Sousa", ressalta a atuação dos então capitães Júlio Marcondes Salgado e Joaquim Teixeira da Silva Braga.

Terminado o movimento de 24, à vista de sua conduta, recebe o seguinte elogio: — "Os senhores Doutores Presidente do Estado e Secretário da Justiça, louvam o capitão

Júlio Marcondes Salgado, pelo modo com que se portou na rebelião de 5 de julho último, conservando-se fiel ao Governo, defendendo esta Capital, as Constituições do Estado e da República, com inexcedível bravura, disciplina e patriotismo".

Cavaleiro exímio, em novembro dêsse mesmo ano, em um concurso inter-estadual, alcança brilhante vitória, honrando as nossas tradições hípicas.

A 4 dêsse mesmo mês, é promovido ao posto de major, ingressando assim no círculo de oficiais superiores.

A 5 de julho de 1925, comandando uma companhia do 3.º Batalhão de Infantaria, reprimiu, em Iacanga, neste Estado, um movimento revolucionário, capturando quase todos os sediciosos, dispersos pelos pontos mais retirados daquele município sertanêjo, cooperando, dêsse modo, para a pronta restauração da ordem e perfeita moral da legalidade.

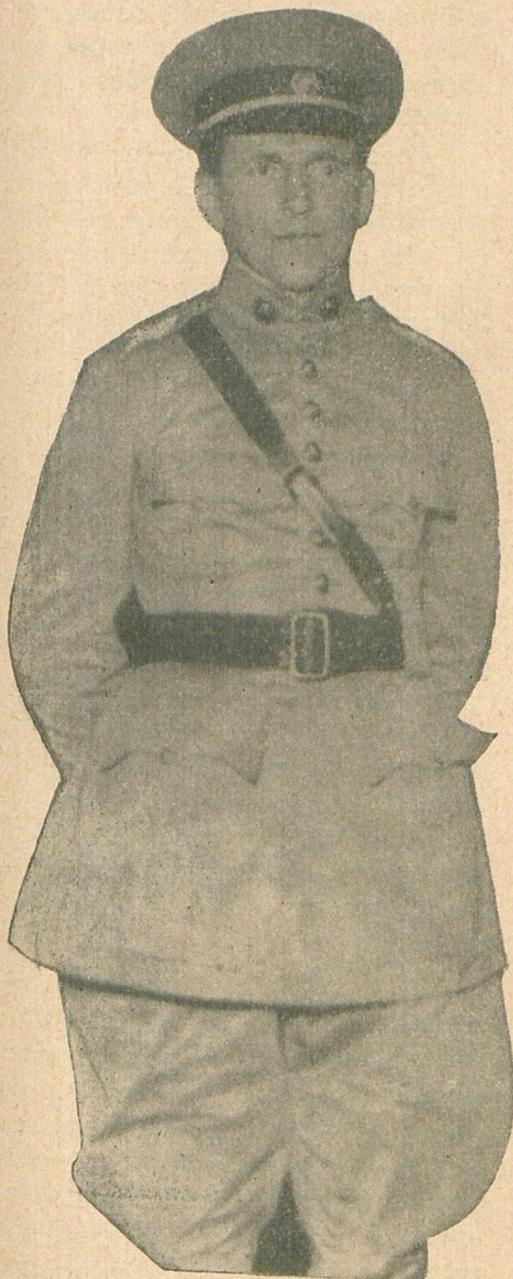
Em 1926, foi-lhe concedida a medalha da Legalidade e, em 1927, a de Mérito Militar — bronze.

Nêste último ano, lavra mais um bellissimo tento na história hípica paulista, consagrando-se vencedor da prova "Campeonato de Altura", saltando com o cavalo BOÊMIO, 1 metro e 85 centímetros de altura.

A 31 de maio de 1927 foi promovido ao posto de tenente coronel, passando então a comandar o Regimento de Cavalaria, unidade onde havia verificado praça como simples soldado, e na qual já havia também se destacado como cavaleiro de escol, colhendo vitórias as mais expressivas, não só para a Fôrça Pública, como ainda para o próprio Estado de São Paulo.

Em 1928, é novamente condecorado, porém, desta vez, com a medalha de ouro da Legalidade.

Nos últimos dias do mês de novembro de 1929, colhe o tenente co-



Coronel Júlio Marcondes Salgado

ronel Júlio Marcondes Salgado mais uma grande vitória para a Fôrça

Pública, no Campo de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Desta vez, trata-se do grande concurso hípico interestadual realizado naquele mês, na Capital Federal. Neste certame, em virtude de sua amplitude dentro do território nacional, tomaram parte várias equipes do Exército, da nossa Fôrça Pública, da Milícia Fluminense, da Brigada do Distrito Federal, da Sociedade Hípica Paulista e do Clube de Equitação do Rio de Janeiro.

Sôbre êsse grande feito do Hipismo Nacional, o Correio Paulistano de 4-XII-929 relata o seguinte: — “A atuação dos nossos cavaleiros do 1.º Regimento merece especial atenção, pois, com uma pequena representação de apenas cinco oficiais, conquistou galhardamente cinco vitórias, sendo uma delas a de maior vulto, em sua expressão hípica. Foi essa prova a de energia, denominada “Presidente da República”, levantada magistralmente pelo comandante Salgado, um dos mais simpáticos e entusiastas cavaleiros que honram o hipismo paulistano. Tal prova foi disputada por vinte e sete concorrentes e se compunha de oito obstáculos com altura máxima de um metro e cinquenta centímetros, sendo o vencedor da mesma o cavalo *Trust*”.

Como tenente coronel, Júlio Marcondes Salgado exerceu tôdas as funções inérentes a êsse posto, até o dia 23 de maio de 1932, quando foi nomeado, por decreto do exmo. sr. Secretário da Justiça, Comandante Geral Interino da Fôrça Pública do Estado de São Paulo.

Dois dias depois dessa nomeação é então promovido ao posto de coronel e nomeado Comandante Geral.

Com essa promoção e aos 41 anos de idade, atingia Júlio Marcondes

Salgado o posto máximo da carreira que abraçara.

O destino, porém, não quis que a carreira cintilante desse notável militar se encerrasse como tantas outras. Júlio Marcondes Salgado, predestinadamente, estava designado para ser um dos guias dos ideais do povo bandeirante, na campanha patriótica de reconduzir a Nação ao regime Constitucional, pois, naquela época o sistema político nacional, outro não era senão o ditatorial, centralizando-se o poder nas mãos de um único homem.

Idealista que também era, Júlio Marcondes Salgado, naquele momento difícil de sua vida de soldado e de homem público, soube concentrar a confiança popular em sua pessoa, graças às suas qualidades extraordinárias. E, à frente da Fôrça Pública, no dia 9 de julho daquele ano, lança-se, juntamente com o povo paulista, no MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA, destinado a dar normas legais ao povo brasileiro.

O esforço inicial é tremendo e o Movimento Constitucionalista toma rapidamente vulto. Eis, porém, que chega o dia 23 de julho e com êle a fatalidade que, num gesto inopinado, rouba a vida daquele notável chefe, tombando vitimado pela explosão de uma granada de bombarda.

Pela carótida do Comandante Salgado jorrou o sangue e, com êste, a vida de um bravo que tombava no cumprimento do dever. E o Governador do Estado, reconhecendo o seu sacrifício, decreta: — “Considerando que o coronel Júlio Marcondes Salgado, Comandante Geral da Fôrça

Pública do Estado de São Paulo, no decorrer de sua vida militar, através de todos os postos e de tôdas as armas, sempre se revelou um militar exímio, sereno cumpridor de seus deveres, o que lhe valeu a estima de seus comandados e de todo o povo paulista;

— considerando que, neste momento histórico da vida paulista representou papel de singular relevância, pelo que bem mereceu as considerações e honras, com que foi distinguido, prêmio de um trabalho realizador e fecundo, no qual revelou a têmpera do velho caráter bandeirante;

— considerando que encontrou a morte, no dia de hoje, quando cuidava de dar às Fôrças do Exército Constitucionalista novos meios de eficiência e de garantia da vitória da nobre causa por São Paulo abraçada;

— resolve, nos termos do decreto n.º 5.602, de 23 de julho de 1932, considerar promovido ao posto de General Comandante da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, o coronel Júlio Marcondes Salgado — (aa) Pedro de Toledo — Waldemar Ferreira”.

\* \*

Batalhador incansável, Júlio Marcondes Salgado só cessou de lutar quando tombou trágicamente no campo da luta, no cumprimento do dever, havendo deixado, no entanto, pelo caminho que trilhou em vida, um rastro luminoso a ser seguido por aqueles, que como êle, estão prontos a dar a própria vida por um ideal e pela Pátria.

# CANDEIAS, promessa de um Brasil melhor!

*Ten. Carlos Romano Machado*

O petróleo nacional é o assunto do momento. Em tórno dêle giram os debates mais acalorados da atualidade; para defender esta ou aquela forma de encarar o que respeita à sua exploração, surgem as mais desencontradas opiniões. Sinceras umas, simplesmente obtusas e até mesmo grosseiras na sua falsidade, outras.

Não fôra a absoluta convicção que temos da existência do petróleo em nossa terra, e não teríamos o menor desejo de entrar em tão debatido e discutido assunto. Abordá-lo, para nós, é um dever imperioso, é uma questão de consciência.

Uma viagem a Candeias, localidade pobre, à orla do Salvador, foi quanto nos bastou para a formação de uma convicção: o petróleo existe, e existe para minorar a situação angustiosa da gente brasileira.

A própria Candeias, na sua minúsculosidade, está a proclamar a asserção. A sua gente, como tóda a gente nordestina, vive como que esquecida de Deus e dos homens; faltam-lhe roupa, remédio, habitação decente e, o que é mais desolador, alimentação. Vestes andrajosas, pés descalços, corpos ressequidos e minados por tóda a sorte de doenças, é o quadro que nos apresenta uma população que vive da carne sêca e da farinha de mandioca.

E' ainda em Candeias, em templo modesto, como mais do que mo-

desta é a cidade, que se encontra a milagrosa imagem da Nossa Senhora das Candeias. À ela, continuamente, recorrem os crentes suplicando-lhe remédio para o corpo; fé, esperança, amor para o espírito. De suas Santas Mãos, uma longa fita azul serve de depositário ao beijo terno e humilde do crente. Por certo, condoída, martirizada pela dor dos seus pobres filhos, a Santa, num rasgo de piedade, fez com que brotasse da terra o jato negro do líquido redentor. O petróleo, bem econômico por excelência, traria àquela gente os elementos indispensáveis a tornar-lhes a vida à altura da sua condição de criaturas humanas. Nem é possível admitir-se que o homem, feito à imagem de Deus, possa permanecer indefinidamente em condições tão precárias de existência.

O petróleo, pelo que representa no mundo atual, é a síntese da satisfação de tódas as necessidades humanas: alimento, roupa, habitação, a par de hospitais, escolas e estradas.

Estas devem ter sido as razões que levaram a Santa a realizar o maior dos seus milagres: borrifar os olhos incoerentemente incrédulos da nossa gente com aquele líquido negro, viscoso...

Quando o pensamento esbarra em números, aí êle se detém. Por isso, vamos aos números.

Há, em Candeias, cinqüenta poços perfurados e dêstes, mais de quaren-



O poço C-14, em franca produção em Candéias, é um dos marcos iniciais de independência econômica do Brasil

ta em produção! E' esta uma cabal resposta àqueles que, bem ou mal intencionalmente, proclamam que de cada mil perfurações, uma conduz a resultados positivos.

Informaram-nos, no local, ser de noventa mil cruzeiros, em média, as despesas com brocas para a perfuração de um poço. Conseqüentemente, é falsa a afirmativa de que a perfuração de um poço atinge a algumas centenas de milhares de cruzeiros.

Soubemos ainda que, em média, os poços perfurados em Candeias giram pela ordem de 300 metros de profundidade; portanto, muito aquém dos dois milhares de metros, como procuram nos fazer crer os "técnicos" que vêm brotando da terra com uma fertilidade só comparável à dos cogumelos.

Candeias tem, atualmente, uma capacidade de produção de nove mil barris diários. Para estabelecermos comparações, iremos lançar mão de dados estatísticos encontrados na Geografia Econômica do Prof. Alfredo Ellis Jr.

A produção dos Estados Unidos é de 3.420.670 barris diários! Comparando-se esta cifra com os 9.000 barris de Candeias, concluiremos que a atual capacidade de produção de petróleo nacional representa uma gota num oceano. A esta conclusão, cantarão hosanas aqueles que não crêem no nosso petróleo. Porém, com um piparote, destruiremos tal alegria insana: o que nos interessa não é produzir mais ou em igualdade com os Estados Unidos; o que nos interessa é produzir à altura do que consumimos! Nossas pretensões, no momento, não devem ir além das

nossas necessidades presentes e, se assim encararmos o assunto, veremos que essa gota é, para nós, um oceano. De fato, 9.000 barris diários correspondem a 3.240.000 barris anuais. Importamos, entre petróleo bruto e seus derivados, cerca de 1.200.000 toneladas anuais, das quais, 361.000 de gasolina.

Sabendo-se que o teor médio de gasolina existente no petróleo bruto é de 20%, concluiremos que os 3.240.00 barris da nossa produção atual correspondem a 648.000 barris anuais de gasolina; sendo de 200 litros a capacidade de cada barril, e tomando-se a gasolina com a densidade de 0,8, compreenderemos de imediato que, da refinação do petróleo atualmente passível de exploração em nossa terra, resultarão 103.680 toneladas daquele derivado, ou seja, aproximadamente, 30% da gasolina que atualmente importamos.

Vemos assim, à luz dos números, que a gota não é tão pequena como nos pretendem fazer crer.

Com as atuais instalações existentes em Candeias, é possível o aproveitamento de 4.000 barris diários; óbvio é dizer que, melhorando-se tais condições de captação, poderemos atingir o total da produção, ou sejam os 9.000 barris. Para fins de setembro, deverá entrar em funcionamento, em Candeias, a nossa primeira refinaria. Sua capacidade será para 2.500 barris diários e o seu custo é de cerca de 50 milhões de cruzeiros. Quatro refinarias idênticas a esta dariam para refinar todo o petróleo produzido em Candeias, e isto nos custaria 200 milhões de cruzeiros.

Outro argumento com que pretendem ofuscar as nossas reais possibi-

lidades de nos bastarmos no que respeita a petróleo, é a afirmação de que, para explorá-lo, foram invertidos, nos Estados Unidos, capitais que remontam a 5 vezes a moeda circulante em nosso País. Tal argumento é simplesmente digno de lástima, pois pode ser posto por terra de imediato. A produção norte-americana corresponde a 60% da produção mundial de petróleo; a seguir, vem a Venezuela, com 10% da produção mundial. Pergunta-se: temos necessidade de igualar a qualquer dos dois países? Claro que não. O que interessa, a nós brasileiros, é a satisfação das nossas necessidades; a conquista de mercados externos é coisa para o futuro e agora só cogitamos do presente. Logo, para que tanto dinheiro? . . .

Mais simplórios, porém, são aqueles que descrevem das nossas possibilidades, argumentando com o preço de venda das águas minerais! Esquecem-se de que o fator preço está intimamente ligado ao fator consumo; esquecem-se ainda que o método empregado no comércio de tais águas é o mais dispendioso possível: fretes sobre vasilhames cheios, fretes de retorno sobre vasilhames vazios. Quem paga este vai-e-vem é o consumidor. Poderíamos acenar a tais argumentadores com as seguintes perguntas: Por que a água potável não custa tanto quanto a mineral? Por que a gasolina nacional não custará o que custa a água potável?

Devemos ter presente que Candeias não é a solução do problema; Candeias é apenas um aceno da solução. O petróleo existe não só na Bahia, e nesta, não só em Candeias. A sua presença já foi constatada em

Alagoas, Ceará, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. Isto é o que sabemos! O que não haverá por saber-se?

Conhecidos tais elementos, ainda que estimativos, não nos ocorre a menor dúvida de que há, no País, recursos econômicos suficientes para a exploração do nosso petróleo. Explorá-lo em favor da nossa gente não é somente um dever, é antes uma necessidade imperiosa.

Para que se possa aquilatar, ainda pàlidamente, da importância do petróleo na economia mundial, basta lembrar que veio êle ocupar o lugar antes reservado ao carvão.

O homem, para viver, procura na natureza os elementos básicos à satisfação das suas necessidades; tal satisfação é traduzida em matéria e energia. Ao tempo da primeira Grande Guerra, a obtenção desta última tinha o seu forte no carvão; a máquina a vapor ganhara terreno e, para movê-la, necessário era o carvão. Assim é que o carvão, como poderoso tirano negro, impôs fronteiras, ditou e realizou guerras.

Foi para atender às necessidades da condução da guerra que buscou-se um substituto para o carvão, o qual foi encontrado no petróleo. O motor de explosão substituiu as caldeiras e o novo tirano se impôs à humanidade. Capaz de proporcionar maior rendimento, mais cômodo ao transporte, mais limpo, o petróleo teria que vencer ao carvão, vencendo-o realmente.

Para a sua exploração dois grandes blocos são formados: um, norte-americano, representado pela Standard Oil Company; outro, inglês, sintetizado na Royal Dutch Shell.

Não é pois de estranhar que a vida econômica dos povos passou a gravitar em torno dos Estados Unidos e da Inglaterra. Para fugir-se à sua órbita de atração, necessário se faz que se possua petróleo e que se o explore em proveito próprio.

Sendo de tal revelância a solução do problema, justo é admitir-se que de tôdas as camadas sociais ergam-se vozes emitindo esta ou aquela opinião.

Não cuidaremos de emitir opinião sobre quem deva explorá-lo em Nossa Terra: se o capital oriundo da iniciativa particular, se o próprio Estado, mediante o estabelecimento de um monopólio. Porém, uma coisa nos cumpre afirmar, como brasileiro que somos:

*"O petróleo nacional só deve ser explorado em benefício único e exclusivo da gente brasileira".*

Se não formos capazes de explorá-lo convenientemente no presente, deixemo-lo onde está. Não temos, em absoluto, o direito de privar nossos descendentes de conhecerem dias melhores, sem sub-alimentação, sem as misérias e necessidades que tornam grande parte da nossa atual população, criaturas que vivem um arremêdo de vida!

Se não for dado proporcionar um pouco de conforto às camadas menos favorecidas da nossa gente, deixemos aos pósteros a oportunidade de fazê-lo. Guardemos, avaramente, o petróleo. Dias melhores hão de vir. Candeias é a promessa de um Brasil melhor!

## R. MONTEIRO S. A.

— A tradição no comércio de tecidos —

Apresenta a casemira ROTEIMON,  
em lindas padronagens ao preço de  
**Cr \$ 135,00 o metro.**

MATRIZ — Av. Rangel Pestana, 44 (esquina da 11 de Agosto)

CAIXA POSTAL, 1646 — SÃO PAULO

UMA FILIAL EM CADA CANTO DA CIDADE

# A Fôrça Pública e sua missão em face das leis que a regem

Cap Otávio Gomes de Oliveira

Remontando-nos ao ano de 1897 achamos definida a missão da Fôrça Pública, como abaixo especificamos.

Disponha o decreto 437, de 20 de março daquele ano que a Brigada Policial tinha "a seu cargo o serviço de manutenção da ordem e da segurança da Capital, em Santos e Campinas, INCUMBINDO-SE DE OUTROS EM QUALQUER PONTO DO ESTADO", quando assim se tornasse preciso e daria as fôrças para as guarnições rondas e patrulhas. Pelo art. 2.º do mesmo decreto era determinado que ela ficaria "à disposição das autoridades policiais para os serviços a elas especialmente incumbidos".

Estabelecia o § 1.º do art. 81 que o comandante de estação — corresponde, hoje, ao comandante de posto ou destacamento — devia fazer, "de acôrdo com a autoridade respectiva, o policiamento do distrito em que servisse, não intervindo, porém, de modo algum, nas atribuições dessa autoridade ou de qualquer outra, limitando-se a prestar-lhe o auxílio que fosse mister para o serviço, quando requisitado".

Definia o decreto 438, da mesma data e ano, que competia à Guarda Cívica da Capital, "além dos serviços que lhe fossem determinados, teria a seu cargo a vigilância contínua da parte central da cidade e dos di-

vertimentos, festejos e solenidades públicas".

Finalmente, o decreto 439, ainda da mesma data e ano, deferia à Guarda Cívica do Interior, a missão de ter "a seu cargo o serviço de policiamento de todo o Estado com exceção da Capital, Santos e Campinas".

Apesar de vários reajustamentos por que passou a Fôrça Pública na questão de nome e organização, essa foi a missão da nossa Fôrça. Foi dentro dessa missão que a encontramos, isto é, zelando, sempre, pela manutenção da ordem, tranqüilidade e segurança do Estado.

Seus efetivos que foram fixados em 1898, em 5.178 homens, para uma população que orçava em 2.282.000 habitantes, dava u'a média de 421 habitantes para cada soldado.

Êsses efetivos cresceram proporcionalmente com a população do Estado, até o ano de 1926, época em que alcançou o número de 14.254 homens, para uma população que também tinha ascendido a 5.550.000 almas, cabendo então 397 habitantes para cada policial.

A Fôrça Pública estava no apogeu de sua glória. Prestigiada pelas autoridades federais e estaduais. Querida pelos paulistas e paulistanos que se orgulhavam da organização que

sustentavam. Estimavam a sua Fôrça Pública porque a presença de seus elementos, onde quer que fosse, propiciavam-lhes, sempre, um ambiente de tranqüilidade, segurança e proteção, necessárias ao seu progresso.

O prestígio de que gozava a Fôrça em relação à União, advinha da cooperação prestada em várias ocasiões, para restabelecer a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública alteradas.

Graças a êsses serviços extraordinários e de inestimáveis valia, que a União houve por bem considerá-la auxiliar do Exército Nacional de 1.<sup>a</sup> linha, conforme se via do acôrdo firmado entre a União e o Estado, publicado no Diário Oficial da União de 29 de setembro de 1917.

Se a Fôrça tinha uma organização para-militar nessa época, após êsse acôrdo maior intensidade foi imprimida então à instrução dos seus elementos, pois a sua posição estava perfeitamente definida perante a União.

Novas diretrizes são traçadas. Sua eficiência é notória. Seus quadros mais selecionados.

Devido a êsse preparo cuidadoso e objetivo que vimos a Fôrça escrever, no ano de 1924, uma página fulgurante nos fastos da história nacional. Muitos foram os que tombaram em holocausto à defesa da ordem e do poder legalmente constituído, ao restabelecimento do sossego e do bem públicos.

Recebe, então, armas adequadas às lides guerreiras. Metralhadoras modernas, canhões e uma possante esquadrilha de aviões.

Mas, devido ao movimento de 1924 ter se irradiado pelos mais longínquos estados, a Fôrça foi posta à disposição do Governo Federal e enviada para os estados de Goiás, Bahia, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em missões que lhe conferiu o acôrdo da União com o Estado.

Sua principal missão — a policial — sofreu solução de continuidade, pois muitos foram as unidades empenhadas em operações de guerra.

Vem dessa época a criação da Legião Paulista, composta de voluntários orientados pela própria Fôrça, afim de fazer face ao policiamento, especialmente no interior do Estado.

A Legião Paulista teve a sua situação legalizada pelo artigo 22, da Lei 2.051 de 31 de dezembro de 1924 e êste inciso previu o seu emprego, não só no policiamento, como, também, nos serviços de guerra.

Com base nesse mesmo artigo, vemos surgir, com a lei 2.141, de 22 de outubro de 1926, a Guarda Civil, como auxiliar da Fôrça Pública.

Esta Corporação passou a ter a incumbência que tinha os 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> Corpos da Guarda Cívica, extintos pela lei 2.051 já referida, que reorganizou a Fôrça para o ano de 1926. Por esta lei, a Fôrça teve os seus efetivos dobrados, contando 10 Batalhões de Infantaria e 2 Regimentos de Cavalaria.

Marca, pois, o movimento de 1924, o apogeu do militarismo da Fôrça Pública e o início do desvirtuamento da missão principal para a qual foi criada.

A Fôrça, da órbita estadual passou à nacional. Cresceu em eficiência

bélica a ponto de se tornar verdadeiro exército para a época.

Tudo era realizado no sentido de aparelhá-la para o cumprimento de sua missão secundária. Sua organização e distribuição de efetivos que até então obedecia ao imperativo da necessidade policial, passou a moldar-se aos padrões do Exército.

E' nessas condições que a encontramos em 1932, quando se tornou o sustentáculo da Revolução Constitucionalista.

Mas, o exemplo de disciplina e eficiência bélica demonstradas pela Fôrça Pública na sua missão de fôrça auxiliar, produziram resultados nefastos à sua sobrevivência.

A partir dêsse ano tudo começou a lhe ser adverso. De um lado, as Fôrças Armadas tornaram-se uma organização pujante e perfeitamente aparelhada para a sua missão de salvaguarda da integridade moral e territorial da Nação. De outro lado, leis asfixiantes e controles de toda espécie foram criados de modo a impedir que a Fôrça viesse a frondear novamente. Si a Fôrça regrediu na sua marcha para o progresso na sua missão secundária, contudo as portas continuaram abertas para a sua missão precípua.

São Paulo progrediu vertiginosamente. A população cresceu grandemente. O Município da Capital se estendeu e cobriu de novas construções toda a zona suburbana e períméto rural. Dezenas de novas cidades surgiram pelo interior do estado. A indústria e o comércio se multiplicaram.

Com essa evolução extraordinária em todos ramos da atividade humana, cresceram, também, as necessida-

des policiais. Porém, o órgão encarregado de velar, diuturnamente, pelo scssêgo e tranqüilidade públicos estava desaparelhado para cumprir a sua missão, quer em número de homens suficientes, quer em armas adequadas ao exercício do nobre mister.

Surgiam pedidos de todos os pontos do Estado, reclamando não só a criação de novos destacamentos policiais, como o aumento de efetivos de vários deles. Essas necessidades ou não eram satisfeitas, por falta de elementos ou o eram em escala tão parcimoniosa que nenhum benefício trazia.

E' esta a situação da centenária Fôrça Pública. Efetivos reduzidos para fazer face às necessidades policiais. Vencimentos reduzidos em relação à média do percebido pelo operariado em geral. Impedida de alistar voluntários visto a atual lei do Serviço Militar não permitir a formação de reservistas, muito embora a Constituição da República, de 18 de setembro de 1946, considerasse as Fôrças Policiais auxiliares das Fôrças Armadas e, como tais, reserva do Exército.

Urge, portanto, tudo fazermos para voltarmos ao tempo em que éramos o orgulho dos Paulistas, graças ao testemunho que dávamos, pois aonde estivesse um soldado, fosse na cidade ou no bairro, nos lugarejos ou nos campos, éramos o penhor seguro de que a ordem e a tranqüilidade estavam asseguradas.

Como retornarmos a êsse ponto, do qual não deveríamos nos ter afastado? Só através do trabalho inteligentemente orientado no sentido da missão principal da nossa organiza-

ção, pois, qualquer organismo só poderá sobreviver se atender ao fim principal para o qual foi criado.

Para isso há necessidade que a nossa Fôrça fique moral, material e tecnicamente aparelhada para bem desobrigar-se de sua missão.

Dotá-la de elementos moralmente capazes, através duma seleção rigorosa de seus homens, utilizando-se, para isso, dos modernos conhecimentos que a psicologia oferece, os quais, convenientemente adaptados e aplicados, seriam a primeira e necessária triagem que limitaria, de muito, o número de desajustados sociais, visto que grande tem sido a quantidade daqueles que, pela incompatibilidade temperamental, deslustraram o nome glorioso da nossa querida Fôrça.

Provê-la, materialmente, de moderno e apropriado aparelhamento para o policiamento. E' necessário não nos esquecermos que a arma por excelência do policial tem que ser

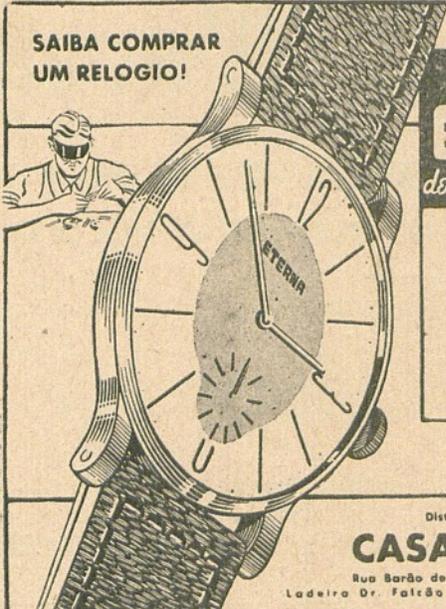
o bom senso e o tato ao lidar com o público, pois a sua missão é preventiva. A repressão só deve ter lugar quando o apêlo à razão tiver deixado de produzir os frutos esperados.

Prepará-la, tecnicamente, por meio duma instrução racional, visando inculcar ao policial os conhecimentos que o habilitem a resolver com inteligência e justeza as ocorrências que surgirem, de modo que os seus atos se ajustem, sempre, com o dispositivo legal, norteador das suas ações.

Só assim a Fôrça voltará ao seu lugar, perfeitamente definido nas Constituições Federal e Estadual.

Importa que em todo lugar do território do Estado, por mais distante que seja, desde que necessário, vejamos o nosso soldado, como o lídimo representante da ordem e da tranqüilidade públicas, de vez que a Fôrça Pública é o único e principal órgão encarregado de propiciar ao povo paulista, ambiente favorável à sua vida laboriosa e progressista.

**SAIBA COMPRAR UM RELOGIO!**



*Porque um*  
**ETERNA**  
*deve ter a sua preferencia*

porque na sua fabricação emendada foram cuidadosamente observadas todas as partes que dão a um relógio uma garantia absoluta

- Funcionamento perfeito pelo seu delicado maquinismo
- Proteção contra a poeira
- Anti-magnetismo
- Amortecedor de choque, criado e patenteado por ETERNA.

*E por isso que afirmamos.*

que ETERNA é o relógio de "precisão protegida"

Distribuidores exclusivos:  
**CASA OINEGUE**  
Rua Barão de Itapetininga, 81 - Fone 4-7238  
Ladeira Dr. Faício Filho, 73 - Fones 2-7271 e 2-7240

TECIDOS, VESTUARIOS E \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ ARMARINHO POR ATACADO

COMPANHIA DE TECIDOS ANTINORI

R. Florencio de Abreu, 328  
Telefones: 2-5633 e 3-7886

São Paulo

End. Teleg. "Antinori"  
Caixa Postal, 1087

CERA

Boreal

PARA SEU ASSOALHO

**UM PRODUTO RECOMENDADO**

**PARA O ASSEIO E HIGIENE DE SEU LAR - A base de D.D.T.**

FABRICANTES:

**ELF. INDÚSTRIA E COMÉRCIO S/A**

Rua Zacarias de Góis, 1800 — Campo Belo — (Sto. Amaro)

Esc. Rua Líbero Badaró, 561 — 3.º S/302 — Fone 6-4535

————— SÃO PAULO —————

# OS IMORTAIS

(Palavras do 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho, proferidas no cemitério "S. Paulo", por ocasião das solenidades comemorativas do 16.º aniversário da morte do Gen. Salgado).

Mais uma vez, a Fôrça Pública de São Paulo, representada pelos seus oficiais, sargentos e praças, aqui está, nesta necrópole, em romaria singela porém, eloqüente, para reverenciar a memória dos seus bravos, tombados numa eclosão que foi a mais legítima das reações opostas por um povo, à ditadura, na defesa do direito e da liberdade.

Parece-nos que a 23 de Julho de cada ano, há uma como que pausa intencional, nas atividades diuturnas dos quartéis paulistas. É, senhores, que neste dia a Milícia Bandeirante, contrita mas glorificada, vê desfilar a extensa coluna dos seus heróicos mortos, à frente dos quais, vem a-quele que foi o porta-estandarte da bandeira de reivindicações liberais em São Paulo — o inesquecível General Júlio Marcondes Salgado.

No transcorrer de cada período de 365 dias, 23 de Julho é refrigério, é exortação, aos abatidos pelas lutas contínuas e intensas, desconhecidas dos que estão além dos muros dos quartelamentos.

Hoje, ao vê-los na imaginação, passar garbosos, eretos, olhos fitos no horizonte da Pátria — onde vislumbravam o raiar da aurora da liberdade — transportamo-nos para os dias daquela jornada incomparável, que foi a mais vibrante manifestação de civismo da história brasileira, numa pujante prova de amor ao Brasil e a São Paulo. A essa recordação — fonte perene de novas fôrças — os combalidos se refazem

e se aprestam para a prossecução da luta de alicerçamento nacional, semelhantes voltados para o pavilhão paulista, em cujo canto superior esquerdo — lado do coração — se acha estampada a efígie sagrada da Pátria, a recordar o Brasil entre a cruz de estrêlas douradas, que marcam a foz do Orenoco e a do Jaguarão-Chuí; o cabo Norte e o forte estratégico de Tabatinga, pontos extremos e intransponíveis ao estrangeiro que tente macular nossa soberania.

Recordando os heróis e mártires desta epopéia, acode-nos à lembrança a figura daqueles valorosos representantes da mocidade acadêmica paulista, a qual, como que levada por um determinismo histórico, foi a primeira a se insurgir contra os desmandos dos usurpadores do poder, gravando no coração de São Paulo, indelêvelmente, na memorável noite de 23 de Maio de 1932, estas letras: *M.M.D.C.A.*, que são bem a imagem de cinco plantadores de ideais. A 9 de Julho, ao toque de reunir da Família Bandeirante, seus filhos ergueram-se intrépidos dos quatro cantos da Terra de Piratininga, e acrescentaram, à brilhante História Pátria, páginas de cintilações inigualáveis. Quando se coloca a energia da natureza moral, como protesto genuíno pelo atentado à razão pela sonegação do direito, nasce a idéia da luta em prol do bem coletivo. Foi, portanto, a reação, que não poderia deixar de vir de um povo nobre e culto, consciente das suas



Aspécto das comemorações junto ao túmulo do Gen. Salgado  
Além do oficial que falou em nome da Fôrça Pública, fizeram uso da  
palavra, representantes da Associação dos Ex-Combatentes de  
São Paulo, do Clube Piratininga.

tradições liberais. “Resistir à injustiça é dever do prejudicado: indivíduo, agrupamento, sociedade, Estado, Povo, porque o homem sem direito apoiado em lei, desce ao nível dos brutos”, segundo afirma o sábio professor da Universidade de Viena, Rudolph Ihering, no seu livro “A Luta Pelo Direito”.

Se os magistrados que protegem a lei são alijados do Templo da Justiça, então cabe à Fôrça reintegrá-los em seus postos, para que a vida volte à normalidade, não importando o número de heróis que junquem

os campos de batalha, na defesa dos postulados do Direito. Neste caso, não é o Direito da Fôrça que perdura, mas é a Fôrça a serviço do restabelecimento do Direito.

Eis, ligeiramente, por que nos batemos em 32. E foi porisso que São Paulo levou em holocausto ao altar da Pátria, os corpos de tantos filhos amados, que se bateram pelo império da Lei, enxotada dos tribunais e perseguida pelas estradas, onde o eco das palavras de Rui, erguia as massas para que elas não formassem ao lado dos inanimados ou dos mercenários.

À frente do cortêjo de heróis, aí está o General Paulista que, precisamente há dezesseis anos, deixou o mundo dos vivos para passar pelos umbrais da imortalidade.

Júlio Marcondes Salgado, pela bravura, pelo caráter inflexível, pela elegância moral, era o chefe talhado a, naqueles dias obscuros, conduzir a nossa Corporação aos seus mais alevantados fins.

Os contemporâneos, num preito de admiração e justiça, deram seu nome a ruas e praças de cidades paulistas. Há mesmo, entre os municípios bandeirantes, um que ostenta o seu glorioso nome.

Os pósteros — a um soldado como êste, a um cidadão como Marcondes Salgado — levantarão, certamente, um monumento em praça pública, porque êle perpetua, pelo exemplo — a intrepidez de uma raça; pela fé — o ideal de um povo; pela abnegação — a coletividade, que tão bem dirigiu nos momentos mais trágicos e gloriosos da vida de São Paulo. E quando a tua estátua, General, sôbre supedâneo granítico, ornamentar uma das praças paulistanas, sejam poucas as flores da paulicéia, para se transformarem numa chuva de pétalas, como coração da tua e da imortalidade dos teus companheiros, tombados na legendária arrancada.

Nobre General! em sendo tu a encarnação legítima de um povo oprimido, que desejou ardentemente a liberdade; em sendo tu o destemido representante daqueles que se laram com a vida o anseio para o retôrno do Brasil ao rítimo da Lei;

ao 16.º ano do teu ingresso no Panteão da glória, permita que o escolteiro sentinela de um hospital de sangue, daqueles dias de vibração cívica, e, hoje, soldado da mesma milícia que dignificaste com o teu exemplo, perfile-se e, mais uma vez, preste a continência de profundo respeito, dos que integram as fileiras da Fôrça Pública, enquanto o clarim, soturnamente, toque o silêncio, após as salvas simbólicas dos fuzis que defenderam a liberdade brasileira.

General Júlio Marcondes Salgado, heróico vencido de ontem, porém, magnífico vencedor de hoje, recebe da tua Fôrça Pública, a mais terna homenagem.

## FOTOGRAFIA "BERNARDO"

FUNDADA EM 1890

*Executa-se com perfeição qualquer  
Trabalho concernente à Arte*

*Especialidade em Ampliações em tons  
escuros e sépia, coloridos a óleo e pastel*

**ARTHUR SCHMIDT**

— Atendem-se chamados a domicílio —

— Reprodução de retratos antigos —

TELEFONE: 4-5576

RUA SÃO CAETANO, 447

SÃO PAULO

# Coronel José Sandoval de Figueiredo

---

Faleceu o coronel José Sandoval de Figueiredo. Tremem as páginas de "Militia" ao registrar o doloroso acontecimento, como tremeu a mão do redator ao coligir esta nota.

A morte é uma realidade irretorquível, nesta existência ilusória e

passageira. Nascer, crescer, constituir família, morrer, são fases naturais da vida humana. No entanto, encaramo-las de modo diferente. As três primeiras recebemos com festas; a última, com lágrimas e desolação. A ciência nos ensina que a



morte é uma grande verdade, mas a verdade é que nos falta a necessária força para compreendê-la. E como compreendê-la, como justificá-la, se ela, indiferente e impiedosa, de um momento para outro, rouba os nossos entes mais caros? Se ela, com a rapidez do raio, corta o fio da nossa existência, como o fez, na madrugada de 17 de agosto, com aquela figura inconfundível de cidadão e de soldado que "Militia" foi buscar, na quietude de um lar honrado, para o supremo posto de sua direção?

"Militia" está de luto. Veste-se com o mesmo crepe que envolve a Força Pública e a sociedade paulista, também feridas, fundamente, com o desaparecimento do coronel José Sandoval de Figueiredo, varão eminente que dignificou a farda, honrou a família e ilustrou a sociedade.

O saudoso diretor de "Militia" nasceu em Alegre, município de Carinhanha, no Estado da Bahia, a 14 de janeiro de 1880. Seus pais — o Sr. João José de Figueiredo e D.<sup>a</sup> Carlota de Oliveira Figueiredo — eram dois sertanejos de lei. Lá mesmo, nos pátrios lares, fez os seus estudos primários e recebeu os tesouros da educação patriarcal, tão em voga naqueles rincões. A sinfonia das águas do São Francisco e a graça da corrente do Carinhanha, a se cruzarem bem próximo da sua cidade natal; a vegetação luxuriante; as florestas seculares, a Cordilheira do Ramalho, de cimos alcantilados, que percorrem o município, insulado por correntes líquidas e situado na justa posição de dois vales; tudo isso dá um encanto singular àquele trecho da terra baiana onde passou

a infância e a juventude. Se o homem sofre as influências do ambiente, como afirmam os cultores da Sociologia, é certo que aqueles cenários aprazíveis tiveram atuação benéfica no seu destino. Trazia nas veias o mesmo sangue impetuoso que palpitava nas artérias dos integrantes do Exército de D. Marcos Teixeira, de atuação decisiva na expulsão do invasor flamengo, da Cidade do Salvador; herdada de seus avoengos, os heróis de Pirajá, atributos inestimáveis de valor e patriotismo.

Aos primeiros anos de sua adolescência, transferiu-se para São Paulo. Aqui completou a sua educação, desenvolveu a sua inteligência e aprimorou o seu espírito. Um fadário providencial apontou-lhe os umbrais dos quartéis da Força Pública e a 17 de janeiro de 1899, ei-lo envergando a farda gloriosa que já havia conquistado louros imperecíveis nas chapadas de Mato-Grosso e nos pantanais do Chaco. Não é preciso ter a intuição de um profeta para vislumbrar, à distância, nas alternâncias do passado, a importância das jornadas memoráveis, das campanhas do Paraná e de Canudos, em 1893 e 1897, da então Brigada Policial de Piratininga, na decisão do moço idealista da terra de Castro Alves e Rui Barbosa, ao atender às instâncias de uma voz interior, ao sancionar os reclamos de sua vocação.

Subiu, de cabeça alevantada, com verticalidade intangível dos fortes, todos os degraus da hierarquia militar. Foi alferes, a 10 de fevereiro de 1906; tenente, a 12 de maio de 1908; capitão, a 12 de maio de 1910; major, a 14 de janeiro de 1918; te-

nente coronel, a 16 de janeiro de 1923, e coronel, a 4 de novembro de 1924. O cumprimento sagrado do dever, bússola de sua fé e clarão de sua crença, de um lado, e os estudos, um desejo ardente de saber sempre mais, do outro, constituíram as armas do seu triunfo, os fatores de tão vertiginosa ascensão. A Fôrça Pública sempre constituiu excelente campo para a revelação de valores. Nossas fileiras, já se afirmou alhures, com muita propriedade, sempre têm sido um convite permanente aos que desejam lutar, um estímulo constante aos que pretendem vencer. José Sandoval de Figueiredo, com a imaginação povoada de castelos, cheio de fé, de vigor e de mocidade, compreendeu, certamente, o meio em que estava e lutou. Lutou e venceu.

A Fôrça Pública conferiu-lhe as maiores honrarias, os florões máximos que reserva aos servidores eminentes, culminados com o posto soberano de sua escala hierárquica, premiando, com justiça, méritos indiscutíveis. Dele recebeu, em profusão, serviços da mais alta relevância, nas horas tumultuosas de comoção intestina, como nos momentos serenos do país. A ordem, a disciplina, o princípio da autoridade constituíram pontos indiscutíveis de sua vida militar. Foi sempre soldado e soldado da lei. Coerente com êsse modo de pensar, agiu. Em 1910, partiu para Santos, com o 1.º Batalhão de Caçadores, em serviço de guerra, para prevenir um possível desembarque, na sublevação da Marinha Nacional. Em 1922, teve a mesma atitude, defendendo o governo constituído. Em 1924, foi valeroso combatente da legalidade. Em outubro de 1930, lutou com a Fôrça

Pública até o último momento, em nome da ordem, pela majestade do império da lei.

Ocupava os primeiros postos do oficialato, quando chegou a São Paulo a Missão Militar Francêsa, contratada pelo Governo do Estado, para instituir e reorganizar a Fôrça Pública. Muitos receberam os Instrutores gauleses com reserva; outros, com discreta hostilidade, solidarizando-se com os oficiais do Exército que aqui serviam e que se exoneraram em sinal de protesto. Homem de cultura e visão esclarecida, compreendendo fàcilmente o que poderia advir para a Corporação dos ensinamentos dos discípulos de Bonaparte, dos contemporâneos de Foch e Joffre, não vacilou em prestar-lhes a mais decidida colaboração. Daí, a ter sido escolhido pelo coronel Paul Balagny e seus companheiros para organizar e dirigir, ao lado do coronel Francisco Júlio Cesar Alfieri, de memória tão saudosa, a nossa primeira Escola de Formação de Oficiais, o então Curso Especial Militar.

Em sua longa carreira militar, serviu em várias unidades da Fôrça e em todas elas deixou traços vivíssimos de sua passagem. No Curso Especial Militar, porém, a sua atuação foi mais decisiva. Sua vasta cultura geral e especializada, sua formação moral impecável, suas acentuadas qualidades de chefe disciplinado e disciplinador, o justo sentido do equilíbrio, foram predicados que o apontaram para a direção daquele Estabelecimento, cargo que desempenhou com raro brilho. Mais tarde, quando se cria o Curso de Instrução Militar, congregando o

Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, o Curso Especial Militar e o Curso de Instrução Geral, é ainda o coronel José Sandoval de Figueiredo o indicado para a sua direção. Foi grande como supervisor das Escolas e grande como professor. Suas aulas, caprichosamente preparadas, ainda hoje são lembradas por muitos dos seus discípulos. "Foi mestre e guia abalizado de várias gerações de oficiais".

Dentre as inúmeras e honrosas comissões, a cujo desempenho fôra chamado, avulta a de ajudante de ordens do Presidente do Estado, Dr. Albuquerque Lins, um dos varões eminentes da famosa escola de estadistas de Piratininga. Naquelas elevadas funções, prestou, como sempre, brilhantes e valiosos serviços à farda gloriosa que vestia. Exonerado a pedido, por motivo de promoção, voltou à tropa, trazendo a consciência tranqüila do dever cumprido e a admiração do mais alto magistrado da terra bandeirante e das altas esferas oficiais.

Para os dignos e operosos, a Fôrça Pública sabe ser pródiga na recompensa. Ao coronel José Sandoval de Figueiredo, além do posto máximo de suas fileiras, a nossa milícia outorgou a condecoração do "Mérito Militar" e a "Medalha de Ouro da Legalidade". Países estrangeiros, também, conferiram-lhe altas dignidades, como as comendas do "Dragão de Ouro de Annam", da "Ordem Imperial do Tesouro Sagrado do Japão" e as "Palmas de Oficial da Academia Francesa".

Foi sempre e sempre um estudioso, um apaixonado do saber. Certamente lera Voltaire e achara funda-

mento naquela sua afirmação de que é preciso uma existência para o homem chegar à sabedoria. Foi expoente de primeira grandeza da nossa cultura militar, por estudos, e indagações. Mas não ficou aí; foi além. Devotou-se aos livros, enamorou-se das ciências, das letras e das artes. Armazenou conhecimentos, erudição; tornou-se senhor de robusta e vigorosa cultura geral. Foi escritor de linguagem escorreita e fina sensibilidade. Foi filólogo de reconhecida nomeada. Escreveu "São Paulo e a Independência", "Vícios de Linguagem", "Concordância da Língua Portuguesa", "Feitos, Frases e Ditos Célebres", "Regras de Etiqueta e Civilidade" e numerosos outros trabalhos esparsos, publicados em jornais e revistas. Se é verdade que a "última flôr do Lácio inculta e bela" é falada na velha Europa, no continente negro e na jovem América, é fora de dúvida que a figura que a abordou, em obra doutrinária de fôlego, alcança um renome que transpõe oceanos. Conquistou, por direito e justiça, um lugar de destaque entre os intelectuais da Fôrça Pública. Quando amanhã vingar a idéia — já hoje viva e em marcha — da nossa Academia de Letras Militares, o coronel José Sandoval de Figueiredo será, indiscutivelmente, patrono de uma cadeira, como o serão, também, o saudoso Hely Fernandes da Câmara e Batista Cepelos, o poeta primoroso, o capitão das fôrças paulistas do cêrco da Lapa.

Pelo voto consciente dos seus colegas de farda, foi elevado, em dois mandatos consecutivos, à presidência de Cruz Azul de São Paulo, a gran-

diosa instituição que honra o nosso espírito criador. No acervo de suas realizações, figura o início da construção do hospital, do gigantesco bloco monolítico da avenida Lins de Vasconcelos, atestado vivo de nossa crença de solidariedade humana e de altruísmo. Ainda agora, em julho do corrente ano, ao ser comemorado mais um aniversário da benemerita instituição, e inaugurada a galeria de retratos das figuras ilustres que lhe dirigiram os destinos, o nome do coronel José Sandoval de Figueiredo foi objeto de carinhosas e merecidas referências, na oração oficial.

Ao apagar das luzes do ano de 1930, logo após o desfecho da revolução de outubro, deixou a atividade, depois de ter prestado mais de trinta anos de revelantes serviços à nossa centenária milícia. Continuou, porém, integrado na vida da Corporação. Foi chamado, continuamente, ao desempenho de cargos de relevo na Caixa Beneficente, dando-lhes, como sempre, o brilho de sua inteligência e o fervor de sua correção. Quando a morte o colheu, exercia o cargo de procurador daquela instituição.

Era casado com D.<sup>a</sup> Violeta Aurora de Figueiredo, de distinta família bandeirante, a quem deixa viúva. Deixa, também, três filhos: D.<sup>a</sup> Cleobe Edmeia Prado, casada com o sr. Jeová de Souza Prado, e os srs. Altamir Axel de Figueiredo, casado com D.<sup>a</sup> Hilda Figueiredo, e Jacy Norivaldo de Figueiredo, além de um netinho, Fábio Antônio de Souza Prado.

Foi a um varão dêsse quilate, de elevada estatura mental e moral, que a mocidade forte e entusiasta tomou sob os ombros a empreitada grandiosa de reviver a revista da Fôrça Pública, elegeu para o honroso cargo de diretor de "Militia". Sabia que poucos eram as flores e muitos os espinhos que iria encontrar. Mas não vacilou um instante em aceitar. Era mais um serviço à sua querida Fôrça Pública; mais um prazer espiritual à sua vocação de servir. Aceitou e deu desempenho magistral ao cargo. A morte, porém, não permitiu que "Militia" o tivesse por mais tempo na sua direção. Morreu, quando despontavam nos horizontes de Piratininga os primeiros clarões de uma alvorada. Muitos clarões de alvorada iluminaram os seus triunfos, em vida. Um iluminou os seus últimos instantes. E' doloroso, mas consolador, ver-se uma morte digna de uma grande vida.

O coronel José Sandoval de Figueiredo continuará a viver, através de sua obra grandiosa na Fôrça Pública; continuará a viver, nas páginas de sua vasta e primorosa obra bibliográfica; continuará a viver na saudade de sua família e na admiração perene dos seus amigos. Nas colunas de "Militia", a figura inconfundível do seu primeiro diretor estará eternamente rediviva.

"Militia" curva-se, contrita e reverente, no jazigo da seu inolvidável diretor. Deposita flores de saudade e sussurra baixinho a ternura de uma prece.

# A Polícia Romana na Antiguidade

1.º Ten. *Teodoro Nicolau Salgado*

Estudando as organizações policiais da antiguidade e as da actualidade, notamos, logo no início, que há uma diferença sensível entre as mesmas, pois, muitas das funções que hoje são privativas das organizações policiais, no passado eram exercidas por soldados.

Os governos primitivos não tiveram a idéa de criar e organizar corpos de homens instruídos e disciplinados para a manutenção da ordem pública, sendo que, na antiguidade, tal iniciativa, foi somente tomada pelos Romanos.

As fontes históricas revelam-nos que foi em Roma onde nasceu o primeiro sistema policial do mundo, com as características idênticas às adotadas actualmente por diversas organizações policiais.

Os romanos, segundo consta, sempre foram inimigos de que houvesse soldados dentro das muralhas ou das cidades, isto porque julgavam que a presença dos mesmos, em promiscuidade com o povo, chegasse a constituir uma ameaça às liberdades públicas.

Fundamentando-se no respeito à liberdade individual é que os romanos criaram um Corpo de Polícia similar aos existentes actualmente em vários países, com a única diferença que os componentes do referido Corpo também exerciam o ofício de bombeiros.

Na época em que a população de Roma atingia quasi um milhão de habitantes, segundo dados históricos, a polícia da cidade estava assim organizada: — “Comissários, inspetores, lugar-tenentes, capitães e sete mil homens; sendo que êsse efetivo estava distribuído em vinte e um postos, os quais ocupavam toda a área da cidade em questão”.

No ano de 1886, em uma escavação realizada em Roma, descobriu-se um dêsse postos e, julgando-se pelos restos encontrados, a Polícia Romana estava em sua época muito bem alojada, pois dispunha de edifícios construídos com mármore e ladrilhos, com salas de banho, ginásio e locais destinados ao descanso das reservas que não se encontravam de serviço.

O descobrimento do posto em questão foi, para os estudiosos do assunto, valioso achado, visto que se tornou possível ler, em suas paredes, charges e comentários ali gravados pelos policiais, inscrições que por certo foram feitas em momentos de folga ou de revolta íntima contra seus superiores hierárquicos e o próprio imperador.

Alguns historiadores revelam-nos que muitas das inscrições parecem modernas, pois constam de críticas severas, não só aos superiores dos policiais, mas também ao Imperador Romano; redigiam-se tais críticas,

em grande parte, em linguagem grosseira e obscena.

Como em tôdas as épocas e em todos os países, não deixaram também os policiaes romanos de receber do povo de Roma apelidos os mais diversos.

O certo é que, a despeito do número de homens que compunha a Polícia Romana ser relativamente grande e devidamente adestrado para a função que exercia junto à sociedade, parece que não foi suficiente para manter a ordem e prevenir os crimes, pelo menos durante a noite, pois as vias públicas eram desprovidas de qualquer espécie de iluminação, o que concorria para que se cometessem inúmeros delitos, quase sempre impunes, por deficiência da organização e dos processos por ela empregados para a apuração do facto delituoso.

Em síntese, foi isso que colhemos nos dados históricos encontrados sobre a Polícia Romana na Antiguidade.

Sobre a existência de policiaes na Idade Média, diz-nos Don Emilio Casal De Nis, ex-comissário da Polícia Espanhola: — “Parece que, na Idade Média, não existia Polícia. O rei tinha, naturalmente, sua própria guarda; os senhores feudais resguardavam sua pessoa com escoltas armadas, as quais eram formadas por seus próprios súditos. As pessoas honradas ou de bem viam-se obrigadas a andar armadas e, à noite, costumavam sair em patrulha afim de se afiançar de sua segurança pessoal. Ao cair da noite, as demais pessoas trancavam as portas das residências e não se aventuravam a sair à rua. Sòmente algumas cidades é que protegiam os seus habitantes, pondo à disposição dos mesmos, quando necessário, guardas da localidade; no entanto, ao que parece, os guardas não constituíam organização ou Corpo Policial, e sim se limitavam simplesmente a vigiar as entradas das povoações e rondar os edifícios públicos”.

## Tipografia - Papelaria

# PAUPÉRIO

— ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO —

— LIVROS EM BRANCO —

— FÓRMULAS e LIVROS FISCAIS —

— ARTIGOS ESCOLARES —

— LOJA: Rua Senador Feijó, 173 — Fones 2-4648 e 2-5829 —

— SÃO PAULO —

# A fase negativista não passou

2.º ten. *Hildebrando Chagas*

Nunca admitimos, em absoluto, a tese frágil dos que, alardeando os seus próprios complexos, insinuam criminosamente a existência de uma raça triste e cansada, desiludida e incapaz, sôbre as vastidões do território brasileiro. Nunca defendemos o ponto de vista dos que propalam, aos quatro ventos, que vivemos com os olhos fixos no Céu, boquiabertos, inferiorizados, à espera de soluções extraterrenas para problemas que nós mesmos criámos, numa demonstração viva da nossa inépcia.

Não somos daqueles que vêem no negro e no índio o fundamento da resignação do nosso caboclo, não somos daqueles que persistem numa campanha ignóbil, qual a de culpar o elemento português pelo moroso progresso com que vamos indo à procura de uma definição conclusiva das nossas reais possibilidades. Não.

Sabemos não ser, em princípio, o nosso, um problema étnico. Há sempre, a dominar as nossas convicções cívicas e patrióticas, uma visão realista do panorama econômico da vida nacional, altamente confortadora.

Sentimos, a cada instante, tal como sentíamos em momentos que já se foram, uma fé inabalável nos destinos da Pátria; porque não mais se pode duvidar das virtudes heróicas da nossa gente; porque não mais se pode duvidar do que fizeram, apesar de tudo, as gerações passadas; por-

que não mais se pode duvidar do que estamos vendo, no terreno das realizações, bem como do que sentimos no temário das futuras obras, índice inconfundível da maioria integral de um povo. E nunca admitimos, também, a teoria rracista, aquela que garante a desigualdade das raças, e que eleva as qualidades dos dolicocefalos louros-teutônicos, impolutos descendentes dos semidivinos Aryas, enquanto menospreza uma plêidade de povos que se impuseram ou, no futuro, ganharão o respeito consciente da humanidade.

E por isso mesmo, nunca poderíamos adotar quaisquer indagações que visassem a negação da raça brasileira, em sua sensatez, em sua inteligência, em seu poder de criação, em seu firme propósito de doar feitos que, immortalizando um povo, exaltarão na História a civilização contemporânea.

Quando, no "Eu sou aquele que nega", nos abalançámos a comentar a existência de uma onda de ceticismo a impregnar tudo e todos, tivemos o cuidado de levar a digressão para o terreno vasto da luta entre as concepções filosóficas, tal como se processou no século-máquina. Tratámos do assunto de maneira incisiva, mas não falámos em descrença, nas possibilidades do povo brasileiro. Inegavelmente só chegámos até a fonte inspiradora do mal, que é de todos os tempos, mas que tomou

vulto nesses dois últimos séculos. Citámos as controvérsias, as confusões no espírito e nas idéias, causadas pelas escolas filosóficas, no âmbito universal; comentámos generalizadamente o malabarismo dos indecisos, dos que não se movimentam quando o objetivo é sadio mas de percurso acidentado, embora se prestem ao cumprimento total do "Deus dará", do "quem sabe" e do "pode ser que seja".

Efetivamente, digressámos sob uma generalização característica e bem definida. Não fomos a detalhes, não chegámos a tocar em assuntos brasileiros, nas preocupações, nos anseios da sua gente.

Quando entrámos no complexíssimo estudo da degenerescência humana, pela morte das manifestações do espírito, não visámos apreciações particularíssimas acêrca das possibilidades dêste ou daquele povo, à objetivação de quaisquer idéias. O nosso intento foi realmente outro, qual o de analisar o que se vem processando com a humanidade, de um modo geral, no terreno amplo do pensamento, e com o indivíduo, de um modo particular. Assim é que, aventando solução, preconisámos o salvamento, primeiro, dêsse indivíduo, donde resultados à sociedade adviriam naturalmente.

Certos estamos de que a questão do Brasil, como a de qualquer outro país, deve ser encarada de u'a maneira mais prática. Realmente não podemos desprezar, ao desenvolver quaisquer considerações dessa natureza, a parte diretiva dos atos de uma sociedade organizada — a concepção da vida adotada, e princípios filosóficos nela fundamentados — em-

bora saibamos que o necessário é sentir, observar e acatar a evolução da Sociologia regional, da política prática, dos sistemas econômicos, da Psicologia e Legislação sociais, etc. Em verdade êsse evoluir, bem observado, é que diz verdadeiramente o caminho a seguir pelos povos nas trajetórias de suas existências.

Ora, se nesse problema pretendêsemos tocar, encetaríamos considerações sob a luz esclarecedora de ensinamentos nossos, dedicados aos nossos casos, porque só dele poderemos esperar a direção segura do objetivo máximo: a grandeza nacional. Correríamos então a Gilberto Freyre, a Pontes de Miranda, a Oliveira Vianna, a Alberto Torres, a Roquete Pinto, para não mais nos estendermos em citações, e de lá viríamos com argumentos brasileiros, inteiramente nossos, inspirados nas necessidades, bem como nas realizações incontestes da nossa gente, para ajudar a garantir ao povo que os destinos da Pátria são irrefutavelmente gloriosos.

Mas, por qualquer motivo, não tivemos em mira a apreciação do intrincado problema nacional. Não fomos nem ao menos ao esboço de um trabalho que tivesse por objetivo a efetivação de elogios patrióticos às nossas pujantes e inegáveis riquezas.

O bom e inteligente Rolim de Moura, ante as nossas modestas considerações saiu-se com o seu belo "Eu sou aquele que afirma". Admito a sinceridade do seu amor às causas coletivas, principalmente quando se trata do que é nosso. Admiramo-o, profundamente, no tocante à belezas incontestáveis dos seus altos sentimentos humanitários. Mas... não vemos por que declara, num osten-

sivo desafio aos pensadores espiritualistas de todos os tempos, que “a fase negativista já passou”.

Temos que ao se falar de negativismo, no campo das idéias, visa-se o problema da concepção da vida.

Admitindo-se a transcendência da alma, admite-se, em consequência, uma força superior da qual tudo provém: nessa corrente estão aqueles que afirmam. Mas vamos encontrar os que têm como base das suas convicções o determinismo em suas várias modalidades, e que, não admitindo a existência da vida superior, chegam a proclamar ser o pensamento produto de secreções cerebrais: e nessa corrente estão os que negam. Ora, negando os fundamentos de uma vida à luz das verdades cristãs, descambam naturalmente pela descrença em tudo o que representa Amôr, Justiça, Direito, Moral...

São evidentemente os negativistas de todos os tempos, de todas as horas, de todos os instantes.

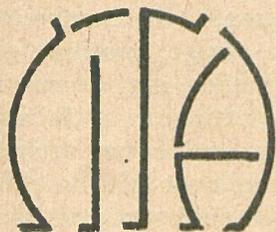
Não. A fase negativista não passou. E nem passará. E' certo que uma oscilação se processa no tempo, aumentando hoje, diminuindo amanhã a influência nefasta da negação.

Sim, porque o homem não aprendeu ainda como tirar ensinamentos positivos das lições da História.

“Em cada período histórico, escreveu Alberto Torres, dividem-se as gerações em grupos de homens que tendem a dizer: “sim” aos problemas da vida, e grupos que tendem a dizer “não”. E isso quando o insigne mestre, analisando as cousas do Brasil segundo as suas próprias observações, profundas, tratava com segurança do ceticismo a que é tão propenso o nosso povo. Entretanto ninguém mais do que êle amava a terra, ninguém mais do que êle depositava confiança no valor da raça.

E com êle, acreditando piamente que o “brasileiro é trabalhador e ativo como os mais operosos povos do mundo”, estamos que a nossa gente, sob a atmosfera irrespirável das idéias que nos vieram daqueles que sempre negaram, vai em parte vivendo a fase negativista que inegavelmente existe, e caminha, e entristece aos que sempre afirmaram.

Não temos dúvida que anda por aí afora, em minoria, felizmente, um punhado de espíritos das trevas que não se cansa de dizer: “Eu sou aquele que nega”.



S. A.

Comércio e Indústria de  
Tecidos e Armarinho

IMPORTAÇÃO

EXPORTAÇÃO

Fornecedora das Repartições Públicas

CONFECÇÕES FINAS PARA HOMENS

TECIDOS E ARMARINHOS POR ATACADO

Caixa Postal, 5284

R. Visc. Rio Branco, 446-452

Telegr.: Inducita

São Paulo

Telefone: 6-2208

# O incêndio Almeida Land, um aviso!

1º ten Plínio Rolim de Moura

A 21 do corrente eu estava de dia à sede central do Corpo de Bombeiros, quando soou o alarme do princípio de incêndio que veio a degenerar no pavoroso e ameaçador sinistro do prédio ocupado pela firma Almeida Land.

Minutos após haver seguido a guarnição de princípio, sob o comando dum oficial, recebi informação telefônica de que o "caso" era muito sério, e que urgiam recursos mais pesados.

Determinei, então, ato contínuo, seguisse para o local do sinistro mais uma bomba, assim como mandei alertar a guarnição do Oeste, a qual, imediatamente compareceu, desempenhando a sua parte no combate às chamas.

Embora prêso, pelo regulamento, ao quartel, visto que me competia a distribuição dos meios de ação, tomei a iniciativa de ir ver o que se passava, afim de poder avaliar a intensidade do trabalho e assim tomar as providências cabíveis.

O resultado foi engajar-me no combate e pedir a presença do Comando do C.B., o qual apareceu em seguida, assumindo o controle da situação, auxiliado pelo sub-comando e mais cinco oficiais diretamente engajados no serviço.

Ao aproximar-me do local, sentindo o vento forte bater-me as faces, já sabendo de que se tratava de um incêndio em zona perigosíssima, onde, simultaneamente, a água é escassa sem uma boa manobra; os prédios

são encaixados, sem qualquer facilidade de acesso; os depósitos guardam material de alta flamabilidade e, não raro, compostos nitrados; as construções são antigas, da mesma altura, e se prestam para uma rápida propagação, eu me lembrei de Chicago e — confesso-o honestamente — tive medo. Pondevos no meu lugar e pensai um pouco: pensai em um quarteirão da orgulhosa cidade norte-americana, tomado pelas chamas, e estas se propagando, tocadas pelo vento como boiada que estoura, de casa para casa; pensai no clamor lúgubre, nos gemidos lancinantes, no turbilhão sufocante de fumo e no inferno de calor; nas caras hediondas iluminadas pelo clarão estrelajante; nos cegos do abrigo, desorientados no meio da multidão enlouquecida, que corre e pisa os infelizes que tropeçam; pensai no desespero das mães e espôsas separadas de seus entes queridos, a desferir gritos de dôr e gargalhadas histéricas, enquanto os bombeiros, indiferentes ao perigo, morrem gaseados ou queimados, mas procuram salvar vidas e extinguir as labaredas imensas que, como um archote de Satanaz, alumiam o céu da cidade inteira; pensai na disputa das passagens obstruídas pela alucinação coletiva, onde o pânico e o instinto egoístico da conservação transformam os homens, momentos antes equilibrados e sensatos, em feras acuadas, dispostas a se salvar a custa de dentadas e socos; pensai nas

mulheres semi-nuas e feridas, sujas de carvão, esquecidas de qualquer resquício de pudor, que desfalecem e são pisadas; nas criancinhas, principalmente, nessas inocentes criaturas perdidas e esmagadas pelo louco vai-e-vem dos que fogem sem saber bem do quê, porque a animalidade não permite muito sentimentalismo nessas horas de prova.

Pois foi tudo isso que se me desenhcou na mente enquanto corria para o incêndio, sentindo na face o chicote do maior de todos os inimigos do bombeiro, o vento.

Assim ardeu Chicago. Seu povo não foi nem melhor nem pior do que qualquer outro povo: as mesmas cenas de covardia e bestialidade, mas também os mesmos gestos de desprendimento e heroísmo que nessa hora sempre se verificam.

Chicago viu, melancolicamente, a destruição de 17.430 prédios, como S. Francisco assistiu, estuporada, a incineração de suas 28.000 casas, tal como Chelsea, Jacksonville e Paris, no Texas que, em outra ocasião, foram quase totalmente destruídas pelo fogo.

Como sempre tem acontecido, mais uma vez se constatou que Deus é bombeiro de S. Paulo, porque de um momento para outro o vento cessou e as destruições foram circunscritas a um único prédio, embora já o fogo tivesse se propagado tanto para a direita, como para a esquerda.

Si ainda desta vez fomos felizes, menos pela intervenção dos homens e do material, que os temos deficientes, convém que cesse essa macabra brincadeira com o fogo, êsse permanente desafio à fatalidade em que incorremos pela tremenda displicência com que o problema da segurança

contra fogo é encarado em S. Paulo. Tanto vai o cântaro à fonte...

Não estamos criticando as autoridades atuais. Elas já fizeram alguma coisa e sente-se, nos esforços do Comando da Fôrça Pública e do Corpo de Bombeiros, que culpa não lhes cabe si as coisas não se passam como deviam. Ninguém tem apoiado mais o Corpo de Bombeiros, nas suas aspirações de se pôr em dia com as necessidades de S. Paulo, do que o sr. cel. Ferlich, oficial do Exército cujo passado é uma folha de trabalho e um acervo de desempenhos técnicos que honra qualquer organização militar do mundo. Entretanto, nem só dele dependem certas medidas que, por sinal, são urgentemente reclamadas.

O nosso Corpo de Bombeiros é uma organização heróica. Heróica antes de tudo porque luta com toda sorte de deficiência e, sem embargo, é a tôda hora, convocada para um sem número de tarefas que não lhe cabem, às vezes abandonando a sua missão precípua, que é a prontidão permanente, para socorro nas contingências de incêndio e inundação.

Em benefício dessa organização miraculosa e enciclopédica a Assenbléia e o Executivo deveriam dar as mãos, porque tanto pode um dia o palácio dos Campos Elísios amanhecer envolto em chamas, como um deputado precisar pedir ao bombeiro que vá tirar o seu filhinho do berço, no quarto que o fogo já sitiou, mas no qual o bombeiro, no cumprimento do dever, tem que penetrar, ainda que seja para lá ficar carbonizado com o pequenino cadáver nos braços.

As deficiências do nosso C.B. devem ser imediatamente sanadas.



Em Baltimore é assim: 30 toneladas de água por minuto

Por êle devem se interessar não só o povo, êsse povo que, na calada da noite, arrasta camas, papagaios e parálíticos, quando é surpreendido por um incêndio no prédio vizinho e regressa feliz para a sua casa, por ter salvo as suas coisas mais caras, como a Prefeitura de S. Paulo, a quem, por lei, está afeta a atribuição dos socorros públicos e como também o Instituto de Resseguros e a Federação das Indústrias, ambos interessados na defesa daquilo que vaidosamente chamam de maior porque industrial da América Latina. Mais do que a todos, entretanto, cabe prestigiá-lo o Estado Maior do Exército que, sem dúvida, não para perpetrar trágica pilhéria, nem para brincar infantilmente de estratégia e, seguramente, também, não para atender solicitações de ordem política, mandou que êsse parque industrial fosse considerado **BASE MILITAR**, sujeitando-o, portanto e deliberadamente, a bombardeios indiscriminados em caso de guerra.

Há coisas que não deviam ser conhecidas do público. Como, entretanto, em outros setores da Administração, há outras coisas tão e até mais graves, que são do seu conhecimento, ninguém deverá estranhar que se revele algumas. Ei-las: o Corpo de Bombeiros não tem ligação direta com o Departamento de Irrigação da Prefeitura através de um "joker" de alarme; por outro lado, a ligação outrora existente com a Repartição de Águas, assim como a sua guarnição, foram suprimidas de sorte que, hoje em dia, o Corpo de Bombeiros atenderá qualquer chamado mas nada poderá fazer por falta de manobra d'água em tempo útil, a não ser que funcione rapidamente o problemático telefone. Mais: o Corpo de Bombeiros de S. Paulo, que tem necessidade de 17 estações, na base do projeto do atual Cmt. Geral da Fôrça, conta com apenas três estações que deverão defender tôda a nossa colossal Capital, Santo Amaro, S. Miguel, Santo André, S. Bernardo e, eventualmente, Sorocaba e

Santos. O interessante é que uma das estações, justamente a mais importante, de categoria pesada, a do Brás, foi fechada e em seu lugar foi aberta outra em região muito menos perigosa. A zona mais densamente industrial que forma o conjunto crítico, onde maior é o número de incidências, ficou descoberta porque tem agora que se sujeitar aos caprichos de manobra da "Santos-Jundiaí". Os desgraçados que porventura estiverem bloqueados pelo fogo, que esperem a boa vontade das suas locomotivas, porque quem atualmente serve essa grande área é a estação central de bombeiros, situada à rua Anita Garibaldi a qual, normalmente, além de responder por outros encargos de suma responsabilidade, conta tão somente com duas guarnições de socorro para fogo.

O Corpo de Bombeiros nunca teve a servi-lo um departamento técnico-estatístico-educacional em condições de levantar problemas e decidir questões técnicas, quando êsse departamento seria a base de qualquer organização ou planejamento. Não possui um curso de oficiais de bombeiros onde sejam treinados especialistas e técnicos, à altura do Corpo de Bombeiros de uma Capital de 2 milhões de habitantes, a Chicago Sul-americana. O que temos são umas 100 horas de ensino teórico na Escola de Oficiais da Fôrça Pública e isso mesmo como simples complemento, na complexa formação do oficial da Fôrça e mais um curso por assim dizer amador, de base, ministrado por engenheiros civis no Corpo de Bombeiros, que não passa de um belo gesto de patriotismo e de desusado desinteresse de apaixonados amigos do bombeiro, não chegando a ser um sistema concreto de formação em grau profissional.

O Corpo de Bombeiros precisa preparar, sèriamente, oficiais e graduados para a profissão de bombeiros. Basta de brincar com a expectativa de desgraças e catástrofes.

Por outro lado, S. Paulo não dispõe de uma rêde capaz de ajudar o Corpo de Bombeiros, fornecendo-lhe em abundância a munição que êle reclama. Nos Estados Unidos um hidrante de categoria residencial responde a uma demanda de 500 galões por minuto. Para os casos agudos e volumosos, assegura um escoamento de até 6.000 gpm. Em São Paulo, quando contarmos com 500 galões automáticos, os hidrantes vermelhos que os vomitam e que são assim pintados por serem considerados hostis, constituirão um luxo insonhado que se realizou. Entretanto, êsse é o setor que mais está se movimentando e tudo faz crer que dentro de um praso razoável nos garantirá aquilo que é fundamental para a segurança de uma cidade populosa como a nossa.

O Corpo de Bombeiros não conta com nenhuma legislação que o ampare e que o situe como uma organização de absoluta importância e responsabilidade que é, no concêrto das instituições públicas. À Assembléia Legislativa e à Câmara Municipal cabe a obrigação de, em um único corpo legislativo, dar ao Corpo de Bombeiros aquilo que êle reclama como um dos pilares de seu edifício, isto é, a regulamentação das suas atividades.

Um bom estudo, através do qual a Fôrça Pública poderá dar início a qualquer trabalho de planejamento é o que foi elaborado pelo engenheiro da Prefeitura, Dr. José Olavo de Freitas. Êsse estudo teve, há quase dez anos, a melhor acolhida

por parte das autoridades federais, naquele tempo interessadas em dotar a nossa Capital de uma eficiente defesa passiva, considerando a eventualidade do lançamento de aviões catapultados do mar, e a convicção de que um único avião poderia incendiar S. Paulo, tal a descobertura da cidade naquele tempo, descobertura essa que ainda vigora até para incêndios de natureza accidental. Nesse estudo o autor provava, pelo exame comparativo de quase cem cidades, tomadas na América, Europa, Ásia e algumas da África e da Oceânia, que S. Paulo, quando contava com pouco mais de um milhão de habitantes, e sua indústria não tinha tomado o vulto que tomou durante a guerra, precisaria, para se encontrar em nível de suficiência justo, dispôr de um efetivo de 800 homens, 35 estações e sub-estações, 2.000 bombeiros de reserva, 45 mótobombas (ligadas ou não ao cardã) 50.000 metros de mangueira, 5.000 hidrantes, etc. Hoje, tudo isso, com exceção das estações, deveria ter sido dobrado. Todavia o Corpo de Bombeiros do maior parque industrial da América Latina conta com apenas cêrca de 600 homens de efetivo, uns 200 de reserva, umas 9 bombas de primeira linha, 3 estações, sendo localizada sem objetivo técnico ou tático, menos de 3.000 metros de mangueiras retestadas, 2.000 hidrantes, etc..

Esses dados são imprecisos e podemos considerá-los, já, amanhecidos.

Para iniciar qualquer planejamento em bases firmes, torna-se necessário, criar já e já o Departamento Técnico do Corpo de Bombeiros, afim de que êsse, reunindo os elementos informativos completos e

atualizados, possa preparar os fundamentos de qualquer trabalho técnico, inicialmente, e, em seguida, jurídico, com apôio nas assembléias.

Seria talvez interessante, também, que o Govêrno do Estado contratasse um instrutor norte-americano para instruir os nossos oficiais, visto que nenhum país estaria mais qualificado para tal. O sistema de calefação das casas norte-americanas, gerando numerosas ocorrências; o tipo combustivo de suas construções, relacionada ao clima; a sua experiência de uma chamada de dois em dois minutos, só em Nova York; os seus laboratórios, tais como o do National Board of Fire Underwriter; os seus congressos anuais, onde êles trocam experiências que são produto das mais insólitas situações, das mais surpreendentes formas e categorias de sinistros, levantadas em incêndios e explosões como o de Cleveland, de Texas City, o de "Empire State Building" e nas suas centenas de catástrofes incendiárias; os seus institutos de ensino altamente especializados; as suas publicações técnicas, as melhores do mundo, como o "Fire Engineering"; tudo isso classifica para u'a missão dêsse tipo. Isso não quer dizer que não se cogite, também, dos inglêses, que têm a seu favor uma tradição industrial anti-incêndio das melhores e contam com a experiência somada dos incêndios accidentais (Londres foi vítima de quatro catástrofes incendiárias) com os incêndios ateados pelos bombardeios, pois os suportou massivamente durante a última guerra, demonstrando que a técnica das divisões londrinas conseguiu o milagre de superar a capacidade destrutiva dos alemães com suas V.2 e que, portanto, atingiu um ponto quase inacreditável de técnica e organização.



Esta é uma cena de incêndio em S. Paulo. E' evidente a pobreza de recursos

Aliás, S.M. Britânica já honrou o nosso Corpo de Bombeiros com um convite para que mandasse dois oficiais a Londres afim de conhecer seus métodos de ação, tanto na paz como na guerra.

Para o planejamento da reorganização do C.B. acredito que o Governo do Estado poderia contar com muitos patriotas e técnicos, tanto de S. Paulo, como de outros Estados. Em S. Paulo o acaso me fez conhecer vários engenheiros cujo "hobby" é o estudo dos nossos problemas no setor incêndio: o dr. Olavo de Freitas, da Prefeitura, o dr. Pasternak e o dr. Azevedo, da R.A.E., todos êsses homens poderiam colaborar nessa importante tarefa, si solicitados.

Tenho convicção, também, que o atual comandante do C.B. está, mais do que qualquer outro, disposto a dar tudo o que dele se exigir. Aliás, o ten. cel. João Rodrigues Bio já teve oportunidade, por mais de uma vez, de chamar a atenção de quem de direito para a probabilidade de um dia pagarmos com a moeda da desgraça irreparável, o nosso descalo pelos destinos de S. Paulo e da

sua mais qualificada guarda, o Corpo de Bombeiros. Não faz muito, em solenidade pública, discursando, êle fez questão de frizar que, si houver uma coincidência de dois incêndios de envergadura, simultâneos em São Paulo, êle, na qualidade do mais legítimo conhecedor das nossas atuais condições, não responderá pela segurança do resto da Capital.

Dizem que certa vez o dr. Prestes Maia declarou que preferiria pagar os prejuizos dos incêndios, do que sustentar o Corpo de Bombeiros de S. Paulo. Êle bem sabia por que pensava assim. Mas o grande urbanista, ao se exprimir dessa maneira, teria em mente a idéia de que outro Corpo de Bombeiros, administrativamente bem orientado, capaz de enfrentar tènicamente qualquer situação, devia e deve existir, mesmo porque a missão principal do bombeiro não é a de evitar as conseqüências diretas da catástrofes, depois dela consumada, numa tentativa de trancar a porta depois do roubo, e sim prevenir, pelo estudo e pela ação, o seu desencadeamento, assim como limitar as suas conseqüências ao mínimo, uma vez deflagrada.

# "Um Grêmio para a nossa Escola de Oficiais"

Asp. Evandro Francisco Martins

A mocidade culta de São Paulo, e de qualquer outro centro avançado, conta, como expoentes de sua vontade firme e realizadora, com os grêmios representantes de suas faculdades e cursos.

A Fôrça Pública de São Paulo, já curvada sob o enorme pêso de seu cartel de inovações introduzidas na vida nacional, não poderá ficar à retaguarda de outras organizações, pois conta com uma Escola de Oficiais, cujos alunos não possuem o seu *Grêmio*, forjado de um congraçamento útil e fecundo com os nossos Centros Acadêmicos, e com a nossa Sociedade.

O núcleo inicial está formado, lá, à espera do momento em que possa, auxiliado e autorizado pelas autoridades competentes, surgir vigoroso e confiante, para a sociedade de Piratininga, como mais um elo na corrente de seu progresso cultural, esportivo e social.

Desde os primeiros dias da Escola, a necessidade de mais êste órgão representativo no cenário estudantino nacional, vem se fazendo sentir com um vigor crescente, diretamente proporcional ao seu tempo de vida. Sempre vivendo à espera dêle.

De fato, nossa Fôrça Pública já transpôs as fronteiras de São Paulo e do Brasil, fazendo das armas paulistas, instrumentos de Ordem e Disciplina a serviço de nossa Honra e Tranqüilidade. En-

tretanto, é mister que, por outros meios, mostremos também as nossas muitas outras possibilidades.

A nossa Escola de Oficiais está apta a desenvolver tais atividades, por contar com um número seletivo de moços empreendedores e capazes.

É u'a medida que não somente traria benefícios imediatos àquela plêidade de jovens, mas também daria maior repercussão à nossa escola, tornando-a mais conhecida no mundo civil e militar.

Os benefícios imediatos aos alunos seriam compreendidos em u'a maior aproximação e consideração recíproca, bem como, um maior e novo campo de trabalho onde se descobririam novos valores ainda em estado latente. Como é sabido, nossos alunos-oficiais são internados, e como tais, têm uma vida um tanto reclusa. Pois bem: a existência do Grêmio viria amenizar a aspereza desta vida de caserna-internato, com reuniões, conferências, leituras, rádio e jogos de campo ou de salão. Os alunos constituiriam a alma do Grêmio, cuidando de sua organização, direção e do intercâmbio com o mundo civil e militar, por meio de disputas esportivas e representações sociais e culturais.

É uma necessidade premente, e todo esforço deve ser dirigido dentro de uma compreensão sincera e nobre, visando um maior aparecimento de nossa Escola de Oficiais, bem como o engrandecimento de nossa Fôrça Pública.

# A Cruz através dos séculos

Cap. José Simão da Silva Morais

O estudo das cousas antigas nos levam a encontrar a cruz, como elemento decorativo, em uma infinidade de objetos que datam das diversas idades do bronze, em todos os países. Essa forma geométrica, combinada com o círculo, especialmente, aparece nos mais remotos tecidos orientais. Quando seus braços se dobram em "Z", constitui a *swastika*, que aflora tanto nos velhos objetos de arte escandinava como nos da arte indiana.

Na Índia, 15 séculos antes da nossa era, a cruz simbolizava o fogo sagrado, tomado como potência superior e origem mesmo da vida; constituía, portanto, um símbolo religioso em pleno paganismo. Queriam representar, assim, as duas peças de madeira que, em posição cruzada, se friccionavam para produzir o lume.

No Egípto antigo, a cruz asada simbolizava a imortalidade da alma.

Quando a cruz passou a servir como instrumento de suplício, foi perdendo a sua antiga forma geométrica e tomando formas diversas. Em alguns casos constituía-se de um único madeiro enterrado no solo, mas geralmente em duas peças atravessadas uma sobre a outra, e ao qual se ligavam os criminosos condenados à morte. As suas formas mais comuns eram: + (cruz latina), T (cruz em tâu), X (cruz de Santo André), Y (cruz em I grego).

O suplício da cruz, usado entre os egípcios, cartagineses e persas, era, na Grécia e em Roma, reservado aos

escravos e aos grandes criminosos. Condenar a ela um cidadão romano, passava por ser o maior dos atentados. Esse suplício só foi adotado pelos judeus ao tempo do rei Herodes. O paciente, previamente açoitado, conduzia-a ao lugar da execução, e, uma vez ali chegado, era prêso a ela com cordas ou, no maior número das vezes, com cravos, que lhe atravessavam os pés e as mãos. Os supliciados ficavam na cruz até que as aves de prêsa lhe devorassem o cadáver; os judeus eram os únicos que, ao cair da tarde, lhes quebravam as pernas. Era permitido, à família e aos amigos dos condenados, prestar ao corpo dêstes as últimas homenagens, quando a morte tinha sido reconhecida oficialmente.

A narração dos Evangelhos indicanos que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu êste suplício com tôda sua crueza.

Coube a Constantino a abolição dêste bárbaro suplício.

Os primeiros cristãos multiplicaram a imagem da cruz nas catacumbas. Mas esta efigie do Instrumento da Redenção não apareceu antes do século IV nos monumentos, altares e nas procissões.

E' curioso notar que, desde séculos, as cruces estavam representadas nos monumentos funerários etruscos como emblema de uma consagração pagã.

Como sinal gráfico, a cruz aflui nos manuscritos e em vários docu-

mentos da Idade Média. Colocada no começo do texto, exprime a invocação; colocada no fim, é uma subscrição ou uma assinatura, e isto até o fim do século XII. A partir desta época tornou-se rara até o século XV, em que reaparece a substituir a assinatura das pessoas que não sabem escrever. Daí a expressão: "Assinar em cruz".

Colocada no fundo da atas, é a característica dos notários apostólicos para a sua firma manual, quando é traçada com cuidado e segundo os modelos estabelecidos.

Cumpram também lembrar o velho costume normando, inglês e franco, de pôr, nos túmulos, sobre o peito dos mortos, placas de chumbo grosseiramente recortadas em forma de cruz, onde eram gravadas formas latinas de absolvição.

Com o correr do tempo, a cruz tornou-se insígnia de ordens de cavalaria, de ordens honoríficas e comendas. Daremos, aqui, o nome d'algumas dessas ordens em cujo título figura a palavra cruz.

**ORDEM DA CRUZ BRANCA** ou da **FIDELIDADE**. Fernando III, grão-duque da Toscana, fundou esta ordem, em 1814, para recompensar os serviços militares. A ordem tomou o nome da côr da condecoração. Desapareceu, desde que se fez a unificação da Itália, no tempo de Vitor Manoel.

**ORDEM DA CRUZ ESTRELADA**. Um fato julgado milagroso deu origem, em 1668, ao estabelecimento desta ordem na Áustria. Um incêndio destruiu uma parte do palácio imperial de Viena e parou — diz-se — diante de um pedaço da Vera Cruz, cujo escrínio foi consu-

mido. A relíquia pertencia à imperatriz Leonor de Gonzaga. O papa Clemente IX aprovou esta ordem por uma bula e em 1669 o imperador Leopoldo I reconheceu-a por cartas patentes. Antes do nome atual, tinha-se-lhe dado o de **SOCIEDADE DAS SENHORAS NOBRES DA CRUZ ESTRELADA**, depois o de **ORDEM DOS CAVALEIROS DA VERA CRUZ** e por fim o de **ORDEM DA NOBRE CRUZ**. E' reservada às damas nobres: a grã-mestra é, desde a fundação, uma princesa da casa da Áustria.

**ORDEM DA CRUZ DE FERRO** (Prússia). Frederico Guilherme III fundou esta ordem em 1813, para honrar aqueles dos seus súditos que, durante a campanha daquele mesmo ano, tinham bem merecido da pátria, quer dando prova de patriotismo pela causa da Prússia no campo da luta ou prestando relevantes serviços de retaguarda. Hoje, a ordem, que foi modificada em 1870, está dividida em três classes de cavaleiros, tendo sido com ela agraciados muitos militares alemães e dos exércitos seus aliados em 1914 e 1915, por atos praticados na guerra européia.

**ORDEM DA CRUZ DE JESUS CRISTO**. Último nome usado, a partir de 1568, pela **ORDEM DA MILÍCIA DE CRISTO**. Esta ordem foi dada, quando da sua mudança de nome, pelo papa Pio V à congregação de S. Paulo. Esta ordem religiosa e militar, foi fundada por São Domingos, no ano de 1209, para defesa da Fé, e confirmada no mesmo ano por uma bula do papa Inocência III. Em 1221, o papa Honório III deu aos membros da ordem, como sinal distintivo, uma cruz

ornada de flores de liz, branca e preta. Em 1235, Gregório IX aprovou a regra da ordem. Depois dessa época, a ordem espalhou-se pela Europa, e os seus membros foram conhecidos sob o nome de cavaleiros de Jesus Cristo, do Rosário, de São Domingos, de São Pedro Mártir e da Bemaventurada Virgem Maria Gloriosa ou Gaudenti de Veneza. Além da insígnia pendente duma fita branca *moire*, com uma larga orla preta e um filete claro no meio, há ainda o uniforme compreendido de uma túnica branca com cabeção e ornatos azuis escuros, calça azul escura com lista dourada, sempre armados de espada, chapéu de bicos com plumas e uma capa de pano preto, forrada de setim branco, com a cruz da ordem bordada ao lado esquerdo.

**CRUZ COMEMORATIVA** (Prússia), criada em 1866 pelo imperador Guilherme I e destinada a perpetuar a lembrança da guerra com a Áustria. A insígnia era fundida com o bronze dos canhões tomados ao inimigo.

**ORDEM DO CRUZEIRO DO SUL** (Brasil). Criada por D. Pedro I, imperador do Brasil, em 1822; a cruz é de cinco braços esmaltados de branco e assenta sôbre uma coroa de folhas das árvores de café e cacau; no escudete do centro tem uma cruz de 19 pérolas brilhantes e em volta a legenda: "BENE MERENIUM PRAEMIUM"; do outro lado vê-se o busto do imperador circundado pela inscrição: "PETRUS I, BRASILIAE IMPERATOR". Compunha-se esta ordem de grã-cruzes, dignatários e oficiais. A fita era azul celeste, muito es-

treita. Esta ordem foi abolida por ocasião da Proclamação de República e novamente restabelecida, com algumas modificações, no governo do exmo. sr. dr. Getúlio Vargas.

**CRUZ MILITAR** (Bélgica). Instituída por Leopoldo II em 11 de fevereiro de 1885. Tem duas classes: a primeira, para vinte e cinco anos de oficialato, e, a segunda, para vinte e cinco anos de serviços militares.

**CRUZ DA SAÚDE MILITAR** (Alemanha, Heisse). Foi instituída pelo grão-duque Luiz III, em 25 de agosto de 1870. Só compreendia uma classe: cavaleiros.

**ORDEM DA CRUZ VERMELHA** (Rússia). Foi instituída por Alexandre III, em 11 de abril de 1878, e destinada a recompensar as senhoras que tratassem dos feridos. Só compreendia uma classe. Com igual nome e finalidade, a Rainha Vitória, em 1883, também instituiu uma ordem para senhoras na Inglaterra.

Diz-nos a história que o nosso país teve, inicialmente, o nome de Vera Cruz ou Santa Cruz. O nome Brasil teve origem no pau côr de brasa. Brasa é fogo e o fogo, na Índia, 15 séculos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, já era representado por uma cruz. O Descobridor tinha uma cruz no seu estandarte. A Primeira Missa em terra firme foi celebrada no Dia de Santa Cruz. O primeiro marco erigido foi uma grande e tosca cruz de madeira. No céu brasileiro brilha a constelação do Cruzeiro.

O Brasil é, queiram ou não, a **TERRA DE SANTA CRUZ**.

# Avançar cavalaria e degolar!

*Tito Lívio FERREIRA*

(Historiógrafo-Chefe da Secção de  
História do Museu Paulista)

Proclamada a Independência em 7 de setembro de 1822, no alto do Ipiranga, por Dom Pedro 1.<sup>o</sup>, os Portugueses do Brasil adquiriram, juridicamente, a cidadania brasileira. Adotaram-na também muitos Portugueses de Portugal, por força da primeira lei de naturalização promulgada no ano seguinte. E daí muitos reinóis abraileirados lutarem conosco pela nossa autonomia política.

Ora, na guerra da Independência dos Estados Unidos da América do Norte, verificou-se o contrário. Nenhum Inglês lutou ao lado dos Americanos. E milhares de pessoas de várias colônias recusaram-se a pegar em armas, na incerteza da vitória, da liberdade e autonomia no futuro. Entre nós, além do jovem Imperador, com apenas vinte e quatro anos de idade, muitos Portugueses naturalizados Brasileiros integraram-se, para sempre, na Pátria nova, defendendo-a. Releva notar, entre, eles, o Almirante Barroso, natural de Lisboa e o Senador Vergueiro, ministro do Império, no Segundo Reinado. Dom Pedro 1.<sup>o</sup>, para beneficiar a Pátria Brasileira, privou a sua da maior fonte de renda. Com isso empobreceu mais o velho Portugal, cujos esforços trisseculares concretizaram-se no objetivo de transplantar para o Brasil a civilização européia, e legar-nos a unidade nacional, através desta enorme extensão territorial onde predomina a mesma fé e se fala a mesma língua. E o moço Imperador, ao li-

bertar-nos da política e da administração lusitanas, arruinou, econômica e financeiramente, o país onde nascera.

Mas ao lado do Imperador estava o experimentado José Bonifácio, Patriarca da Independência, cujos esforços em prol desse movimento foram decisivos e marcantes. Pela cultura era o maior estadista das Américas. Deixara, nos meios científicos mais adiantados da Europa, a fama de sábio. E o seu nome de fato ficara inscrito nos meios culturais da Itália, da França, da Alemanha, da Inglaterra, da Suécia e da Noruega, por onde andara, em viagem de estudos, cêrca de dez anos.

Assim, diante do irremediável, os Portugueses de Portugal, fieis à sua Pátria Portuguesa, rebelaram-se e resistiram. Não reconheceram a soberania brasileira. E reuniram todos os seus reforços no Norte e no Nordeste, à espera de tropas da metrópole.

Mas foi na Bahia, onde estavam as forças do general Madeira, o centro de maior resistência dos Portugueses. Contava o militar lusitano com três aliados: a falta de comunicações terrestres entre o Rio e a Bahia; a desorganização de nossas tropas e a deficiência de transportes marítimos.

Mesmo assim o Imperador mandou atacar, por terra e mar, os rebeldes, para obrigá-los a abandonar

esses redutos. Em Itaparica, no Recôncavo baiano, verifica-se o primeiro choque das forças. Os Brasileiros estavam de tocaia, entre ramagens e troncos. Defendidos por essas trincheiras naturais fizeram grande mortandade nos adversários. E os atacantes recuaram derrotados pelo inimigo invisível, cuja presença se manifestava pelas balas certeiras e visíveis.

Situados em Pirajá, posição-chave importante, apenas a duas léguas da Capital, os independentes dominavam, do alto do caminho das boiadas, a enseada de Itapagipe. Assim, pelo mar e para o interior estava fechado o avanço dos adversários. E os Portugueses ficaram sitiados na Capital, cuja única porta de saída ou entrada, era a barra.

A população da cidade via-se entre dois fogos. Procurava fugir ao cerco. Emigrava. A princípio a saída era fácil. Mais tarde foi impossível diante da vigilância dos soldados portugueses. Mas os sitiados levavam muita vantagem sobre os sitiados. Podiam locomover-se com mais liberdade. Por isso ofereciam mais resistência aos atacantes. Nem estes quebravam as linhas dos independentes, nem conseguiam desalojá-los de suas posições estratégicas.

O general Madeira resolve fazer uma desesperada investida contra Pirajá, num golpe em grande estilo. Em duas colunas fez as suas forças marcharem: uma pelo caminho de boiadas e outra por mar, sobre Itapagipe. O choque entre as tropas, brasileira e portuguesa, foi terrível. A luta prolongou-se por mais de cinco horas. Os Brasileiros resistiram bravamente. Em meio à refrega che-

gam novos reforços para os Portugueses. A linha dos independentes estava ameaçada pelos assaltantes, cujos ímpetos se quebravam contra ela. Em face dos Portugueses, cada vez mais numerosos, as Brasileiros tinham o recurso de encolher as pontas avançadas e preparar a defesa na retaguarda.

Em acelerado os atacantes sobem os morros. Avançavam certos de levar os adversários de vencida. Quando a ponta de lança dos assaltantes atinge o ponto vulnerável dos independentes, soa, acima do entrevero, o toque sinistro: avançar cavalaria e degolar! O major Barros Falcão, comandante dos Brasileiros nessa luta, ordenara ao corneta, o toque de retirada. Mas a ordem não fôra cumprida. O clarim, por conta própria, fizera soar toque diferente. Assim, em vez de anunciar a derrota de seus companheiros de armas, levou, com inesperado ataque, a desordem e o terror pânico às forças portuguesas. Atônitas, em presença dessa cavalaria fantástica, com a qual não contavam, as tropas lusas ficam hesitantes. Entreparam. E por fim recuam.

Os independentes não perderam um segundo. Ordenam a carga de baioneta. Atacados com firmeza os assaltantes foram precipitados na planície. E o pavor envolveu-os na desordem, na confusão e na derrota.

Por essa forma o clarim Luiz Lopes, lusitano integrado na causa defendida pelos Brasileiros, ganhou a batalha de Pirajá, nos montes da Bahia. E o seu toque de angústia e desespero, em meio do triunfo vacilante, deu a vitória e a liberdade aos soldados da Independência.

# MODERNIZAR — II

Cap. Romeu de Carvalho Pereira

*Como seremos aproveitados no início do ano letivo de 1949?*

Sabemos perfeitamente a responsabilidade que nos pesa como transmissores de ensinamentos novos e ainda não de todo assimilados pelo próprio pessoal do Exército. E' por isso que nós não estamos cursando escolas, com um mínimo de esforço para atingir a "lanterna". Se não tiramos conceitos mais altos, não o fazemos por falta de esforço pessoal, mas sim por circunstâncias outras imprevistas. Exatamente porque desejamos levar o máximo de conhecimentos para aplicação nas nossas escolas é que nos esforçamos ao máximo.

A nós nos parece que devemos agir em três escalões:

- nas escolas de formação,
- no curso de aperfeiçoamento, e
- nos cursos de informações.

Quanto às escolas de formação, pelo menos no próximo ano, os alunos do 3.º ano da E.O. deverão receber ensinamentos da nova doutrina, principalmente na parte de organização das unidades e empregos. O programa deverá ser judiciosamente elaborado, para os assuntos a serem ministrados em paralelo com os do Curso de Aperfeiçoamento, afim de que as aplicações sirvam a ambos os cursos, em exercício de conjunto.

O curso de aperfeiçoamento deve ser realizado sob três aspectos;

- 1.º) - aperfeiçoamento policial;

- 2.º) - aperfeiçoamento de bombeiros; e

- 3.º) - aperfeiçoamento militar.

Há matérias que são correlatas a tais aspectos e que na guerra sofreram grandes modificações, devendo ser ministradas como assunto básico.

Quase tôdas são especialidades mas que, na falta dos especialistas com os respectivos cursos podem ser transmitidas aos nossos oficiais pelos diplomados pela E.A.O., possuindo êstes os necessários conhecimentos para fazê-lo com segurança.

Sabemos que a Química teve uma aplicação considerável na guerra, de diferentes maneiras, sendo uma das principais a formação de nuvens de fumaça para encobrir movimentos. Na nossa função, em emprêgo repressivo ou mesmo preventivo, é perfeitamente aplicável. Não há unidade moderna que não tenha seu elemento de Guerra Química. E' esta especialidade correlata aos aspectos que procuramos estudar.

Pela organização adotada no Exército (unidades chamadas "tipo F.E.B."), vê-se que somente o R.I. não é unidade motorizada (excetuando, naturalmente, as unidades de Cavalaria Hipomóvel de fronteira e considerando-se desaparecido o B.C.). Assim mesmo o R.I. moderno possui, de dotação, 222 viaturas e 101

reboques de diversas tonelagens. Conseqüentemente, torna-se necessário ao capitão e aos oficiais superiores conhecerem os princípios fundamentais da manutenção de viaturas automóveis. E' exercida na unidade por especialistas mas, considerando-se que na organização da Fôrça os Batalhões Policiais devem ser motorizados e que o Corpo de Bombeiros é unidade moto-mecanizada, a especialidade *manutenção orgânica* é correlata aos três aspectos.

Nenhum chefe pode agir com eficiência sem estar ligado às suas funções em ação. Quer sob o aspecto policial, de bombeiros, quer o militar, as comunicações têm uma importância especial. Surge também a especialidade *transmissões*, mormente a rádio-comunicação e, dentro dela, o sistema móvel em viaturas ou a pé. Poderemos unificar êsses princípios nos aspectos estudados.

Para um chefe poder decidir com segurança sôbre os movimentos de sua unidade, quer sob o aspecto motorizado ou pelo movimento a pé, é preciso que conheça os novos princípios que regem os *transportes* e a *circulação*. Êsses princípios aparecem com maior importância em se tratando de oficiais que vão servir no Estado Maior ou na D.G.I., onde os planejamentos dos movimentos são de maior envergadura. Militarmente estudados têm perfeita aplicação às ações policiais e de bombeiros.

Além dêsses assuntos que podem ser considerados básicos, cada aspecto teria suas disciplinas individuais.

Sôbre bombeiros, o Bol. Geral publicou a organização da um quadro

de matérias a serem ministradas num curso, em boa hora organizado, para oficiais servindo no C.B.. Com as modificações necessárias, poderá servir de base para os assuntos do Curso de Aperfeiçoamento.

Para o aspecto policial, os especialistas que temos, bacharéis em direito, poderiam pronunciar-se a respeito, tendo em vista a finalidade de aperfeiçoar oficiais para emprêgo de suas unidades como órgão policial, quer na capital quer no interior.

As matérias da parte militar compreenderiam:

- cooperação das armas e serviços;
- emprêgo da Infantaria;
- emprêgo de Cavalaria Hipomóvel; e
- emprêgo das Unidades Blindadas.

As mudanças operadas nos princípios de emprêgo das armas poderão ser consideradas pelos nossos chefes mais céticos como de muito pouca importância, servindo os ensinamentos anteriormente adquiridos. A realidade é outra. Citaremos exemplos.

Atualmente a Engenharia não é mais aquela arma quase não combatente. Na atual doutrina adotada pelo Estado-Maior do Exército e que, por fôrça da Lei do Serviço Militar, nossa organização e instrução devem ser nela baseadas, dentro das possibilidades econômicas, seus princípios de emprêgo são bem outros de antes da guerra. E' arma tão combatente quanto qualquer outra o é. Seus elementos, algumas vezes, precedem à própria Infantaria.

Em consequência da motorização dos exércitos modernos, surge um problema complexo para os chefes.

A aplicação dos princípios que regem os movimentos das tropas.

Sendo três as situações de uma tropa em campanha:

— estacionada,

— movimentando-se ou

— combatendo, é preciso que os princípios do movimento sejam do perfeito conhecimento do chefe que a conduz.

Os movimentos são totalmente motorizados ou são combinados com os movimentos a pé da Infantaria, (movimento em lançadeira). Seu planejamento precisa ser técnico. Os oficiais do E.M. da unidade (atualmente chamados S-1, S-2, S-3 ou S-4) devem bem conhecer os princípios técnicos do planejamento e os da execução, pela tropa. Uns e outros são bem diferentes dos ensinados anteriormente.

Surgiu também, com a nova doutrina, na questão de *suprimento* (o que na doutrina francesa se chamava *aprovisionamento*), problemas complexos e de não fácil solução, dado o volume de suprimentos em combinação com os problemas de transportes de uma tropa em ação. Para auxiliar a tática nesse ponto aparece uma palavra nova, a *logística* que é "encarregada de deslocar e suprir os exércitos em campanha".

No cenário dos exércitos surgiu nova arma, formada, inicialmente, de elementos de tôdas as outras: a arma blindada. Sua unidade tática a D.B. (Divisão Blindada) êmula das "Panzer Divisionen" nazistas, foi lar-

gamente empregada na guerra. Nosso Exército já criou sua D.B. orgânica, além de unidades blindadas no âmbito das D.I. e D.C..

Seus princípios de emprêgo devem ser do conhecimento de todo chefe de qualquer arma, pois os C.C. (carros de combate), leves ou médios, apoiam as armas combatentes de Inf. ou Cav..

Nossos oficiais devem conhecer a organização e os princípios respectivos de emprêgo. Naturalmente não iremos empregar nenhuma unidade blindada mas, como cultura profissional, tais conhecimentos devem fazer parte da bagagem dos oficiais aperfeiçoados.

Finalmente, alguma coisa do curso de Informações.

Sabemos que o Curso de Aperfeiçoamento é compulsório e limitado ao número de vagas fixado. Transmítidos os conhecimentos da nova doutrina, aos oficiais nele matriculados, dentro em pouco haveria um desequilíbrio de conhecimentos dentro das unidades, onde teríamos oficiais aplicando ensinamentos da doutrina francesa e outros da americana. Isso deve ser considerado e evitado.

A nós, parece que um curso de informações veria sanar êsse inconveniente.

Seria obrigatòriamente freqüentado por todos os oficiais da guarnição da Capital, inclusive os não combatentes, pois os serviços de saúde e de suprimentos sofreriam bastante alterações.

Seu programa seria colocado nos assuntos do C.A.O., mas ministrados em forma de conferências e demonstrações, se possível.

# A V I D A

A Germano Ribeiro Scartezini

CAVALHEIRO FREIRE

*A existência é talvez a única pelêja  
que não derrama sangue e mata muita gente,  
pois nunca me constou que alguém está contente,  
embora tenha tudo, embora tudo seja!*

*O nosso coração não sabe o que deseja,  
porque só lhe convém um bem que está ausente;  
o coração humano é mesmo, infelizmente,  
volúvel quanto o mar que a praia fere e beija.*

*O pequenino chora e aspira à juventude,  
soluça a mocidade ao recordar a infância,  
e sonhos de criança o velho acaricia!*

*Traz o presente enfado, o anseio nos ilude...  
e vacilando assim aos ventos da inconstância,  
fugindo a vida vai curta e tão vazia!...*

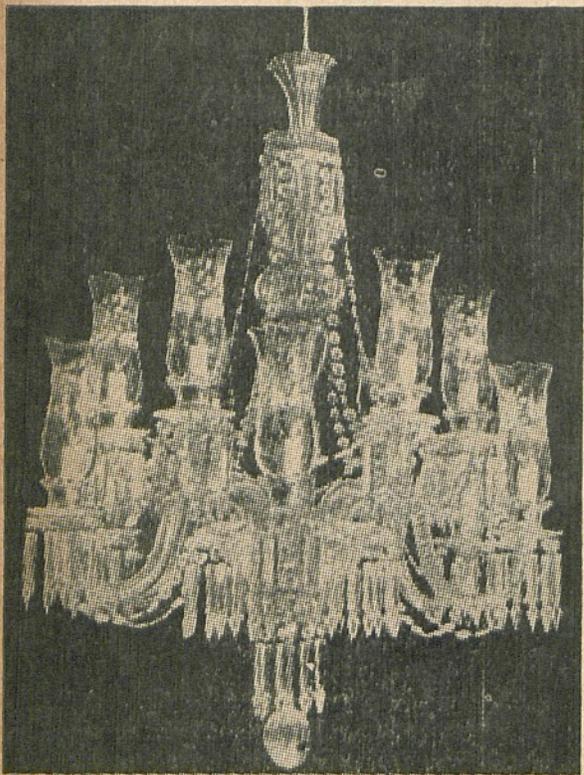
Nas unidades do interior dois métodos poderiam ser adotados:

1.º) - Seria destacado um oficial com os novos conhecimentos, o qual durante um espaço de tempo determinado pelo Comando Geral, transmitiria os princípios básicos aos oficiais da sede da unidade. Esse oficial levaria consigo as conferências dos especialistas, que seriam lidas e comentados, correlatamente com os ensinamentos ministrados.

2.º) - Defasar de um ano de início da aplicação dos princípios novos, ficando esse trabalho a cargo dos ofi-

ciais que, tendo terminado o C.A.O., seriam distribuídos a êsses corpos com instruções especiais para êsse trabalho.

Essa é a idéia que, despretenciosamente, lanço ao exame de nossos responsáveis pelos problemas de reorganização do ensino da Fôrça. Nosso objetivo é cooperar sinceramente, no reerguimento da nossa querida corporação para que, modernizada, cumpra com maior eficiência sua missão policial e possa dar, se necessário, reserva eficiente para todos os quadros do Exército Nacional.



1,10 x 0,95 cm c/ 12 luzes

Caprichosamente trabalhado pelos mais hábeis conhecedores da arte, os cristais de nossa fabricação impõem-se pelas suas linhas características, o que os torna indispensáveis no complemento dos ambientes seletos.

\*

Especializada na fabricação de artigos de cristal em geral, a

**CRISTALERIA LUSITANA**

é a mais completa organização no gênero.

Para pedidos

**CRISTALERIA LUSITANA LTDA.**

AV. CELSO GARCIA, 1601 - Tel. 9-3710

SÃO PAULO

## NO VA DIREÇÃO DE "MILITIA"

Com o falecimento do cel. José Sandoval de Figueiredo, a transferência do maj. Laércio Gonçalves de Oliveira, para o 8.º B.C., sediado em Campinas, vagaram-se os cargos de Diretor e Redator-Chefe desta revista, que foram ocupados respectivamente pelo ten. cel. José Maria dos Santos e maj. Aparício de Barros Messias.

Os oficiais ora substituídos são credores da gratidão de "Militia", pelos auxílios prestados ao nosso órgão de divulgação.

### — :: — CORPO E A ALMA

Corpo e alma pedem cuidados idênticos. Se nos inficionamos freqüentando lugares imundos ou servindo-nos de utensílios dessasseiados, logo sentimos no corpo os rebates da contaminação.

O mesmo se dá com a alma do que se aparceira com gente de má vida, assídua no vício, que é guia esperto para o crime.

O tempo que se perde em más companhias, volta, mais tarde, em miséria e vergonha.

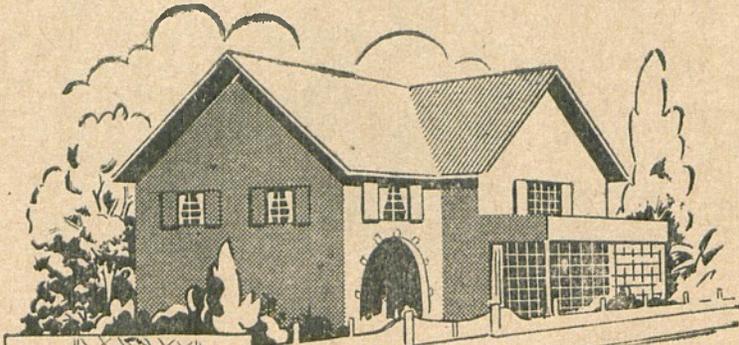
(Breviário Cívico - COELHO NETTO).

### — :: — SENHORAS E SENHORITAS

Para o desentorpecimento do organismo cansado pela labuta doméstica, que constitui o rameirão de todo o dia, nada como a prática de lições de Educação Física.

Alonga a vida, mantém as linhas e acaba com a "dor de costas", tão do desagrado das donas de casa.

O esporte supera qualquer regime alimentar.



## A HIGIENE DE SEU LAR!

LYSOFORM BRUTO é indispensável na limpeza de sua residência, protegendo-a contra as impurezas nos seus recintos. Lysoform Bruto, empregado em solução adequada conforme a bula, desinfeta e perfuma os banheiros e privadas, limpando, ao mesmo tempo, pisos, paredes, aparelhos sanitários. Inapreciável na limpeza e extinção do mau-cheiro dos refrigeradores. Insubstituível para lavar as roupinhas do bebê.

# LYSOFORM ★ BRUTO ★

LABORATÓRIOS LYSOFORM S.A.

São Paulo - R. Taquarí, 1338 ★ Rio - R. Lavradio, 70-A



PANAM — Casa de Amigos

À Venda na Secção de Abastecimento da Fôrça Pública



# CRUZ AZUL ID



Sessão comemorativa do 23.º aniversário da C.A., realizada pelo sr. cel. cmt. Geral da Fôrça Pública.



Um soldado, a convite do presidente da sessão, cel. Ferlich, descerra a cortina que cobria a galeria de retratos dos ex-presidentes da C.A., inaugurada a 28 de julho.

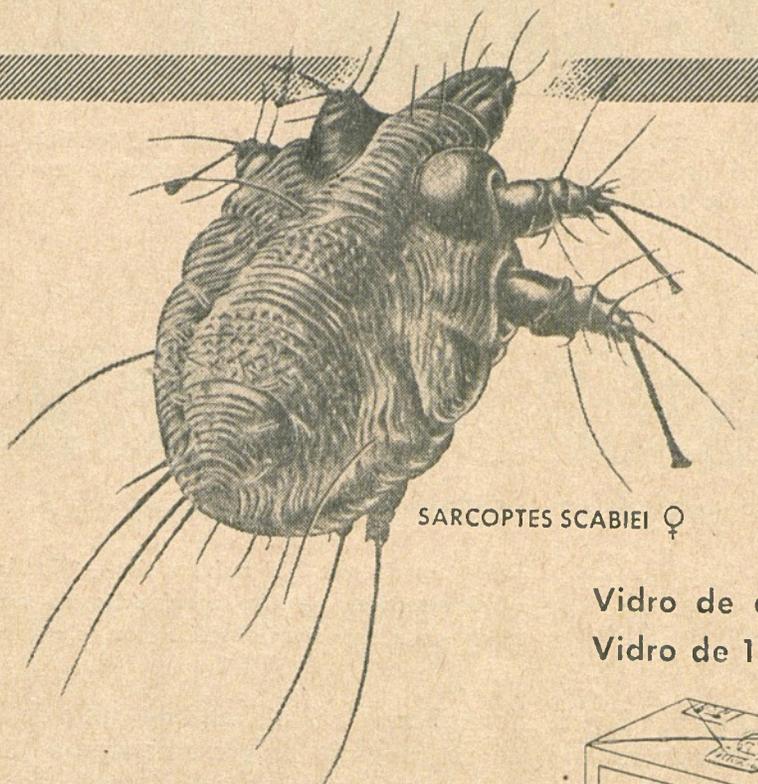
# E SÃO PAULO

*Passagem do seu 27.º aniversário — Realizações dos seus administradores — Um movimento de assistência social atestando a capacidade realizadora de nossa gente.*

A Cruz Azul de São Paulo é filha das barricadas do segundo “5 de Julho”. Nos pequenos intervalos dos combates que se feriam nas ruas da capital bandeirante, soldados ilustres pensavam nos feridos, nos que tombavam no cumprimento do dever, nas viúvas e nos órfãos daquela luta cruenta. E idearam a criação de uma instituição com as finalidades de assistência social e educativa, a desenvolver seu programa e sua obra no seio da Fôrça Pública, junto às famílias dos seus servidores. Heróis autênticos, bravos de verdade, transformaram-se, assim, em filósofos e humanistas, concebendo um grande ideal de solidariedade e de amor.

No dia 28 de Julho de 1.925, quando se comemorava o primeiro aniversário da retomada da capital paulista pelas fôrças legais, o sonho se corporifica em realidade. Naquele dia festivo funda o oficialidade da Fôrça Pública, capitaneada pela figura incomparável de seu Comandante Geral, o coronel Pedro Dias de Campos — verdadeiro artífice da idéia e de sua cristalização — a “Associação das Damas da Cruz Azul”. E foi feliz êsse nome primitivo. Damas ilustres, matronas de Piratininga, bem dignas das matronas da “Cidade dos Onze Obeliscos”, como d.<sup>a</sup> Hercília Alves de Campos, espôsa do coronel Pedro Dias de Campos, d.<sup>a</sup> Carolina Bandeira do

# ASCABIOL



SARCOPTES SCABIEI ♀

Vidro de 60 cm<sup>3</sup>

Vidro de 125 cm<sup>3</sup>

**ESCABIOSE**  
Sob tôdas as formas  
**PEDICULOSE**  
**FTIRÍASE**



## ASCABIOL

Solução hidralcoólica saponá-  
cea de benzoato de benzila  
altamente concentrada.



★ CORRESPONDÊNCIA: **RHODIA** — CAIXA POSTAL 95-B — SÃO PAULO ★

Vale, filha do desembargador Vale, as senhoritas Josefina de Toledo Barros, Anita Florence, as irmãs Evangelista, de tradicionais famílias paulistas, ocuparam postos de destaque na direção e nas primeiras realizações da Entidade. E' eleita, no mesmo dia, a primeira diretoria, cabendo a presidência ao tenente coronel dr. Tomás de Aquino Monteiro de Barros, de saudosa memória. No mês seguinte, são aprovados os estatutos da jovem Instituição. Trazem êles, no frontespício, uma transformação no nome inicial. Surge a "Cruz Azul de São Paulo", em lugar da Associação da Damas da Cruz Azul.

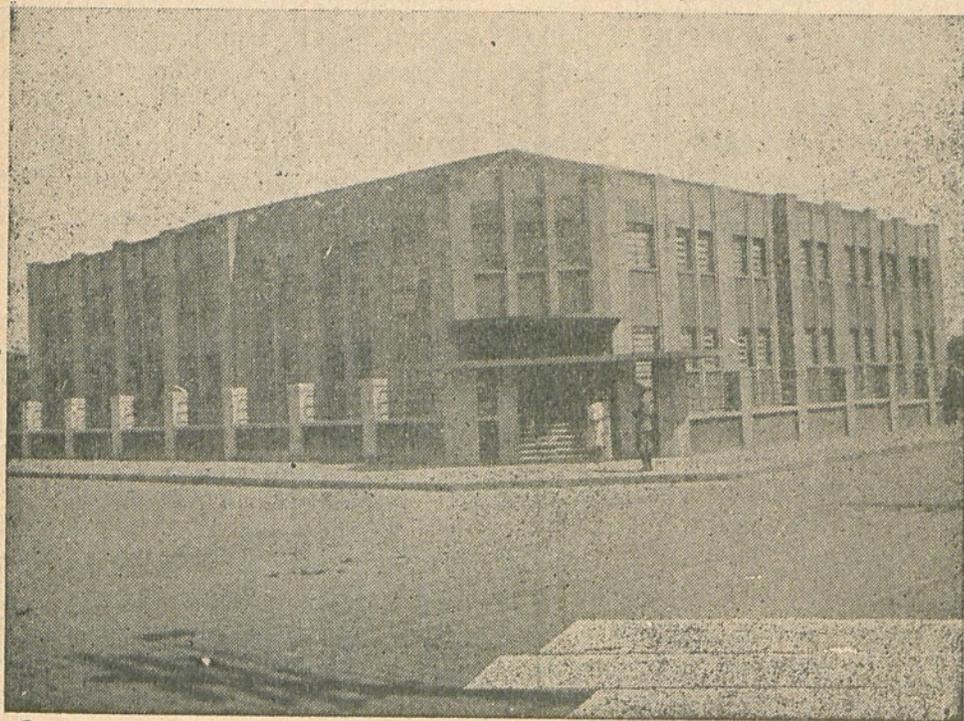
Foi, por esta forma, lançada a semente no seio generoso da terra paulista. Cuidada por carinhosos e

competentes obreiros, ela germinou, cresceu, floriu, frutificou. E' árvore frondosa. Dá, em nossos dias, sombra e consôlo aos que padecem.

Da fundação até os dias presentes, nada menos de nove chefes militares de rara dedicação e comprovado valor, secundados por brilhantes companheiros, conduziram a Cruz Azul às alturas em que a contemplamos, hoje, com a mais justificada ufania. São êles, pela ordem: o tenente coronel dr. Tomás de Aquino Monteiro de Barros, o coronel Pedro Dias de Campos, o coronel José Sandoval de Figueiredo, o coronel Joviniano Brandão de Oliveira, o tenente coronel Manoel Marinho Sobrinho, o coronel José Teófilo Ramos, o coronel Sebastião do Amaral, o tenente coronel Luiz Tenório de



Cel. Júlio Dino de Almeida, atual presidente da Cruz Azul de São Paulo, em seu gabinete de trabalho.



Ambulatório da Cruz Azul

Brito e o tenente coronel Júlio Dino de Almeida. Vejamos diversas realizações desses administradores:

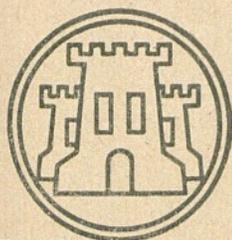
1.º — *Ten. cel. dr. Tomás de Aquino Monteiro de Barros* (28 de Julho de 1925 a 27 de Setembro de 1927). Foi o desbravador inicial dos roteiros que haviam de levar a Instituição aos seus grandes destinos. Na sua administração, surgiu o Posto Médico, logo após transformado em Ambulatório, sob a direção do então capitão, hoje tenente coronel, dr. Benedito Leite Penteado; os 1.º e 2.º Grupos Maternais que deram origem ao Grupo Escolar “Duque de Caxias”; e a Comissão de Socorros. Era uma figura venerável, descendente de progênie ilustre que ainda hoje brilha no cenário paulista e nacional. Nobre por índole e vo-

cação, fez de seu coração um templo à bondade e à virtude.

2.º — *Cel. Pedro Dias de Campos*. (27 de setembro de 1927, a 6 de Junho de 1928). A eleição encerrava reconhecida homenagem ao verdadeiro criador da Instituição: Sob seu pulso firme, é iniciada a assistência médica hospitalar, mediante contrato com renomadas Casas de Saúde; contratam-se médicos e enfermeiros do interior para as necessidades das famílias dos elementos que serviam fora da capital; são nomeadas as primeiras professoras pelo Estado, para os Grupos Maternais; é instituído um serviço de condução, em belas jardineiras, das crianças, dos nossos filhos, para as Escolas da Cruz Azul e sua volta ao lar, após as aulas; consegue-se a doação do



Sala de Espera do Ambulatório



*"Torres"*

Colaboração do

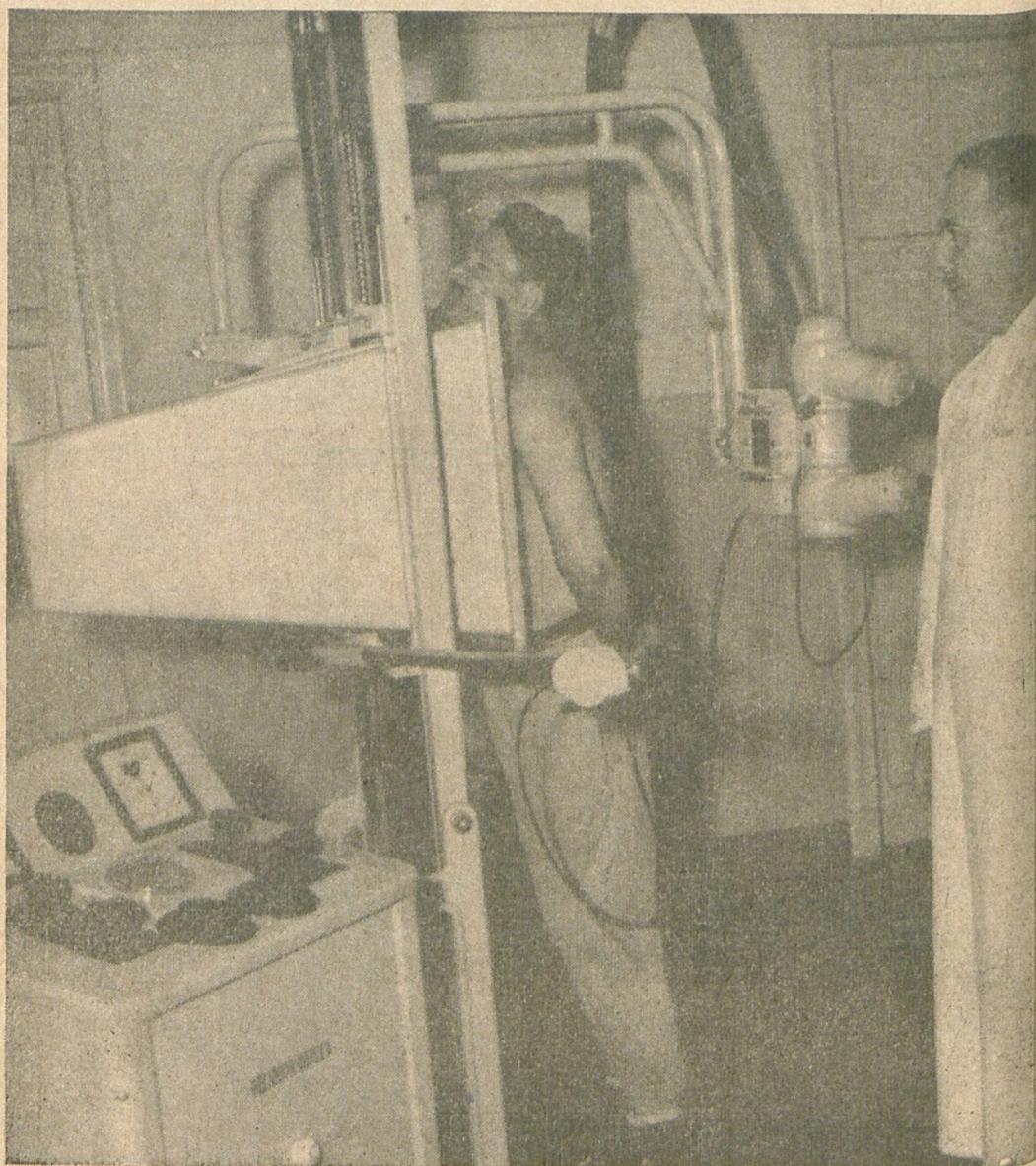
Laboratório Torres S.A.

SÃO PAULO

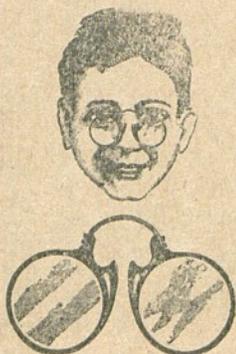
terreno do atual Ambulatório e agita-se o problema da construção do hospital, levantado por um consócio eminente, mais tarde glorificado na presidência da Instituição. Grande figura a do coronel Pedro Dias. Sempre descortinou horizontes, além, muito além, de época em que rea-

lizava. Tem sido sempre um vulto maior que os dias que palmilha. Na Instituição, o seu nome é uma lenda de luz.

3.º) — *Cel. José Sandoval de Figueiredo* (26 de Junho de 1.928, a 4 de Janeiro de 1.930). No ativo de suas realizações, contam-se a mu-



Gabinete de Tisiologia



ÓCULOS — PINCE-NEZ  
LORGNONS — BINÓCULOS

Material Fotográfico

Cinema — Films

Revelações

Ampliações — Cópias

INSTRUMENTAL CIRÚRGICO — MÓVEIS PARA HOSPITAIS

# LUTZ FERRANDO

ÓTICA E INSTRUMENTAL CIENTÍFICO S. A.

**Direita, 33**

**S. Paulo**

dança do Ambulatório da Ponte Pequena, para o prédio da avenida Tiradentes, onde atualmente funciona o Grupo Escolar "Duque de Caxias", de maiores recursos para os serviços; a aquisição da primeira farmácia e o início da construção do hospital, em terreno que foi conseguido, por doação espontânea de um filântropo ilustre, graças ao trabalho do eminente dr. Godofredo Wilken, a quem a Cruz Azul muito deve. Grande soldado, grande administrador, professor e guia de várias gerações de oficiais de nossa Milícia, o coronel Sandoval de Figueiredo era, também, filólogo e beletista de reais méritos.

4.º) — *Cel. Jovinião Brandão de Oliveira* (4 de Janeiro de 1930, a 5 de Janeiro de 1931). Destacam-se,

no acervo de sua obra administrativa, a criação da Escola de Dactilografia, para preparação de amanuenses e escreventes da Fôrça Pública; as Escolas de Piano, Canto e Violino, para filhas de sócios, com a finalidade de despertar pendores e vocações para a arte musical e a Escola de Enfermagem. Dadas as complexas atribuições do cargo de Comandante Geral que exerceria, foi poderosamente, auxiliado pelos companheiros de diretoria, notadamente pelo vice-presidente, figura de grande tino administrativo. Era um varão admirável o coronel Jovinião Brandão. Sua nobreza tinha dimensões oceânicas. Sua distinção encantava. No seu lindo cavalo fidalgo, como quem o montava, esguio, apumado,



Gabinete Dentário

**Companhia Farmacêutica Brasileira**  
**Vicente Amato Sobrinho S. A.**

**ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS**

— MATRIZ: Praça da Liberdade, 91 — SÃO PAULO —

— FILIAL e Depósito em todos os ESTADOS —

*Como num golpe de magia,*



**Guaraina** cura instantanea-  
mente as dores, gripes e resfriados

**NÃO ATACA O CORAÇÃO**

atlético, sôbre reluzente perfilado, comandando as paradas naquelas dias saudosos, sua figura despertava entusiasmo, atraia respeito e admiração.

5.º — *Ten. cel. Manoel Marinho Sobrinho* (5 de Janeiro de 1.931, a 15 de Janeiro de 1.933). Sua administração sempre marcada de surpreendentes realizações. A princípio, surge a Escola das Mães, para assistência pré e post-natalidade; vêm depois as Escolas de Preparatórios, com cursos de admissão às escolas de oficiais, sargentos e cabos, da Fôrça Pública, com admissão aos cursos normais, secundários e técnicos. Quantas gerações de oficiais e graduados não foram buscar nos Cursos da Cruz Azul os conhecimentos para transpôr os umbrais do Centro de Instrução Militar! Na sua gestão cuidou-se da legalização da posse do

terreno onde nos encontramos agora. As primeiras demarches, verificou-se que a doação fora ilegal. A Prefeitura doara aquilo que pertencia ao patrimônio da fazende estadual e não ao seu. O presidente age e tudo consegue com um decreto do Estado, o verdadeiro senhor do terreno. Surge, após, a criação oficial do Grupo Escolar da Cruz Azul (hoje Grupo Escolar "Duque de Caxias"), que representava o reconhecimento dos antigos Grupos Maternais. A campanha de fundos, para construção do hospital, na sua administração, com as festas de ginástica, pela Escola de Educação Física, com as reuniões teatrais, com os jogos de futebol, com o "Jazz-Band Cruz Azul", operou verdadeiros milagres. Soldado ilustre e administrador incomparável, o coronel Marinho Sobrinho é, ainda, um intelectual e um fidalgo por tem-

## COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

## COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S. A. sob n.º 47

---

<b>Escritório e sede central:</b>	( Diretoria . . . . .	9-2658
<b>Rua Dr. Almeida Lima, 523</b>	<b>Fones ( S. Comercial . . .</b>	<b>9-2659</b>
<b>SÃO PAULO</b>	<b>( S. Técnica . . . . .</b>	<b>9-2681</b>

peramento. Seu nome é um capítulo da história da Instituição.

6.º) — *Cel. José Teófilo Ramos* (15 de Janeiro de 1.933 a 15 de Janeiro de 1.934). No seu mandato, o Ambulatório passou por substancial e eficiente reforma; novos médicos foram contratados; a secretaria, tesouraria e todos os trabalhos burocráticos mereceram cuidados es-

peciais e cuidadosa ampliação; o quadro social cresceu e se multiplicou. Sua gestão teve a duração, apenas, de um ano. Na presidência da Cruz Azul, o coronel José Teófilo Ramos foi sempre essa figura singular e notável que tóda a Fôrça Pública admira. Calmo, sereno, equilibrado, impoluto, caráter adamantino, deixou lá, como no seio da

 **Labor CIRÚRGICA Ltda.**  
IMPORTADORA

RUA XAVIER DE TOLEDO, 266 - 1.º AND. - CONJUNTO 2 - FONE 2-9209 - SÃO PAULO

*Artigos para:*

- MÉDICOS
- HOSPITAIS
- LABORATÓRIOS



Fundada em 3-9-1935 - Reconhecida  
em 3-9-1938 - Unidade Pública  
Lei 521 - 12-1949  
Sede própria Rua Odete SA Barroca, 188  
Tel: 227-5687 LUZ - SP



Laboratório Farmacêutico

Corporação um exemplo de pureza e elevação.

7.º) — *Cel. Sebastião do Amaral* (15 de Janeiro de 1934, a 15 de Janeiro de 1935). Um empreendimento, apenas, de sua gestão conquistou louros virentes. A construção do hospital achava-se paralizada. Os recursos financeiros esgotados. O presidente sai a campo, realiza uma operação de crédito com a Fôrça Pública, consegue numerário, traspassa a direção da construção ao nosso Serviço de Engenharia e o gigante de cimento da colina do Combucí vai para o alto. Verdadeiro prodígio operado por essa figure ilustrada que o Governo do Estado acaba de recrutar em nossas fileiras para o alto e honroso cargo de Juiz do Superior Tribunal Militar da Fôrça Pública.

8.º) — *Ten. cel. Luiz Tenório de Brito* (15 de Janeiro de 1935, a 5 de Abril de 1945). Sua gestão, foi sempre pontilhada de notáveis realizações. A oficialização da Cruz Azul, sonho de há muito tempo acalentado, foi sua primeira vitória, Terminou a construção do hospital e o instalou com tôda a aparelhagem, em empolgante solenidade, presidida pela figura exponencial, por êsse varão de Plutarco que tem trono e estátuas no coração da Fôrça Pública, que é o atual e eminente Chefe do Estado Maior do Exército, o exmo. snr. general Milton de Freitas Almeida. Criou a Revista da Cruz Azul, órgão de caráter científico, que alcançou renome nacional e fora do país. O prédio do Ambulatório, com a montagem e organização modelar dos seus serviços, é obra de sua

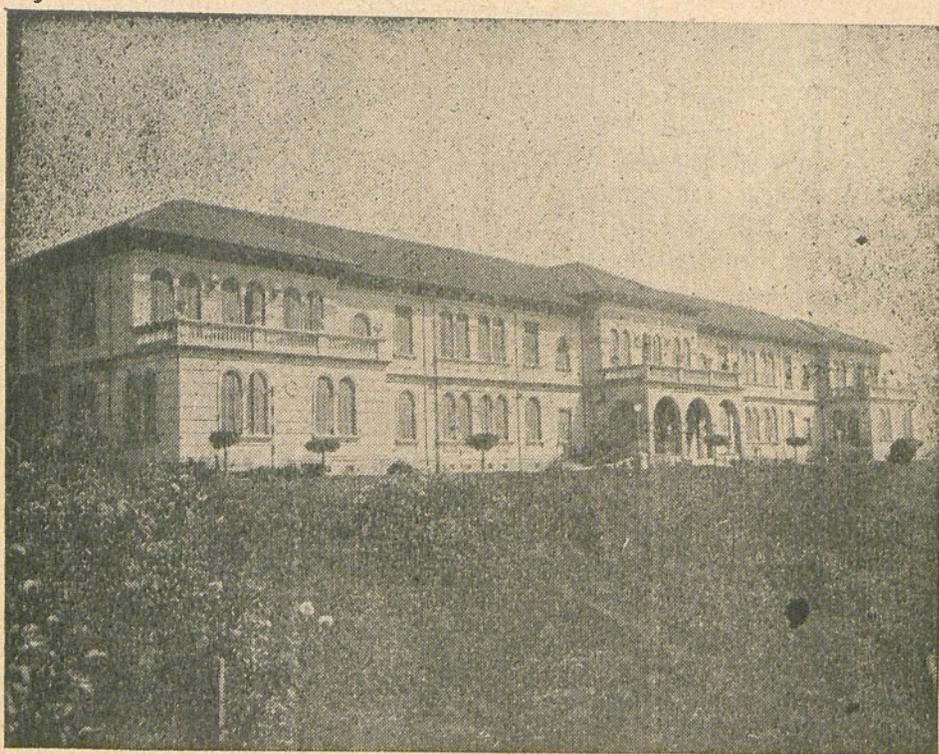
# Casa Cirúrgica

Costa & Carvalho

Móveis para Consultórios — Artigos em Geral para Médicos,  
Parteiras, Hospitais e Farmácias

TELEFONE, 2-0132 ————— CAIXA POSTAL, 1410—

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 192 - Sob. — S. PAULO (BRASIL)



Hospital e Maternidade Santa Maria da Cruz Azul

administração. O hospital, anos após a sua instalação, foi ampliado, na sua capacidade, com confortável e suntuoso pavilhão lateral. Soldado de lei, com um belo passado, o coronel Luiz Tenório de Brito, consagrado homem de letras, com assento em várias instituições científicas e culturais, foi, na direção da Cruz Azul, um administrador abalisado.

9.º) — *Ten. cel. Júlio Dino de Almeida*. Sua gestão, fecunda e brilhante, é digna da obra que realizou na Fôrça Pública. Enfeixa êle, no momento, em suas mãos honradas, o exercício do cargo.

Muitas e notáveis realizações destas figuras exponenciais foram omitidas. Não foi injustiça. E' que a natureza dêste relato exigia a preocupação de espaço. Daí, o constar, nesta notícia, apenas os feitos mais

importantes, de decisiva influência para a Instituição.

Manda a justiça — que se tribute calorosas homenagens aos integrantes de tôdas as diretorias, companheiros e auxiliares da grande obra que esta plêidade luminosa de varões realizou. Que se faça, de outro lado, uma citação especial às professoras do Grupo Escolar "Duque de Caxias"; aos professores dos Cursos de Preparatórios; aos ilustrados médicos do Serviço de Saúde, aos médicos civis, que trabalharam e trabalham, ainda, na missão generosa de curar, no ambulatório e no hospital; aos enfermeiros e enfermeiras; educadoras sanitárias, parteiras, aos funcionários de tôdas as categorias que prestaram e prestam dedicados serviços à Cruz Azul.



## PRODUTOS CHIMICOS CIBA S. A.

— Especialidades farmacêuticas e Produtos químicos —

— Anilinas e Produtos auxiliares —

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — PORTO

ALEGRE — BELO HORIZONTE

**HOMENAGEM**

**DA**

**PRODUTOS ROCHE**

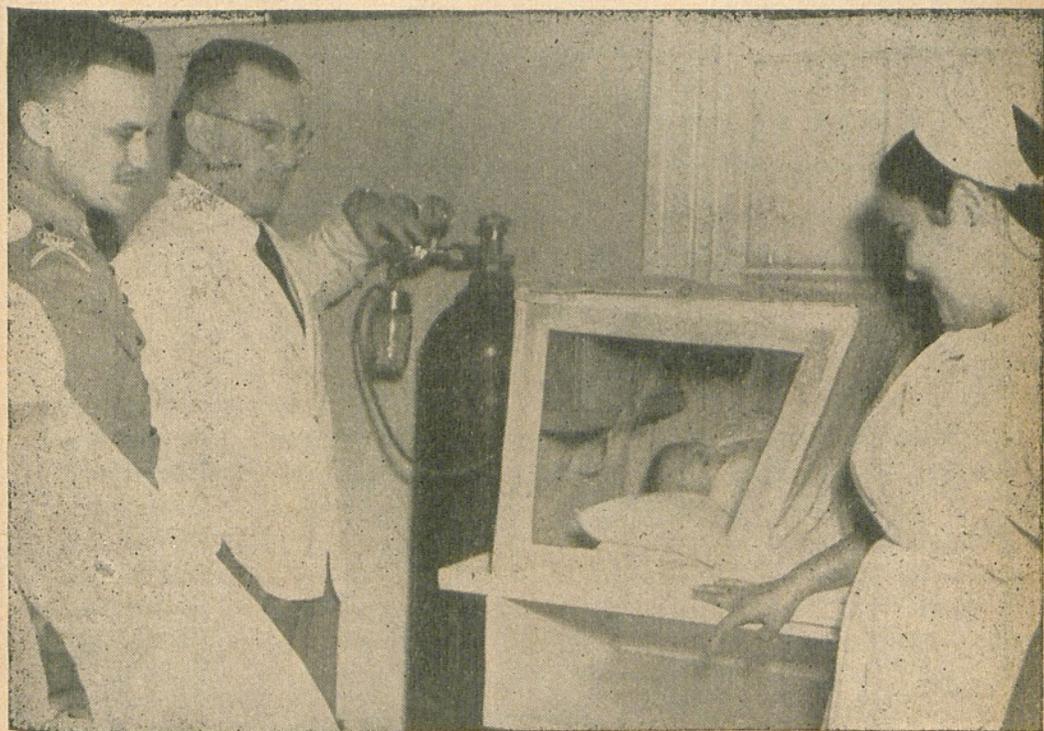
---

---

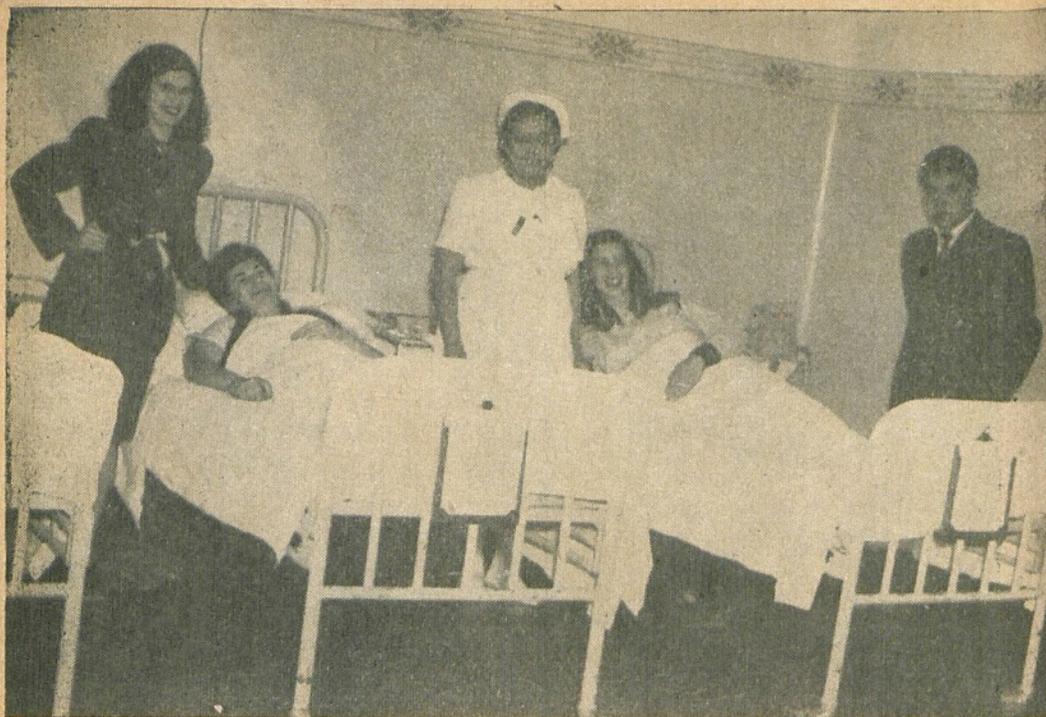
**QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS S/A**



Berçário da Maternidade



Câmara de oxigênio para recém-nascidos.  
O major Gilberto de Souza Maciel e Silva, administrador do Hospital, demonstrando seu funcionamento ao secretário de "Militia".



O semblante alegre das operadas reflete o ambiente de carinho dispensado aos enfermos.

Enfermaria destinada aos familiares de sargentos.

## LABORATÓRIOS GLAXO (BRASIL) S. A.

(EX S.A. CH. RICHARDSON)

Praça de Liberdade, 75 - Caixa Postal 3757 - Fone 4-1238

SÃO PAULO

**Séde :**  
Rua México, 11 - 15.º andar  
Cx. Postal 2755 - Tel. 22-4665  
**RIO DE JANEIRO**

**Filiais :**  
Pôrto Alegre  
Curitiba  
Bahia  
Recife

**Agentes :**  
B. Horizonte  
Uberlândia  
Manaus  
Belém  
São Luiz  
Fortaleza  
Parnaíba  
Maceió

Representantes de:  
GLAXO LABORATORIES LTD., Greenford, Inglaterra

AUMENTA A SECREÇÃO LÁCTEA

An illustration showing a baby in profile, wearing a white garment, with a woman's face partially visible behind it. The scene is set against a yellow, textured background. A thin red line runs diagonally across the image from the top right towards the bottom left.

Lactomadre

# LACTOMADRE

ESTIMULANTE DA SECREÇÃO LÁCTEA

Associação sinérgica de substâncias que **estimulam a secreção láctea**  
GALEGA - ALGODOEIRO - FUNCHO - com sais que **ativam o metabolismo** do organismo materno - MANGANÊS e CÁLCIO.

## FÓRMULA

Lactato de cálcio	0,25 g
Hipofosfito de manganês	0,05 g
Extrato de algodoeiro	0,20 g
„ de galega	0,10 g
„ de funcho	0,10 g

## INDICAÇÕES

Deficiência láctea das mães; estados  
de desnutrição materna.

## APRESENTAÇÃO

Drágeas



LABORATORIOS NOVOTHERAPICA S. A.

Rua 25 de Janeiro, 303 — Cx. Postal, 384 — Tel. 6-6273 — São Paulo



Maternidade às consortes de praças.

O asseio e a assistência constituem a forma de incutir a confiança às parturientes internadas.

## Indicações dos leites dietéticos AIRAN

Prisão de ventre  
Mau hálito  
Colites  
Disenterias

} Kephyr

Velhice Precoce  
Espinhas no Rosto  
Artério esclerose  
Auto Intoxicações

} Yoghurt

Qualquer um destes Leites Dietéticos pode ainda ser usado com proveito nos casos de debilidade, neurastenia, atonias gástricas, dispepsias hípo ácidas, mas sobre tudo, como alimento diário das pessoas gastas ou envelhecidas precocemente.

INFORMAÇÕES, LITERATURA e PEDIDOS:

RUA RIO BONITO, 1.206 — FONE: 9-1175 — S. PAULO

Estas Coalhadas podem ser também tomadas diariamente em qualquer leiteria do Centro.

Contribuição da

Indústria Farmacêutica Endochimica S/A

SÃO PAULO

# **Material Hospitalar S/A**

**(MATHOSA)**

**Av. Almirante Barroso, 91 - 11.º**

**RIO DE JANEIRO**

**Rua 7 de Abril, 252 - 1.ª sobreloja**

**SÃO PAULO**

Representantes exclusivos dos aparelhos de Raios-X  
para radiodiagnóstico e radioterapia KELEKET.

Eletrocardiógrafo CAMBRIDGE.

Audiômetro MAICO

Metabolismo JONES

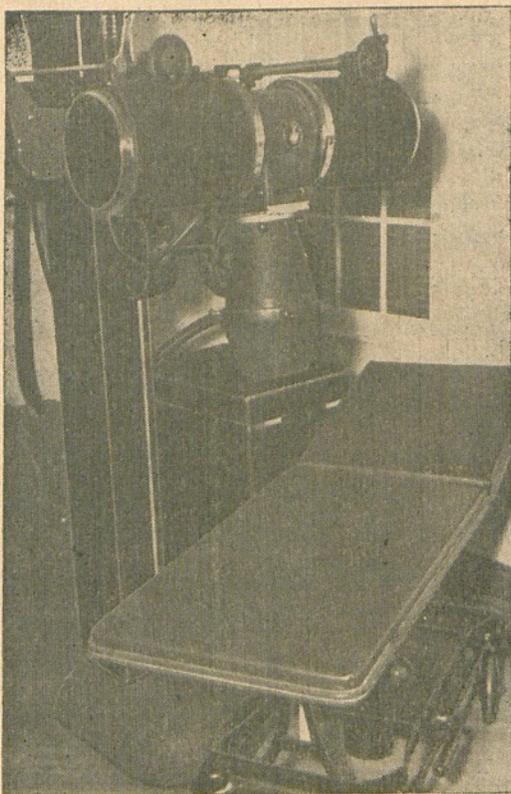
Lâmpadas para sala de operações CASTLE.

Aparêlho de Anestesia Gasosa BEN MORGAN

Aparelhos de Fisioterapia BURDICK



Sala de operações do Hospital da Cruz Azul



O custoso aparelhamento de radioterapia recentemente adquirido pela Cruz Azul.

---

---

**POLVILHO  
ANTISSÉPTICO**  
*"Granado"*

**BROTOEJAS  
ASSADURAS  
FRIEIRAS  
SUORES FÉTIDOS**

---

---

# Laboratório XAVIER

---

## Um estabelecimento que honra a indústria farmacêutica nacional

Estivemos, há dias, em visita ao LABORATÓRIO XAVIER. A magnífica impressão que colhemos se resume muito bem nas palavras que encimam esta notícia: êle é de fato um estabelecimento que honra a indústria brasileira. Funciona em prédio especialmente construído, possui a mais completa e moderna aparelhagem, tem a sua direção científica confiada a técnicos de conceito definitivamente firmado e fabrica produtos que conquistaram em todo o país o mais justo renome. Tudo isto que já sabíamos, porque todo o brasileiro o sabe, foi ampla e definitivamente confirmado em a nossa visita. Visitamos detalhadamente tôdas as suas secções, assistimos ao preparo de várias de suas especialidades e tomamos ainda cotacto com mais um notável empreendimento do grande Laboratório: a fabricação de um novo produto fadado a um êxito consagrador: o ANTI-CÁRIE XAVIER, à base de Fluor, nova e poderosa arma entregue ao povo para sua luta contra a terrível cárie dentária. Impossível relatar no reduzido espaço de uma notícia tudo o que vimos, tudo o que nos foi gentilmente exposto pelos diretores e auxiliares da firma proprietária: João Gomes Xavier & Cia. Ltda. Poderíamos apenas dizer, em resumo, que o LABORATÓRIO XAVIER é uma prova eloqüente do extraordinário poder de realização do trabalho honesto e pertinaz. Agora, melhor do que nunca, conhecemos as razões do prestígio e da confiança de que gozam os seu produtos em todo o país.

## — Assistência prestada pela Cruz Azul em 1947 —

**Ambulatório — Posto de Combate à Sífilis — Hospital e Maternidade**

A assistência médica, tanto a prestada no ambulatório como a proporcionada a domicílio, cresceu em número de beneficiados no exercício do ano findo.

Foi criado o serviço de assistência neuro-psiquiátrica e ampliado o serviço odontológico. Funcionam no ambulatório, as seguintes clínicas:

**GERAL:** maj. drs. Pedro Paulo Mesko e José da Silva Bueno Brandão, que atenderam a 5.530 consultas.

**PEDIÁTRICA:** tens. ceis drs. Estelita Ribas e Benedito Leite Penteado e dr. Antônio Batista Júnior, havendo atingido a 12.436 as consultas dessa especialidade.

**CARDIOLÓGICA:** cap. dr. Euclides Pinto Alves, com 1.708 consultas.

**OBSTRÉTICA:** drs. José de Paula Dias, Ovídio Palumbo e João Perez, que atenderam a 2.482 consultas dessa especialidade.

**DERMATOLÓGICA:** dr. Otávio Martins de Toledo, com 326 consultas.

## Usina COLOMBINA Limitada

Rua Silveira Martins n.º 195 — 1.º andar — Tels. 2-1524 e 3-6934

Caixa Postal 1469

SÃO PAULO

Mantém em estoque: PENICILINA e STREPTOMICINA

Fabricante do LANÇA PERFUME «COLOMBINA»

Produtos Químicos e Farmacêuticos

Sais Puros e Ácidos Comerciais e para Análise

FÁBRICA DE BISCOITOS

## Nova Manchester

— Propriedade de JOAQUIM RIBEIRO DA SILVA —

— FÁBRICA: — Rua Vinte Oito s/n. — Vila Carrão —

Varêjo e atacado na Padaria MARAJÓ.

RUA 21 DE ABRIL, 740 — (BRÁS) — SÃO PAULO

**CIRÚRGICA:** maj. dr. Henrique Arcuche de Toledo e dr. Luiz Heraldo da Câmara Lopes, com 472 intervenções.

**TISIOLÓGICA:** drs. Elísio Silva e Aulo Gélio Franco Viana, com o seguinte resultado: 1.870 consultas; 1.238 radioscopias e 1.627 Roentgenfotos.

**GINECOLÓGICA:** drs. Romeu Leão Cavalcanti e Elza Regiani de Aguiar, que atenderam a 2.062 consultas.

**OTO-RINO-LARINGOLÓGICA:** dr. Francisco Prudente de Aquino, com 2.181 consultas.

**ODONTOLÓGICA:** maj. Juventino Pereira e Luiz José Siqueira de Azevedo, havendo atendido a 7.763 clientes.

**OFTALMOLÓGICA:** dr. José Esteves, com 3.438 consultas.

**ELETRONOCARDIOGRAFIA E METABOLISMO BASAL:** maj. dr. Artur Alcaide Valls, com 485 consultas.

**BACTERIOLÓGICA:** maj. dr. José Torres de Rezende e dr. Durval Rosa Borges, com 9.320 exames.

Foram atendidos 885 chamados a domicílio.

O Dispensário tem em seu fichário 5.024 consulentes matriculados.

#### Posto de Combate à Sífilis

A Diretoria da C.A., secundando a ação do Comando Geral da Força Pública, instalou no Ambulatório um Posto de Combate à Sífilis, em caráter permanente, a cargo do

## Homeopatia FIEL

— a saúde no lar —

Uma das mais perfeitas e modernas organizações Homeopatas do Brasil. Sob a direção técnica do farmco.

**J. Almeida Cardoso**

Rua do Carmo, 73

**S. PAULO**

## Drogaria SÃO PAULO Ltda.

A QUE MAIS BARATO VENDE E MELHOR ATENDE

**MATRIZ:** Rua José Bonifácio, 135 — S. PAULO

**FILIAIS:** Praça da Sé, 243 — (SE')

**EM SÃO PAULO:** Largo Padre Péricles, 79 — (PERDIZES)  
Av. Rangel Pestana, 1415 — (BRÁS)

**FILIAL EM SANTOS:** Rua João Pessoa, 24

major dr. Pedro Paulo Mesko. Essa medida é louvável, pois redundará em benefício do associado, da prole, e da coletividade com a conseqüente eugenia da raça.

#### Hospital e Maternidade

O Hospital e Maternidade, a cuja frente se encontra o brilhante cirurgiã paulista, major dr. Henrique Arouche de Toledo, completou já 13 anos de plena atividade, mantendo atualmente as seguintes clínicas: — Cirúrgica — Obstétrica — Ginecológica — Ortopédica — Oto-Rino-Laringológica, além dos serviços de Radioterapia, Raio e de Eletroterapia.

O movimento da maternidade foi de 1.034 partos verificados e de 742 operações obstétricas praticadas. Passaram pelo berçário 1.034 crianças, sendo 347 filhos de associados e 687 filhos de pensionistas, pois o Hospital e a Maternidade aceitam a internação de pacientes, mediante o pagamento de diárias comuns, não pertencentes às famílias de integrantes da F.P. O serviço de transfu-

são de sangue para doentes hospitalizados é feito pelo "Banco de Sangue" do Sanatório Esperança. Dispõe o estabelecimento de permanente serviço médico de plantão, do qual estão encarregados os assistentes internos: drs. Otávio Della Serra, Iberê de Almeida Xavier, José Mário Maldonado, Vascippe Calixto, Rafael Chiarello e Ismar Carril. A assistência religiosa é prestada por 8 Irmãs da Ordem de São Camilo de Lellis, sob a orientação eficiente e dedicada da Irmã Superiora Samuela.

#### No Interior

Nas cidades do interior do Estado, sedes de unidade, numerosos associados foram atendidos por médicos contratados pela Cruz Azul, e, em outras localidades, por médicos particulares e parteiras. A amplitude dessa assistência, no interior, é revelada pela importância gasta, durante aquele ano, com o pagamento de honorários a profissionais, médicos e parteiras — Cr. \$ 158.332,00.



Laboratório Farmacêutico  
Brasileiro "LAFABRA" Ltda.

Extratos Fluidos — Tinturas — Pastilhas

Produtos officinais — Especialidades farmacêuticas

RUA RUI BARBOSA, 377 — FONE 3-3426 — S. PAULO

# HOSPITAL E MATERNIDADE DA CRUZ AZUL

ANO DE 1947

Movimento dos doentes entrados por mês

DISCRIMINAÇÃO DO NASCIMENTO	Mês												TOTAL	
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro		
Adultos	Do sexo masculino ...	97	96	78	90	91	99	154	23	92	118	77	59	1.074
	Do sexo feminino ....	226	218	241	227	215	207	225	267	218	207	217	153	2.621
	Do sexo masculino ....	3	2	3	4	5	7	6	2	2	2	3	3	42
Crianças	Do sexo masculino ....	5	4	6	2	7	6	8	6	5	4	2	3	58
	Do sexo feminino ....													
S O M A .....	331	320	328	323	318	319	393	298	317	331	299	218	3.795	

# VITAMINAS

*Floriano Basaglia, 1.º ten. med.*

O problema alimentar no Brasil ainda está longe de ser uma questão de vitaminas; é antes, de modo geral, um problema de quantidade.

E' preciso que haja alimentos em abundância e por preços acessíveis ao padrão de vida do pobre; é necessário que êle tenha leite, carne, verduras, etc., sem fraudes e falsificações, para depois se cuidar de cada aspecto da alimentação.

Por isso, qualquer campanha alimentar que se atenha só às vitaminas, estará certamente destinada a fracasso.

Não deixa, entretanto, de ser interessante, como medida de higiene alimentar, a divulgação de conhecimentos sôbre as vitaminas.

As plantas podem viver só à custa de substâncias minerais, porque têm a capacidade de produzir os alimentos de que necessitam pelo fenômeno da fotossíntese. Absorvendo do solo, pela raiz, compostos simples: água, sais minerais e unindo-os ao gás carbônico graças à clorofila e à luz solar, o vegetal transforma êsses corpos simples em açúcares, gorduras, proteínas, que são substâncias orgânicas muito mais complexas. Os animais não têm essa propriedade dos vegetais; para o crescimento, e para obterem energia, têm de recor-

rer às substâncias orgânicas dos vegetais ou de outros animais.

Êsses fatos são conhecidos há tempos e até cêrca de 1.880 acreditara-se que os sais minerais, os hidratos de carbono, as proteínas e as gorduras bastavam como alimentos. Mas nes-

## *Dinamismo* que conquista!

Há pessoas tão prestimosas e tão eficientes que é um prazer vê-las em ação: dinâmicas, cheias de vida, de idéias, de planos. Fazem amigos às dúzias. Seja também uma dessas criaturas



e não receie pelo futuro de sua carreira. Alerta o cérebro, "afine" os nervos e revigore os músculos, tomando Biotônico Fontoura, reconstituente cientificamente dosado e que o livra do cansaço, do abatimento, do nervosismo. Biotônico Fontoura dá força aos fracos e conserva a saúde dos fortes.



### BIOTONICO

Fontoura

O MAIS  
COMPLETO FORTIFICANTE

DOR — GRIPE — RESFRIADO

# BALSAMINA Comprimidos

Diferente na fórmula

E DE EFEITO SINÉRGICO

sa época falharam as tentativas de obtenção de alimentos artificiais reunindo-se seus componentes no laboratório. Assim, pela reunião de gorduras, proteínas, sais minerais e hidratos de carbono na mesma proporção que se encontram no leite natural, obtinha-se um leite artificial que não conseguia alimentar ratos; mas era bastante que fossem acrescentados três centímetros cúbicos de leite natural a mais, para que o desenvolvimento dos animais se processasse normalmente. Concluíram então os experimentadores que, além

dos elementos isolados pela química, outras substâncias existiam no leite natural, necessários à vida; foram elas chamadas "fatores acessórios da alimentação".

Também há muito tempo eram conhecidas moléstias provenientes de regimes inadequados. Há referências ao beri-beri em 24 a. C., que surge em dietas à base de arroz polido, e que se caracteriza por inflamação dos nervos.

Em 1.601 os navios da Companhia das Índias incluíram suco de laranja

**COMA** o que mais lhe apetecer!

## **ELIXIR AMARGO TADDEI**

— Garantirá o bom funcionamento do seu estômago —

— Desperta o apetite, estimula a digestão —

— Evita o mal estar após as refeições —

e de limão no cardápio dos marinheiros, para prevenir o escorbuto, que surgia nas tripulações alimentadas só com alimentos em conserva; no escorbuto as pessoas têm tendência às hemorragias.

Por todos esses fatos já se sabia que os alimentos possuíam, além das substâncias já conhecidas, outras indispensáveis ao normal funcionamento do organismo.

Muitas eram as tentativas dos experimentadores para isolar os fatores acessórios da alimentação ou para descobrir as substâncias que impediam o aparecimento das moléstias de carência.

O termo *vitamina* surgiu em 1911. Casinur Funk, pesquisando nessa época a causa do beri-beri, isolou da cutícula do arroz uma substância que prevenia ou curava a moléstia; chamou-a de vitamina B por ser u'a amina indispensável à vida( aminas

são substâncias orgânicas com radicais alcoólicos).

Embora só as vitaminas B1. e B6. sejam aminas, o termo vitamina foi conservado para designar os outros fatores acessórios da alimentação que foram sendo isolados. Vitaminas são, pois, substâncias que intervem em quantidade mínimas na regularização das funções orgânicas, sem agirem como alimentos fornecedores de energia ou de material plástico (produção de novos tecidos). Há um mínimo diário de consumo das mesmas, que deve ser reparado. Não é só o homem que necessita de vitaminas; também os outros animais, os vegetais e até os seres microscópicos. Os vegetais produzem as vitaminas de que precisam. O homem só é capaz de produzir em seu organismo a vitamina D. Os carnívoros sintetizam a vitamina C.

### Por que os nossos produtos MERECEM PREFERÊNCIA ?

- I. Porque são elaborados com matérias primas absolutamente genuínas e cientificamente controladas.
- II. Porque são manipulados por numerosos e antigos técnicos profissionais e auxiliares especializados.
- III. Porque tôdas as dependências possuem instalações perfeitas e adequadas, e funcionam em ambiente de rigorosa higiene.

Peçam o GUIA DOMÉSTICO HOMEOPÁTICO E BIOQUÍMICO  
(Distribuição gratuita)

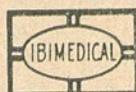
Homeopatia — Bioquímica — Especialidades farmacêuticas  
Perfumaria

Literatura Homeopática

### Farmácia e Laboratório Homeoterápico Ltda.

Praça João Mendes, 114-118 - Telefone: 2-4877 - S. PAULO

— Os militares gozam do desconto de 20% sobre as receitas homeopáticas, adquiridas em nossa Farmácia.



# INSTITUTO LORENZINI S. A.

(PRODUTOS TERAPÊUTICOS BIOLÓGICOS)

SÃO PAULO

Nas diversas raças humanas há adaptações particulares ao meio; os esquimaus, por exemplo, necessitam de menos vitamina C que os europeus. Atualmente são conhecidas os seguintes vitaminas: vitamina B1. (aneurina ou tiamina); vit. B2. (riboflavina); vit. B6. (piridoxina); vit. C. (ácido ascórbico); vit. D. (calciferol); vit. E; vit. H. (biotina); vit. K; niacina ou nicotilamida; ácido pantotênico; ácido fólico. Prováveis, ainda em estudos, vit. P. (citri-na) e inositol.

As pessoas não devem se preocupar demasiado com a questão das vitaminas; é preciso evitar a vitaminomania. Basta a alimentação ser abundante e variada, que a natureza

se encarrega de levar ao organismo tôdas as vitaminas.

E' aconselhável não adquirir por conta própria preparados vitamínicos, de acôrdo com sugestões de outrem ou por simples palpite. Isso deve ser da alçada exclusiva do médico, que nos exames periódicos de saúde ou quando consultado verifica se o regime é adequado à idade do cliente, sua profissão, etc..

Finalmente, é preciso ter a noção de que os alimentos não valem só pelas vitaminas que possuem. O arroz é desprovido de vitaminas mas não deixa de ser ótimo alimento fornecedor de energia. Uma alimentação vale pelo conjunto em sais, hidratos de carbono, proteínas, gorduras e vitaminas. E' por isso que ela precisa ser abundante e variada.

# Alguns conceitos de filosofia da História

J. P. LEITE CORDEIRO

Do Instituto Histórico e Geográfico de  
São Paulo

A investigação histórica fundamenta-se na investigação dos fatos comprovados pelos documentos. Os historiadores não buscam apenas os acontecimentos referentes à evolução humana, porque a História nos ensina a mais generosa das lições: — a sabedoria de viver, baseada em normas de ética e de moral.

Si encontramos precisão no conceito de Cícero, definindo a História como “*A testemunha dos tempos, luz da verdade, mestra da vida e vida da memória*”, não podemos de modo algum, endossar a opinião de Weber, exarada na “*Kultur Sociologie*”, de ser o passado o espelho do presente e o presente nada mais que um montão de ruínas do passado.

E’ bem verdade que a formação, o florescimento e a decadência dos povos causam-nos angústia mas ao mesmo tempo enchem-nos a alma de uma segura e tranqüilizadora confiança na inteligência do homem, que possibilitou as conquistas de nossa espécie. Pela História, reconhecemos a dignidade e o valor dos seres humanos, vinculados ao direito, à organização e às obrigações impostas pela cultura, pelo intelecto e pelos sentimentos do *HOMO SAPIENS*. No desenrolar da vida universal, analisamos as forças que nos impulsionaram ao adiantado grau de civilização atual e êsse desenrolar, onde se

estampam as brilhantes culminâncias e as terríveis e obscuras crises do espírito humano, indica não só o caminho para continuarmos a marcha da civilização mas também o modo de preservarmos a herança legada pelas gerações passadas à custa do pesado tributo de sua experiência. Lembrando Pascal, afirmava Leibnitz: “A humanidade é como um homem que vive sempre a aprender; em todos os momentos é ainda filha do passado, está vivendo o presente e já contém no seu bôjo o futuro”.

O passado permite julgar as forças e as circunstâncias determinantes dos fatos, dando assim à História um cunho instrutivo, expressado por Lessing como a “Educação progressiva do gênero humano”, e que fez Jacob Burckardt, autor das “*Reflexões sôbre a História do Mundo*”, considerar nosso mais precioso bem, a continuidade espiritual legada pelo passado.

Muitos séculos antes dêsse dois pensadores se manifestarem, surgiram, banhadas nas águas azuis do Mar Egeu e acalentadas pelo ritmo sonoro de suas ondas, as cidades dos gregos jônicos, elo entre a velha Ásia, ufana de civilizações multi-seculares e a jovem Europa, berço da Grécia imortal. Ali, onde se interpenetravam os dois continentes, onde se

contemplavam "O mais belo céu e o mais belo clima que se conhece entre os homens", conforme palavras de Heródoto, ali a História adquiriu a plenitude do seu significado: — pesquisa da verdade.

As riquezas metalíferas, a doçura do clima e a fertilidade do litoral, fizeram da Jônia o centro receptor dos tesouros da Lídia e da Frígia, intensamente permutados com as produções artísticas da Hélade que eram acolhidas sôfregamente pela ostentação e luxo dos monarcas orientais.

A Jônia constituiu um pródigo e monumental cadinho onde se mesclaram os costumes, os conhecimentos e as civilizações dos dois continentes, levando de roldão o próprio sangue de seus povos. Formavam-na doze cidades confederadas, às quais, por conquista, juntou-se Smirna. Naquele ambiente bem marcado pelo espírito filosófico, destacava-se Mileto, orgulhosa da pureza do sangue jônico de seus fundadores e enaltecida por Tales, Anaximandro e Anaxímenes, a desenvolverem suas concepções metafísicas do mundo, fundados nas unidades construtivas da filosofia naturalista.

Sòmente o esplendor de um povo que iria possuir pensadores como Aristóteles e Platão e que soube como nenhum outro cultuar a beleza, poderia dar à futura mestra da vida a perfeição daquele significado admirável em que se entrelaçam o espírito crítico da pesquisa, fixador do atributo científico e a beleza da verdade, estigmatizadora da arte.

A investigação pesquisa, crítica e positiva os fatos. Aí temos um caráter científico donde nasce a ver-

dade que será narrada de maneira mais ou menos brilhante, menos ou mais atrativa por quem dela se tornou senhor.

Quantos recursos necessita o historiador para atingir seu objetivo! Lança mão da filologia, da epigrafia e da paleografia, da diplomática, da etnografia, da heráldica e da genealogia, da numismática, da arqueologia e da geografia, e, após a colheita dos dados, interpretados à luz do seu critério e da sua ponderação, relata os eventos, procurando grangear as atenções do leitor ou do ouvinte, através da sua expressão, e do seu estilo, do encanto e interesse que põe em suas frases. Parece incrível dizê-lo mas ciência e arte se contrapõem e apenas a conjugação harmônica dos dois atributos caracteriza a superioridade do talento e marca com os clarões da genialidade, a obra do historiador.

—:—

Sabemos quando começou a História? Não foi na época em que o desaparecimento da caça obrigou o nomadismo das tribus através das estepes européias nem quando do contro da Ásia ou dos contrafortes do Pamir, — o chamado *Técto do Mundo* — emigraram os clãs primitivos. Ela se iniciou no momento em que um dos nossos ancestrais mais que pré-histórico, predecessor longínquo do *Pithecantropus erectus*, distinguiu o passado do presente, quando naquele cérebro, ainda rudimentar, entraram em funcionamento as células nervosas destinadas à memória, enfim, quando êle inquiriu sôbro o momento já decorrido. A memória possibilitou-lhe, então, o registro dos acontecimentos e o con-

ceito de tempo dividido em passado, presente e futuro.

A consciência humana refletida, através dos milênios, nas obras de arte, nos pensamentos dos filósofos, nas realizações literárias, nas conquistas científicas, no entrecocar de ideologias, no sentir e no reagir dos povos, justamente essa consciência que nos dá a certeza das coisas e o conhecimento de nós mesmos, vem sendo anotada pela História desde que o homem primitivo entrou em posse da memória. Esse conjunto de criações, permitindo, dentro do progresso, a satisfação de nossas necessidades físicas, técnicas, espirituais e morais, nada mais é do que a cultura.

Quando o homem sentiu interesse em penetrar o porquê dos fenômenos e em se conhecer a si mesmo, surgiram, nos agrupamentos humanos, os feiticeiros e sacerdotes com os mitos e as lendas que, pouco a pouco enraizados no espírito público, terminaram por se perpetuar na tradição oral.

Na lenda, na épica e no mito, expressados em prosa ou em verso, registraram-se até Heródoto os fatos mais notáveis. A poesia propagou o que se encontrava de mais ufano nas origens de um povo. Transplantando a imaginação para uma época heróica, muito longínqua dos tempos em que viviam, os homens idealizavam para seus ancestrais, seres perfeitos cujas qualidades encerravam os atributos simbólicos da raça. Formava-lhes base a tradição oral, alargada na memória coletiva da família, do clã, da tribo e por fim do povo. Esses relatos não possuíam, porém, o espírito crítico,

somente mais tarde desabrochado na Jônia, onde a História edificou-se por sobre a crítica depuradora das recordações humanas.

As façanhas dos deuses e dos heróis saturavam as lendas e os mitos, transmitidos e muitas vezes elaborados e aperfeiçoados pelos feiticeiros e sacerdotes que da intangibilidade dos seus rituais faziam meio fácil para propagar a tradição eivada na mística e no tabú que apenas eles podiam penetrar.

O próprio Egito, sobre o qual pairava o mito sagrado do céu e do sol, — o chamado Deus Horus — não passou desse período. A portentosa civilização do Vale do Nilo não chegou a possuir um historiador coetâneo. Até Psamético I que viveu entre 663 e 610 A.C., celebrizaram-se as lendas do Conquistador Sesóstris, de Pheros, o rei cego, e do Tesouro de Rhampsmito, tanto que, para seus preciosos relatos sobre o Egito, Herótoto abandonou as lendas correntes na tradição popular. Os súditos dos faraós, circunscritos ao seu ambiente, pouco se interessavam por notícias de outros povos. No estrangeiro viam um mal necessário, um elemento passível de alterar a harmonia e a segurança de sua vida. A Terra das Dinastias pôde, porém, juntar ao orgulho das pirâmides e da gigantesca engenharia de seus monumentos, a vaidade de possuir o primeiro registro de fatos, a famosa Pedra de Palermo, que data dos meados do terceiro milênio antes de Cristo e onde, cronologicamente, está assinalada parte do seu passado, sob a forma de simples enumeração de nomes de reis e de listas indicativas dos anos.

Os Anais dos reis de Judá e de Israel também não merecem o qualificativo de históricos. A genealogia, porém, ganhou caráter especulativo entre os hebreus. Amós de Teçiera (760 A. C.) lançou a concepção monoteísta do mundo e organizou, no dizer de Hermann Schneider, "A primeira Filosofia da História em grande estilo, porquanto edificou e explicou o destino de Israel em todo seu transcurso, passado, presente e porvir, baseado em uma causa primária".

Desponta, porém, um Deus único, Jeová, que escolhe o povo de Israel para transmitir ao mundo sua vontade e suas ordens. Vêm, ao depois, Ezequiel, os vários profetas e, lançando alguns anônimos que completar o Antigo Testamento, bases da religião judaica.

Os persas fizeram da História a luta entre a Luz e as Trevas, — Ormuz e Arihman — princípios, um criador, outro destruidor. Entre os assírios e babilônios surgiram relatos de expedições guerreiras, como a expedição de Sargão ao Ocidente e as incursões de Hamurabi contra os elamitas. Os habitantes da Mesopotâmia, graças às inscrições cuneiformes, conseguiram preparar o caminho para os gregos. Embora sua acentuada curiosidade e embora os tijolos de argila lhes tivessem permitido anotar os acontecimentos, uma superstição atormentadora impediu-lhe a crítica, apesar da biblioteca de vinte mil exemplares reunida por Assurbanipal (668-626 A. C.), nos lazeres de suas vitórias guerreiras. Possuíam, porém, a seu modo, uma certa Filosofia da História, patenteando relações entre as divinda-

des e o homem, criado e vindo ao mundo para servir aos Deuses.

Lendas e mitos constituem valiosa fonte informativa das velhas civilizações e por isso não podemos desdenhá-los, malgrado estarem impregnados de superstições e repassados de motivos religiosos. Tampouco devemos menoscar a épica na qual os poetas cantavam os feitos dos deuses e dos heróis, transformando as suas ações em epopéias vividas em um cenário imaginativamente fantasioso que permitia elevar às raias do impossível as proezas salientadas.

O mito, a épica e a lenda, contêm muitas tentativas de explicação do universo e de seus fenômenos e ao mesmo tempo engrandecem os deuses e os heróis, atribuindo-lhes a origem dos povos. Envaidecidos pela ascendência enobrecedora que já naquele tempo alimentava prosápias genealógicas, os homens, com singeleza, acreditavam nos cantares dos bardos a integrá-los em estirpes divinas ou heróicas.

Sensatamente, Xenófanes, no século V. a. C., criticou Homero e Hesíodo, e aqui não podemos olvidar Hecáteo de Mileto, crítico dos poetas lendários, predecessor de Heródoto e o primeiro a incluir os estudos sobre a terra e sobre os povos, na esfera da *Physis*, a investigação natural, iniciada pelos filósofos de Mileto. Comparando a história com a mitologia, Hecáteo, indicou bases para se diferenciarem o histórico e o pseudo-histórico.

Não obstante as narrações mitológicas e lendárias encerrarem explicações para homens crentes, não temos o direito de acusar seus cria-

dores, apoiados em uma fé quase ingênua que tudo permitia aos feiticeiros, aos sacerdotes e aos poetas primitivos, pois a tendência humana de acreditar é inerente à nossa natureza e a crítica é uma das mais altas e enobrecedoras características da cultura. Já então existia uma Filosofia da História ainda incipiente, originada nos conceitos sacerdotais e oraculares que tentavam influenciar e orientar os governantes em prol do que se concebia como o bem público.

Aos gregos, até hoje merecedores de nossa admiração, devemos a conquista do espírito crítico, êsse marcado requinte de Civilização. Colocando à parte, os mitos e as lendas donde a épica foi condensada pelo primoroso estro de Homero, os gregos sentiram premência de conhecer mais intimamente o Homem e o Universo.

O século VI a. C. assinala o aparecimento da crítica do passado. A História perdeu então o cunho de simples relato para ganhar a característica de pesquisa do conhecimento e da verdade. Heródoto de Alicarnasso deixou bem claro que o termo jônico (*histor*) somente se aplicava aos fatos provados pela investigação e não aos apontados nas lendas e nos mitos. Ao iniciar sua obra, assim se expressava o *Pai da História*: "Esta é a exposição das *investigações* de Heródoto de Alicarnasso". Para designar acontecimentos de tempos anteriores, e também impossíveis de séria indagação a respeito de sua veracidade, empregava o termo "*logoi*". A Heródoto, portanto, devemos o enquadramento da História dentro do seu atributo cien-

tífico. Nele, reverenciamos o primeiro escritor a adotar para a narração da verdade os predicados que fazem da História uma arte.

Depois de Heródoto, a Grécia teve em Tucídides o mais ilustre de seus historiadores. Estimulava os estudos históricos para melhor compreensão entre os homens e deixou, na "História da Guerra do Peloponense", uma das obras-primas da antiguidade. Vivendo em Atenas, teatro de acerbos lutas políticas, retratou a intensa projeção dos problemas do estado na vida da cidade, grangeando assim a designação de criador da História Política. Veio depois Políbio de Megalópolis, a colocar por trás da História, as forças do destino manejadas pela vontade do homem e pelas circunstâncias.

Na Roma simbólica da força e do cesarismo e onde nasceram o direito civil e político e também onde teve origem a tradição jurídica das nações ocidentais, a mestra da vida possuiu cultores dignos de sua valia. Um dos maiores foi o grego Plutarco, nascido em Cheronéia, na Beócia, e que, nas páginas de "Vidas Paralelas", tentou exemplificar os homens do seu tempo. Salústio e Tácito continuaram o método de Tucídides, precedendo a notável fase da literatura histórica de Roma, estilizada por Tito Lívio através de seus tipos heróicos e dos 140 livros de suas "Décadas". Em Roma, a Filosofia da História, orientou-se, para as finalidades morais, focalizando uma reforma do mundo.

Após a queda do Império Romano, a humanidade preocupou-se com os problemas teológicos, substituídos da filosofia grega e das luzes espiri-

tuais emanadas da cidade das sete colinas. Concretizado o ocaso da Grécia e de Roma, surgiu a Igreja Cristã, patenteando o problema das relações entre o estado romano, a ciência grega, e as verdades reveladas por Jesus.

O mundo mediterrâneo, durante mil anos, desfrutara o fulgor da ilustração grego-romano até que os bárbaros, premidos pelas hordas asiáticas desceram do norte e arruinaram, com seu poderio avassalador, o Império do Ocidente. À terrível calamidade só a Igreja resistiu, inabalável, contra as fôrças tempestuosas que tentavam aluir seus alicerces. Por sôbre aquele mar revôlto de ondas encapeladas, permaneceu o Cristianismo, a religião mais elevada de Humanidade, cheia de verdades puramente espirituais, de obrigações amáveis, de acendradas doutrinas morais e de um fraternal igualitarismo.

Sucederam-se os escritos de São Paulo, Orígenes, Eusébio, São Jerônimo e, por fim, dentre os valentes soldados de Cristo que suportaram o embate violento das perseguições e da incompreensão de sua fé, emergiu, no século V, "A Cidade de Deus", magna realização de Santo Agostinho, a pregar uma Teologia da História em que a justiça e a misericórdia divina castigam e redimem nossos pecados através das ocorrências universais. Na obra de Santo Agostinho insculpe-se o germen fértil da concepção crítica do mundo. A "*Civitas Dei*" apresenta uma forma teológica para interpretação da História. O gênero humano preenche, através dos tempos, uma finalidade que lhe é inerente. A marcha dos

acontecimentos obedece a um plano divino, obra do Supremo Criador e não do homem. Sôbre os destinos dos povos atuam a Divina Providência e a Vontade de Deus. A presciência divina rege o desenrolar da História. A revelação paulatina do desconhecido pelo Supremo Criador, guia a marcha do progresso. Esta concepção perdurou sem crítica, um milênio, durante o qual Isidoro, de Sevilha, e Beda, o Venerável, resumiram em enciclopédias populares os conhecimentos satisfatórios para as necessidades espirituais da humanidade de então, constrangida ainda pelas conseqüências das invasões bárbaras.

Após o advento das idéias e realizações de Ciríaco de Ancona, Rogério Bacon, Copérnico, Telésio, André Vessalus, Giordano Bruno, Galileu, Kepler, Descartes, Francisco Bacon e Gutenberg, iniciou-se uma certa reação contra os princípios agostinianos, reações pouco a pouco aprofundadas por novas concepções e escolas filosóficas e pelo desenvolvimento das ciências nos séculos XVI e XVII, orientadas pela experiência, pelas relações causais e tendendo para uma ampliação dos conhecimentos vasada em leis passíveis de experimentação e de observação.

João Bodin, pensador francês da décima-sexta centúria, vivendo no tormentoso período das guerras religiosas, encarava na História uma progressão constante governada por causas divinas e fatores geográficos dentre os quais salientava o clima como essencialmente preponderante. Bodin foi indiscutivelmente o precursor, ainda hoje não muito conhe-

cido; de Luiz Secondat, o célebre autor do "Espírito das Leis".

Herder, na Alemanha, ao estabelecer bases evolutivas para a cultura da humanidade, impressionou o pensamento de seu tempo, com fervorosa crença no progresso, sobre o qual atuavam os fatores geográficos, diferenciando as qualidades físicas, mentais e morais dos povos. A Sabedoria Divina, dizia êle, porém, colocou em nossas próprias mãos o destino da espécie e com ela devemos cooperar para a realização dos seus desígnios.

Ao dealbar o século XVIII, surgiram o "Direito Natural" e "Os princípios de uma Nova Ciência em tôrno da natureza comum das nações", de autoria do napolitano João Batista Vico e, ainda no decorrer daquele século, culminaram os conceitos de Montesquieu, Voltaire, Turgot, Condorcet e Carlos Ritter, transformadores da História em processo progressivo dependente das forças naturais e das circunstâncias do meio ambiente a atuarem direta ou indiretamente sobre o homem, moldando-o e transformando-o sob as influências do poder cósmico.

Turgot explicava o progresso baseado na própria natureza do espírito humano e na sua capacidade de compreender graças à experiência do passado, mas ao mesmo tempo concedia valor às condições econômicas e geográficas, admirando a Providência Divina pela sua "Obra gloriosa no encadeamento do Universo".

Cada vez mais acentuaram-se as bases da metodologia da História, apoiadas não só nos comentários sobre a História da Inglaterra, e nas "Cartas" de Bolingbrot, na "Diplo-

mática" do sábio beneditino João Mabillion, mas também nas conquistas de Werner, Saussure e Deluc no cambo da Geologia, de Francisco Bopp, Guilherme Jones, Guignes e Du Peron na esfera da Linguística.

Analisando a obra de João Batista Vico, aparecida treze séculos após Santo Agostinho, devemos acentuar que o filósofo italiano vinculou a um poder supremo as forças regadoras do Universo. Dividia a evolução da humanidade em três períodos: — a idade dos deuses, eivada de mitos e lendas originados pelo mêdo e pela imaginação. A idade dos heróis e semideuses, onde já aparecem rudimentos de filosofia e de literatura, e na qual avultam os poetas heróicos.

Por fim a idade histórica em que existe uma tendência para explicar os fenômenos sem a interposição divina.

Vico admitia a unidade da História, submetida, porém, a ciclos periódicos, sucessivamente mais elevados e desenvolvidos e sobre os quais pairava a Providência Divina, por êle reconhecida na afirmação: "Os limitados fins humanos convertem-se em servidores dos mais altos fins divinos e concorrem sempre para a conservação do gênero humano sobre a terra".

A visão voltaireana implicava na conquista da razão, continuamente oculta, mas constantemente perseguida pelos homens, dispostos a resgatar assim o princípio do bem, em ascensão progressiva para o reino da cultura. Voltaire salientou os benefícios da ilustração e o perigo da degradação intelectual. Clamou pelo auxílio dos homens cultos afim de que a humanidade pudesse atin-

gir a idade de ouro, de paz, de bem-estar, de humanitarismo enfim. Êste filosofar permitiu-lhe acreditar na supremacia espiritual entre os valores da sociedade.

Despontaram, em seguida, outras interpretações da História. Kant fê-la proceder da mente no sentido da razão. Seria uma consequência do nosso modo de ser, de nossa própria vida interior, ao invés de receber determinantes divinas, como acentuara Santo Agostinho, e "Os Povos", dizia o autor da "Crítica da Razão Pura", "Ao perseguir cada qual o seu propósito, segundo o seu talento, e a miúdo em oposição, seguem insensivelmente, como fio condutor, a intenção da natureza" cujo objetivo supremo é "Um estado de *cidadania universal ou cosmopolita*, seio onde podem desenvolver-se tôdas as disposições primitivas da espécie humana". Assim focalizava êle a História Universal como uma justificação da Providência, fundamentada no cumprimento do destino humano, influenciado pelo desenvolvimento completo dos germes com que a natureza impregnou a nossa espécie e isto em uma tendência contínua para, graças à soberania da razão, atingirmos uma comunidade onde cada homem fôsse membro integrante e não apenas instrumento da sociedade.

Contemporâneo de Kant e como êle originário da Alemanha, Jorge Guilherme Hegel sentiu-se também traída pela razão, chegando mesmo a definí-la como "A estrutura da lei natural dentro da qual a vida ou o espírito movem-se e crescem". A História, refletindo o desenvolvimento da vida cuja essência é a liberda-

de, resultava do chamado Espírito do Tempo e os grandes homens apenas evidenciavam o pensamento e o sentimento de uma época. Suas realizações apontavam, no dizer do famoso professor de Universidade de Heidelberg, "A verdadeira verdade de sua época, de seu mundo, à espécie da ordem imediata que já se achava formada nas entranhas do tempo".

*Na História Universal encarna-se a evolução do espírito que pouco a pouco toma a consciência de sua própria significação*, continuava o pensador para assim finalizar: — "A História do mundo é o progresso do espírito chegando à consciência de si mesmo e da sua liberdade".

Traçando o caminho percorrido pelo Homem para alcançar o seu objetivo final, isto é, a Idéia Absoluta, Hegel distinguia três períodos: o das idéias inconscientes, fase da ignorância, em que um só homem é livre, o soberano. O despotismo limitava então a liberdade, e o Espírito vinculava-se profundamente à natureza. Era a fase do mundo infinito e correspondia ao Oriente.

Vinha, em seguida, o período clássico, Greco-Romano, caracterizado pelo Século de Péricles e pela República Romana onde predominava o interêsse geral e onde havia a liberdade de uma classe, possibilitando certa reflexão do Espírito sobre si mesmo maior noção de independência. Era o mundo finito.

Por fim, o terceiro período, em que o Espírito adquiria consciência e liberdade, passando a viver de sua própria substância. Nesta última fase, a união do mundo infinito do primeiro período com o mundo fi-

nito do segundo, está representada pela monarquia em seu papel conciliador entre a liberdade de um só e o governo de todos. Compreendia a História Universal desde as Invasões Bárbaras até a Revolução Francesa.

Em resumo, a História, para Hegel, era a evolução e a luta do espírito para atingir sua própria essência, desligando-se da natureza com intenção de encontrar a liberdade.

Apesar da grandeza de seu pensamento, Hegel tem uma dívida para com os americanos. Fazendo da Europa a finalidade e o Teatro da História do Universo e atribuindo aos asiáticos uma sujeição fatal aos europeus, êle concebia a América uma elemento material e intelectualmente, impotente dentro da evolução Humana. A própria História incumbiu-se, porém, de provar o contrário e hoje ela gira em torno do continente americano, em cujos habitantes e reservas estão depositadas a confiança e a esperança da humanidade para a organização de um porvir melhor.

Pouco depois das idéias de Hegel terem impressionado o mundo germânico, surgiu na França, nascido em Montpellier, o célebre Augusto Comte que baseou a sua Filosofia da História em princípios sociológicos, antevendo a existência de *uma História verdadeiramente racional dos diferentes seres*, apenas quando a Sociologia completasse a sistematização das ciências funda-

mentais. O aperfeiçoamento dos estudos históricos só começaria ao se instituírem, definitivamente, as bases da dinâmica social, isto é, quando fôsse cabalmente demonstradas as influências do globo terrestre sobre o homem e dêste sobre a própria terra, influências passíveis de um julgamento científico unicamente depois que estivessem elaboradas as leis sociológicas.

Augusto Comte erigiu, como dogma fundamental da sabedoria, uma evolução constante do progresso, a percorrer três estádios: — o teológico ou de preparação, compreendendo o fetichismo, o politeísmo e o monoteísmo; o metafísico ou transitório, em que o espírito buscou refúgio nos princípios abstratos para explicar a fenomenologia universal e, finalmente, o positivo ou científico, baseado na experimentação e na observação, estabilizadoras da maturidade espiritual do gênero humano, através da identificação e do reconhecimento das leis que regem a natureza.

No seu modo de pensar, exclusivamente o positivismo, *em virtude da sua natureza eminentemente relativa*, é capaz de representar tôdas as grandes fases da História, objetivo tentado, porém, jamais alcançado pelas várias escolas filosóficas surgidas até a sua época. Finalizando o conceito, profetizava a conquista da presidência mental do porvir para a doutrina que conseguisse explicar suficientemente o imenso conjunto do passado.

---

### A FÔRÇA DO ESPÍRITO

Há no mundo dois poderes — a espada e o espírito.  
O espírito tem sempre vencido a espada. (Napoleão).

# REERGAMOS O PRÉ-MILITAR

Cap. *Brasilino Antunes Proença*

Um dos problemas mais sérios com que se defrontam as Corporações Armadas, em geral, e nossa Força, em particular, é o de assegurar a formação de oficiais, dentro das imposições das necessidades atuais e, tanto quanto possível, dentro de nossas tradições mais nobres.

A questão é bastante complexa e, em todos os diversos aspectos que a consideremos, de importância fundamental para o futuro da Corporação. Sobressaem, entretanto, como de solução premente, o recrutamento de candidatos e a parte educativa profissional. Desta, trataremos futuramente, em outro comentário; por ora nos ocuparemos da primeira parte — o recrutamento de nossos cadetes — fato que nos afeta mais de perto, ante o acanhado número de alunos do nosso Curso de Oficiais.

O problema do recrutamento de jovens para as escolas de formação de oficiais já vem, desde há muito, preocupando as Corporações Armadas do País. Nos últimos anos o problema tornou-se ainda mais difícil, com a situação que atravessou o País, minado pelo regime e enganado pelo falso progresso da inflação. A alta descabida do preço das utilidades, o desenvolvimento artificial dos negócios, determinaram uma escassez jamais vista no mercado do trabalho, com decisiva influência na carreira militar. Acrescente-se a isso o descalabro verificado no ensino secundário, e veremos a difícil situação criada para a lotação das escolas militares, sempre empenhadas em conseguir mocidade forte e preparada.

A solução ditada pela realidade dos fatos e comprovada pela experiência foram os cursos prévios que, em pouco tempo, se instituíram pelas Academias Militares de tôdas as Corporações, sob nomes diferentes de curso prévio, escolas preparatórias e curso pré-militar. A prática demonstrou à saciedade que êsses cursos, feitos sob a disciplina militar, conseguem sanar os defeitos da má formação do curso secundário atual, além de preparar os jovens psicologicamente para o regime da Escola Militar.

Entre nós, o Curso Pré-Militar, instituído em boa hora para a nobilitante tarefa de preparar os candidatos militares que, sem terem curso secundário, pleiteavam admissão ao curso de oficiais, já tem passado por várias mudanças durante sua curta existência. Não obstante isso, era sentimento geral que o nosso C.P.M. não estava cumprindo suas finalidades, e suas atividades foram suspensas para que fosse estudado seu restabelecimento “em bases que sejam o esteio da cultura e da eficiência dos futuros oficiais da Força Pública”.

Não podemos regatear nosso aplauso à tão louvável propósito, pois, indiscutivelmente, restabelecer o nosso curso prévio, em bases que melhor assegurem a realização de sua finalidade, constitui obra de grande alcance para o futuro da Força.

O C.P.M., desde sua criação, tem sido alvo de inúmeras críticas, as quais, em certo tempo, determinaram mesmo a suspensão de seu funcionamento. Mas as críticas são

tôdas contra sua orientação, seu currículo, sua seriação, ou contra o desvirtuamento de sua finalidade. Há, em verdade, detratores dos seus processos de funcionamento, não da instituição em si. Mesmo os mais exaltados, os que querem destruí-lo, o fazem para poder construí-lo de novo, com alicerces mais sólidos.

A nosso ver, o C.P.M., apesar de todos os êrros em sua orientação, tem prestado bons serviços à Fôrça, e, uma vez atualizado em moldes mais racionais, poderá fornecer, todos os anos, um bom contingente de candidatos devidamente preparados para a nossa Escola de Oficiais.

Nesse sentido de idéias, não devemos perder de vista que, se as circunstâncias continuarem como estão no presente, a Fôrça nunca terá u'a massa apreciável de candidatos ao C.O.C. suficiente para se proceder à seleção cuidadosa que almeja. Ainda êste ano tivemos uma prova do que acabamos de afirmar. Antes dos exames de admissão ao C.O.C., caravanas de nossos cadetes percorreram as mais importantes cidades de nosso Interior, em louvável missão de caráter social, e, naturalmente, de repercussão bastante favorável para o prestígio de nossa Academia Militar. Durante os exames, o C.I.M. ofereceu, aos candidatos de 48, facilidades de acomodação e encaminhamento não ainda conhecidas por turmas anteriores. Pois, apesar disso, a afluência de candidatos foi muito aquém da expectativa — menos de meia centena — e o resultado dos exames ainda mais decepcionante — 15% de aprovações, apesar do empenho em aproveitar-se o maior número.

Candidatos houve que apareceram diante das bancas examinado-

ras ignorando noções elementares de português e de matemática; outros aventuraram, desconhecendo por completo o programa exigido de várias matérias, como se depreende das notas 0 em prova escrita, e como se verificou através das declarações de muitos candidatos. Em contraste com essa situação, os candidatos vindos do Curso Pré-Militar, apesar de só terem tido um ano de estudos, apresentaram, em média, um nível de conhecimentos superiores aos candidatos civís. E' verdade que isso nem sempre tem ocorrido, principalmente com algumas turmas anteriores, mas o fato é que, nas circunstâncias que atravessamos, o fenômeno tende a se repetir, mormente se, como auguramos, for dado ao C.P.M. uma orientação racional em sua seriação e currículo.

Em nossa opinião, um dos erros principais reside em termos atribuído ao C.P.M. finalidades muito restritas, muito aquém das possibilidades de um curso dessa natureza. A missão de preparar os militares, candidatos ao C.O.C., que não têm diploma de curso secundário, não obstante sua importância, delimita drástica e inexoravelmente o papel do C.P.M. como fornecedor de elemento humano para a Escola de Oficiais.

O Curso Pré-Militar deve ter funções mais amplas, compatíveis tôdas com sua natureza, e que permitiriam realizar "in totum" sua finalidade — preparar candidatos ao C.O.C.. Dificilmente se explica nossa relutância em não aproveitar as lições que a experiência dos cursos prévios e preparatórios do Exército, Marinha e Aeronáutica estão aí, à nossa vista, para nos ensinar. Nessas Corporações, os cursos pré-

vios estão abertos a todos, militares ou civis, indistintamente, embora com certas e limitadas facilidades para os militares, e os resultados colhidos têm sido os melhores possíveis.

É estranho contra-senso que o nosso Curso Pré-Militar esteja fechado aos civis, quando êstes poderiam fornecer um contingente mais apreciável, e êstes, precisamente, são os que mais necessitam de um curso prévio. Expliquemos. O ensino ministrado no curso secundário atual é, via de regra, deficiente e incompleto quanto às nossas necessidades; o curso prévio viria sanar essa lacuna. Além disso, a preparação que se faz nesses cursos não é meramente educacional, no sentido restrito do termo. Nesses cursos, além do ensino das diferentes disciplinas, se processa também algo que cada dia se reveste de maior importância — a adaptação do indivíduo à vida da caserna, ao ambiente em que terá de viver muitos anos.

Quantos conflitos de desajustamento podem aparecer nos que não tenham feito um curso prévio, onde se pudesse operar suavemente a passagem do regime escolar livre, do estudante, para o regime escolar dentro da disciplina, que é imposto ao cadete, principalmente se nos lembrarmos que a adolescência é a idade propícia aos conflitos emocionais.

No curso prévio, ao mesmo tempo que se aprende Geometria ou Trigonometria, a personalidade do aluno passa pelos processos de ambientação que podem fazer dele um excelente oficial ou contra-indicá-lo, definitivamente, para a carreira militar. Durante a passagem pelo C.P.M. seria possível, além da re-

visão ou atualização de conhecimentos, fazer judiciosas observações sobre as atitudes, as reações dos alunos ante os estímulos da vida escolar militar, e outras observações sobre caráter, capacidade emotiva e nível mental, que importam mais ao "dossier" do oficial do que seus conhecimentos de carradas de fórmulas de balística.

Aumentemos o currículo do Curso Pré-Militar, para dois anos, façamos uma revisão em seus programas, e abramos suas portas para candidatos civis e militares que satisfaçam determinadas condições; a uns e outros aproveitarão o ensino e o enquadramento, aspectos fundamentais que são da formação do oficial. O aproveitamento do nosso material humano, dos candidatos da Fôrça, nada viria a sofrer com isso, pois seria estimulado através de maiores facilidades de idade e outras bonificações razoáveis, como aliás já se pratica em todos os cursos pré-militares.

Com o ressurgimento do C.P.M. nestes moldes, teríamos assegurada maior afluência à nossa Escola de Oficiais, permitindo seleção mais cuidadosa de valores, e impedindo, em grande parte, os desajustamentos que quase sempre conduzem a insucesso no Curso de Oficiais, com prejuízos para a Fôrça e para os candidatos.

O Curso Pré-Militar é uma solução para nosso problema de recrutamento de futuros oficiais, como cursos análogos o foram para o Exército, para a Marinha e, ultimamente, para a Aeronáutica. A ocasião é oportuna e inadiável — reergamos o nosso Curso Pré-Militar!

# PARADOXO... POLICIAL

por DIOMAR M. TORQUATO, al. of. do 3.º C.O.C.

(Comentário à margem do artigo publicado sob o título acima, em um dos jornais de São Paulo).

Um dos jornais da Capital trouxe, em suas colunas um artigo sôbre a Polícia, que bem merece uma apreciação a respeito do seu conteúdo. O articulista deixa transparecer, por vezes, um espírito de crítica aos elementos componentes da Polícia, não lhes perdoando a menor falta ou êrro que, algumas vezes, cometem. Aborda um campo tipicamente ideal, impondo a cada indivíduo a necessidade de ter cada um a sua Polícia própria, isto é, "a Polícia dos seus instintos, dos seus pendores animais", de modo a não cometer faltas, andar sempre pelo caminho certo, respeitando o alheio, não querendo para os outros o que não quizer para si, seguindo à risca as normas da Moral, buscando ajuda nos ensinamentos religiosos, transformando-se, enfim, na retidão personificada.

Ora, se fosse possível educar assim tão perfeitamente a humanidade, inculcar-lhe no espírito as maravilhosas e incorruptíveis normas da Moral, os sublimes conceitos dos princípios religiosos, se tudo isto fosse possível, teríamos então atingido a perfeição e não seria pois, necessária, a existência da Polícia, como não seria também a dos Exércitos e, conseqüentemente, não precisaríamos dos sindicatos e instituições congêneres, encarregados da defesa dos direitos e dos interesses das clas-

ses; desapareceriam os advogados, porque inexistiriam as causas; as normas do Direito, tão dificultosamente estudadas, desde os primórdios da Civilização, pelos mais cultos e eminentes mestres, confundir-se-iam com as normas da Moral, dentro de cada indivíduo, não necessitando, por isso, da existência do Estado como órgão controlador dos direitos humanos. Não necessitaríamos de leis reguladoras da vida em sociedade. Afinal, se continuarmos a expôr a supressão das cousas que adviria em conseqüência da perfeição do homem, reduziremos a complexa máquina administrativa do mundo a um punhado de perfeitíssimos chefes, cuja incumbência única será transmitir os seus conhecimentos aos que lhe deverão suceder. E, como conseqüência lógica de tudo isso, chegaremos a um ponto em que a terra se confundirá com o céu.

A harmonia social jamais será conseguida, enquanto houver mais de um homem sôbre a terra. Percorramos a História e veremos que os fatos mais importantes do mundo, os que mais ressaltam e que estão em primeiro plano, são as convulsões sociais, são as guerras. Como se explica a evolução da Ciência, senão pelo tremendo esforço do homem em criar e aperfeiçoar petrechos e armas? Evidentemente, após a he-

catombe e por entre os escombros, pela aplicação e pela experiência, ressurgem os meios e os métodos mais aperfeiçoados, para servirem aos que ficaram, ou melhor, aos que escaparam. Mas não terminam as lutas. O fim de uma esboça o princípio de outra. Foi assim no começo do mundo, assim acontece agora e o mesmo será no futuro.

Baseados nos acontecimentos passados, nos que se passam atualmente e nos que se prevêem no porvir, podemos dizer que a Polícia já não é mais apenas uma necessidade ao convívio social. Ela faz parte integrante da sociedade organizada, mais ainda do que o próprio Direito, para cuja efetivação exige o seu concurso, a sua ajuda.

Referindo-se à Polícia de um modo generalizado, assim se expressa o nosso articulista: "Um dos esteios da sociedade, pelo menos em tese, é a Polícia". Não, senhor articulista. Pelo menos em tese, não. A Polícia é, de fato, um dos esteios da sociedade. Tirei-a um dia, um dia só, da sociedade e vereis a que estado de miséria e de corrupção se reduzirá o mundo. Vereis o crime, o roubo, as agressões campeando o orbe, numa ânsia incontida e voraz, transformando-o num verdadeiro cáos, num verdadeiro inferno. Um dia sem Polícia na sociedade, exigiria cem anos de reconstrução física e moral. Seria um desatino! Nem é bom pensar em semelhante desgraça!

O articulista continua, porém, agora individualizando: "Ora, se a existência da Polícia é um postulado da incorrigibilidade do homem-animal, é lógico, por dedução, que aquele que

desempenha o mister de policiiar os outros deverá ser, primeiro e melhor do que os outros, um sujeito eminentemente auto-policado. Pois a única das garantias que êle pode oferecer à confiança alheia, é essa de que, êle próprio, é policiado. Infelizmente, muito infelizmente, não é o que acontece. A Polícia ou, masculinizando para individualizar, o polícia é — com algumas exceções, evidentemente — um elemento que muito não contribui para a manutenção da tranqüilidade pública. Daí a antipatia com que são recebidas as suas intervenções nos casos de desordem ou tumulto".

Evidentemente, ressalta aos olhos de cada um, mesmo aos de um leigo no assunto, o grande absurdo d'êste conceito. Ao admitirmos o polícia com essas qualidades, cairíamos na hipótese anterior, isto é, teríamos o polícia ideal, só admissível no meio hipotético. Teríamos o zeloso e impecável cumpridor do seu dever. O polícia que não se desvia um milímetro sequer da reta traçada pela sua norma de conduta. Enfim, teríamos o polícia perfeito. Todavia, aqui surge uma pergunta: não será também o polícia, um homem? E, como tal, não estará êle também sujeito às fraquezas e às misérias humanas? Ora, ora... Não me venha mais com essas teorias absurdas de perfeição humana! E, de mais a mais, será que ainda não apareceu aos olhos de quem estuda e de quem escreve, a missão árdua, espinhosa e dura que pertence à Polícia? Se intervém, o povo grita. Se não intervém, o povo grita. Há mais, ainda: a Polícia sofre ataques, em consequência do êrro de um dos seus

componentes, o que é bem diferente das outras classes. Embora vendo um escritor bebendo cachaça, ninguém se atreverá a dizer que a Academia de Letras é embriagada. Entretanto, não é isto o que acontece com a Polícia. Se alguns dos seus componentes comete um erro, uma violência, uma loucura, todo mundo vocifera imprecizações contra ela. O nosso articulista presenciou ou teve notícia do erro de alguns elementos e diz logo: "O polícia, com algumas exceções, é um elemento que muito não contribui para a manutenção da tranqüilidade pública." Calculemos o descalabro social se fossem mesmo "algumas exceções" os elementos que, na Polícia, procuram cumprir o seu dever de bons soldados, salvaguardas da ordem, dos direitos e das liberdades alheias!

Existe, na Polícia (não se pode negar), o elemento pernicioso, não cumpridor do seu dever, porque ela é um aglomerado de homens, sujeito, portanto, como todos os outros, a falhar, a cometer erros, do mesmo modo como existe também o médico ruim, o advogado ladrão, o jornalista relapso, o engenheiro inepto, o padre faltoso, etc., etc. e nem por isso vamos exigir que todos sejam perfeitos, sob pena de vilipendiarmos as classes a que pertencem. "ERRARE HUMANUM EST." Devemos, é claro, pugnar para não persistirmos no erro, criticando as falhas, expondo imediatamente o meio de correção, ensinando o bom caminho e amoldando o nosso caráter segundo as normas da Moral pura e sadia.

Sociedade Comercial de Tecidos

## **ARGUISSO LTDA.**

FORNECEDORES DA FÔRÇA PUBLICA,  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

Caixa Postal, 4062

Fone 6-2397

— End. Teleg. "ARGUISSO"

— SÃO PAULO



# NOTICÁRIO

## "Missão Cultural Professor Andrade Bezerra"

A Fôrça Pública, como órgão componente do Poder Executivo do Estado, não se restringe ao domínio da mera técnica de execução, reprimindo eficazmente os abusos, para a manutenção da ordem. Essa atividade não existe sem a preparação moral, psicológica e intelectual de nossos soldados. Eis a base para a compreensão perfeita do dever a cumprir. Por isso mesmo, não sobressai na tropa o automatismo cego das inteligências obtusas, mas se destaca, em cada um, dentro de sua área de ação, a iniciativa, a liberdade de agir. Todos devemos evitar o regionalismo nas atitudes, no intuito de não fugirmos aos princípios dominantes em organizações mais adiantadas e mais perfeitas. Daí a necessidade do intercâmbio de conhecimentos pelo qual uniremos o Brasil de norte a sul, em uniformidade de vistas no âmbito social, cultural e político. A reunião em São Paulo, de representantes de tôdas as Polícias Militares do Brasil, para aproximação de natureza esportiva, patrocinado pela Fôrça Pública, é mais um índice de clarividência na aplicação das normas de integração da unidade nacional.

A recepção aos cadetes de "West Point", pela Escola de Oficiais da

Fôrça é outro marco recente e honroso de aproximação amistosa.

Afinal, os alunos da Faculdade de Direito de Recife, trazem-nos o pensar do Norte do Brasil, estuante de dinamismo, de vida jovem e idealista. Sentiram êstes estudantes o viver movimentado de Piratininga, viram o seu progresso cada vez maior e nos trouxeram também, através de conferências e palestras afáveis, o reflexo da cultura nordestina, de tal modo que fácil foi a troca de idéias do Norte e do Sul, numa síntese estupenda do pensamento geral do Brasil.

A "Missão Cultural Professor Andrade Bezerra" teve por objetivo o estudo da realidade sócio-jurídico do Brasil, a divulgação da riqueza folclórica nordestina, e a participação nos trabalhos universitários do Congresso Eucarístico de Pôrto Alegre. De passagem pela capital bandeirante, seus membros, Silvino Lyra, José Gayoso, Jonas Aquino, Vanildo Bezerra, Hélio Dantas, Onaldo Montenegro, Clemenceau Dutra, Zulmar Veras e Paulo Marinho, deram mostras de quanto pode, no campo da cultura, a Faculdade de Direito do Recife. José Gayoso, em interessante conferência na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, realmente difundiu em nosso meio, sempre interessado pelo saber, a riqueza folclórica do Nordeste. Os



Os componentes da caravana quando em visita ao quartel do Centro de Instrução Militar

aplausos que recebeu, o contentamento que provocou, bem justificam o êxito inconfundível da missão de que foi encarregado o conferencista.

Na Fôrça Pública, acompanhados pelo 1.º tenente Olavo Alves de Andrade, visitaram e apreciaram demonstradamente o Centro de Instrução

Militar, o Batalhão Policial, o Serviço de Subsistência e o Quartel General.

Contando a nossa Corporação com vários oficiais filhos do "Leão do Norte", que tanto a têm dignificado, foi natural que acolhesse com atenção particular os bacharelados do Recife.

— :: —

### **Eleições no Clube Militar**

Devendo realizar-se, a 8 de dezembro, o pleito eleitoral que elegerá a nova diretoria para o biênio 1949-50, arregimentam-se desde já seus associados, — numa punjante demonstração de interesse e carinho pela perpetuidade e engrandecimento do Clube Militar — em torno de nomes prestigiosos que são a garantia de um mandato pleno de empreendimentos e realizações.

E' natural que para as próximas eleições haja um interesse muito

grande pelo provimento dos cargos eletivos, sendo esta oportunidade, própria para os sócios refletirem sobre os nomes de seus candidatos, tendo em vista a maior união da classe e a prosperidade da nossa entidade social.

A próxima diretoria terá a seu cargo, sem dúvida, a consecução de problemas importantes, entre os quais, o da conclusão da Colônia de férias e a reforma dos estatutos do Clube, que já se tornaram obsoletos.

## Agraciado o coronel Eleutherio Brum Ferlich

Dia 29 de julho, no Quartel General da Fôrça, com a presença dos oficiais superiores da guarnição da Capital, e do dr. Nino Settepani, ministro plenipotenciário da Ordem Capitular de Santo Huberto, na América do Sul, foi o Comando Geral da Fôrça, cel. Eleutherio Brum Ferlich; condecorado com as insígnias da referida entidade. Falou na ocasião o titular da Ordem, dr. Nino Settepani. O agraciado respondeu em feliz improviso. Após a solenidade foi servida aos presentes uma taça de champanhe.

A Ordem de Santo Huberto conferida aos que se destacam em obras de assistência social, pela sua característica internacional é absolutamente independente de qualquer estado ou governo, inclusive o da Santa Sé, não obstante contar entre

seus cavaleiros, bem como no Capítulo da Ordem, com os mais ilustres chefes de estado e eminentes personalidades da Igreja. Foi fundada em 13 de maio de 1416, por Luiz I, cardeal e duque soberano de Bar. Declarada perpétua em 1423, conseguiu com o decorrer dos séculos numerosos privilégios, principalmente no reinado dos Luizes de França. Teve como Grãos-Mestres, entre outros, o conde de La More e o duque d'Aumont. Atualmente é Grão-Mestre Perpétuo o príncipe Galitzine, grão-duque de Lituânia e príncipe de Novgorod, da casa real russa. Exerce a função de Grão-Mestre pro-temporal, o marquês Diomede Caprotti, com residência no Palácio de Bigallo, em Florença, onde está a sede do Capítulo.



O cel Ferlich ladeado pelo dr. Nino Settepani, ministro plenipotenciário da Ordem de Santo Huberto e por oficiais superiores que compareceram ao ato

## Baile de São Pedro no Clube Militar



Como tem acontecido nos anos anteriores, o nosso Clube comemorou o natal Baile à Caipira. A quadrilha foi dia de São Pedro com o seu já tradicionalizada e ensaiada pelos caps. Olímpio de Oliveira Pimentel e Antônio Agostinho Bezerra.

Uma comissão constituída das senhoras: ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, ten. cel. José Maria dos Santos, major Aparício de Barros Messias, cap. Nicanor Cesar Pinto e ten. José Vitor Celeghin, escolheu, entre as damas presentes, as duas de trajes mais originais,

respectivamente: sra. cap. Bezerra e srta. Deolinda de Albuquerque, às quais foram ofertados valiosos mimos.

Entre os caipiras destacou-se o cap. Benedito de Albuquerque, que foi a nota alegre da festa, tendo conquistado o prêmio a ser conferido ao mais caipira.

Após a quadrilha, que teve início às 24 horas, houve farta distribuição de doces caseiros aos foliões.

O clichê que publicamos reflete a animação entre os presentes ao baile da noite de São Pedro.

## Batalhão Policial

A 29 de julho realizou-se, no antigo quartel do C. I. M., a solenidade da apresentação do Batalhão Policial, unidade organizada com caráter experimental, às mais altas autoridades civis e militares do Estado.

Às 9 horas, com a presença do exmo. sr. Governador e de sua exma. espôsa, do cmt. da 2.<sup>a</sup> Região Militar, general Renato Paquet; do comandante Geral da Fôrça, cel. Eleutherio Brum Ferlich; do prefeito mu-



As autoridades assistem ao ato, notando o primeiro plano do Governador de Barros, d.ª Leonor Barros e sr. nato Paquet

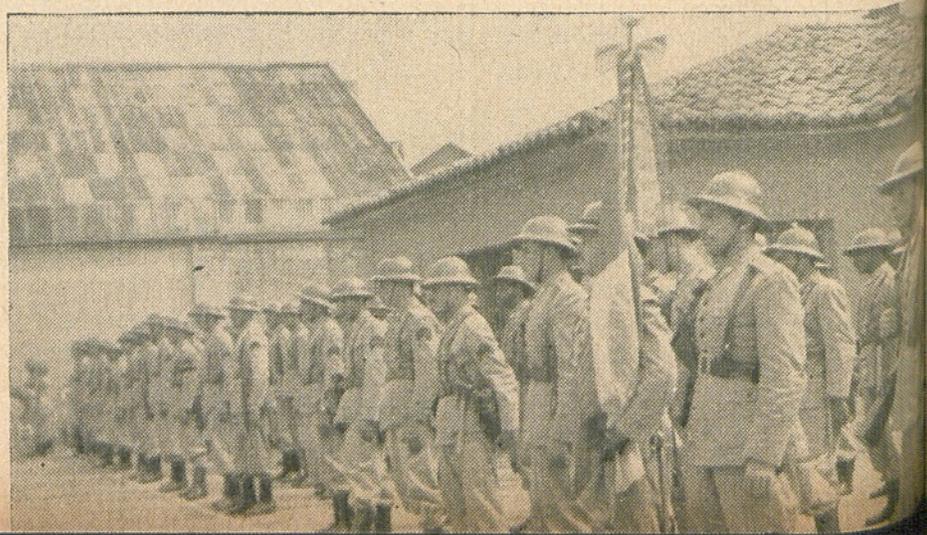
nicipal, dr. Paulo Lauro; secretários do Governo, oficiais superiores do Exército e da Fôrça Pública, e representantes da imprensa, estando o Batalhão formado no pátio interno do quartel, em linha de companhias, procedeu-se, por intermédio do cap. ajudante, José Ribamar do Amorim, à leitura do Boletim Especial n.º 1.

A seguir o sr. Governador do Estado fez a entrega de custosa Bandeira Nacional à nova Unidade, oferta de sua excia., que proferiu na ocasião entusiástico improviso. Após o Hino Nacional, cantado pelo Batalhão, o sr. Governador e demais autoridades se dirigiram para a avenida Tiradentes, onde, do palanque ali armado, assistiram ao desfile da tropa, que obedeceu a seguinte or-

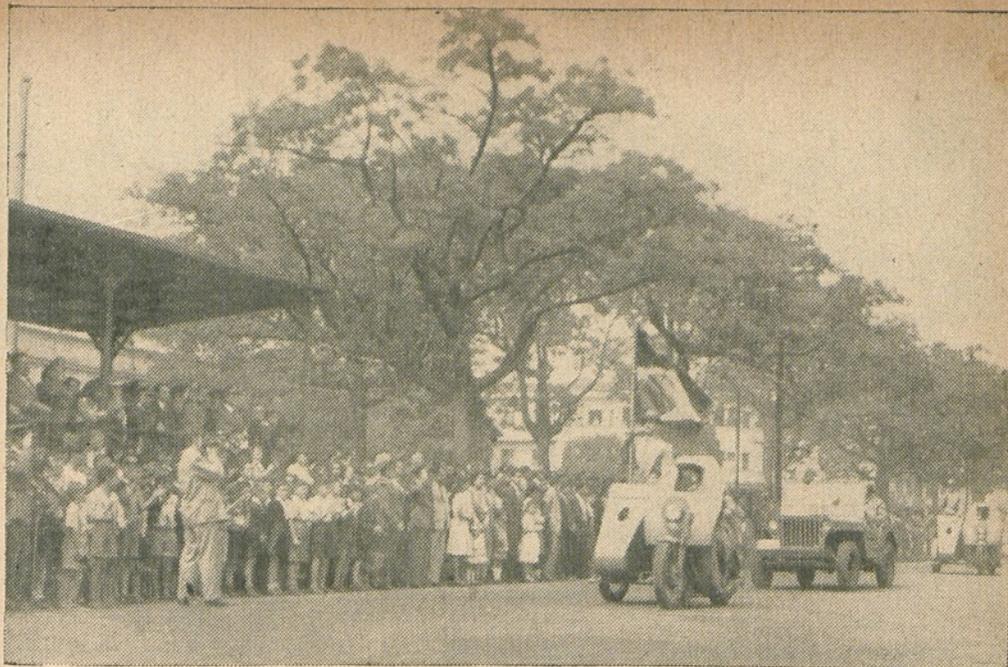
dem:

*Comando e Estado Maior — Pelotão de Motociclistas — Bandeira e Escolta, em motocicletas blindadas — Major inspector de policiamento — Companhia de Policiamento Auxiliar (C.P.A.) transportada em jipes, carros-tanque d'água, transportes blindados, carros de assalto — Companhia de Policiamento Urbano, (C.P.U.), ocupando caminhões adaptados - Companhia de Rádio-Patrolha, nos seus automóveis especiais, munidos de instalações de rádio-transmissão e recepção e Companhia de Policiamento de Trânsito, (C.P.T.), transportada em jipes, motocicletas, bicicletas e peruas.*

Terminado o desfile foi o cel. Be-



Aspecto parcial da banda formada e da bandeira da nova unidade.



O Batalhão Policial desfila em continência às autoridades, na Av. Tiradentes

nedito de Castro Oliveira, comandante do B.P., muito cumprimentado pelo brilhantismo da apresentação de sua unidade.

E' a seguinte a distribuição dos oficiais nas várias atividades do Batalhão:

#### *Administração*

Comandante: — cel. Benedito de Castro Oliveira;

Fiscal: — major Jaime Bueno de Camargo;

Insp. de Policiamento: — major Homero Silveira;

Ajudante: — cap. José Ribamar do Amorim;

Secretário: — 1.º ten. Coriolano Cesar de Almeida;

Chefe da F.I.F.: — 1.º ten. Nelson Simões Scheffer de Oliveira;

Almoxarife-Aprovisionador: — 2.º ten. Edilberto de Oliveira Melo e

Médico: — 2.º ten. Flerts Nebó.

#### *Companhia de Policiamento de Trânsito*

Cap. Júlio Diniz de Assunção Viei-

ra — 1.º ten. Simpliciano Silveira Machado — 2.º ten. Alfredo de Paula Pereira das Neves e 2.º ten. Armando Soares.

#### *Companhia de Rádio-Patrolha*

Cap. Djanir Caldas — 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado — 2.º ten. Franklin Marcondes Plessmann a 2.º ten. Alonso Tenório Diniz.

#### *Companhia de Policiamento Urbano*

Cap. João Alves do Nascimento — 1.º ten. Francisco Ettore Gianico — 2.º ten. Júlio Ferreira Brandão e 2.º ten. Camilo Cristóforo Martins.

#### *Companhia de Policiamento Auxiliar*

Cap. Zeferino Astolfo de Araujo Filho — 1.º ten. Juventino Borges — 2.º ten. Amaro de Araujo Pereira — 2.º ten. Valdemar Indalécio — 2.º ten. Aurélio Pedrazoli — 2.º ten. Conrado Galvão de Castro — 2.º ten. Wilson Rodrigues de Albuquerque — 2.º ten. Valter Serante e 2.º ten. Jorge Moogen Magalhães.



### No Cemitério "São Paulo"

Chegada do exmo. sr. Governador do Estado, dr. Adhemar de Barros, ladeado pelo prefeito Paulo Lauro e pelo ten. cel. João Negrão, chefe da Casa Militar.

---

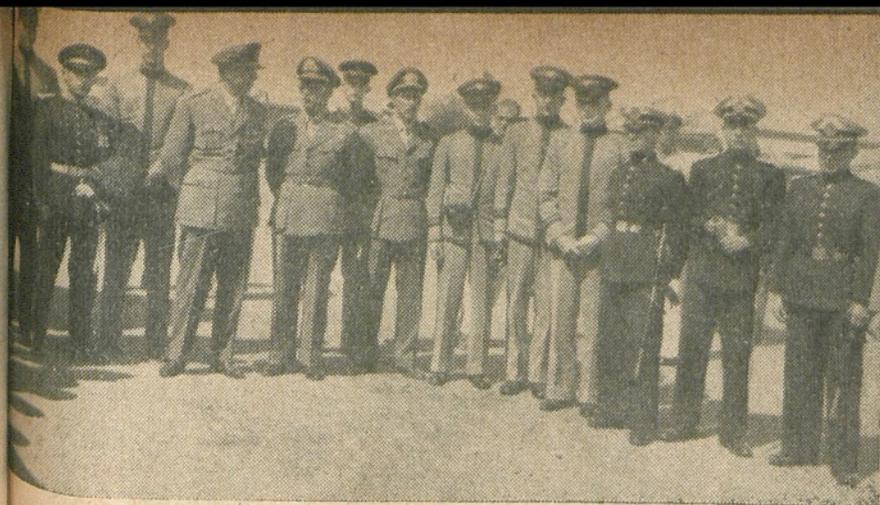
## Cerimonias comemorativas da eclosão do Movimento Constitucionalista

---

No túmulo do General Salgado, com o camparecimento Associação dos Ex-Combatentes de São Paulo, Clube Pirninga e grande massa popular.

O clichê dá conta da multidão ouvindo respeitosamente o orador, sôbre o acontecimento que foi o prólogo da Democracia hoje reinante.





Os cadetes americanos entre oficiais e colegas brasileiros ao desembarcarem em Congonhas.

## Confraternização — West Point - Barro Branco

Registrando com especial destaque a visita feita a São Paulo por uma comissão composta de dez cadetes, de diferentes armas, da Academia Militar de West Point, do Exército dos Estados Unidos da América do Norte, "Militia" ressalta a cordialidade reinante entre os futuros oficiais ianques e os do Brasil. Os representantes da prometedora oficialidade do exército da república iriam vieram ao Brasil acompanhados de uma comissão de cadetes da Escola Militar de Rezende, os quais estiveram em visita de confraternização. Os hóspedes foram recebidos no aeroporto "Congonhas", pelo capitão Menescal, representante do Comando da 2.<sup>a</sup> Região Militar, pelo cap. Brasilino Antunes Proença, representante do Comando Geral da

Fôrça, e por alunos da Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo e da Escola de Oficiais da Fôrça Pública.

Do aeropôrto dirigiram-se ao 1.<sup>o</sup> B.C., onde, no rancho das praças, pelo mesmo processo em que são servidos os nossos soldados, almoçaram num ambiente de franca camaradagem. Constatamos, com grande surpresa, possuírem os cadetes americanos bom conhecimento da nossa língua. Fomos, então, informados por um deles de que em West Point estuda-se, em caráter intensivo, durante dois anos, o nosso idioma, sendo esta a única língua estrangeira ensinada naquela Academia Militar. Os cultos jovens americanos estiveram ainda na Escola Preparatória de Cadetes, no 2.<sup>o</sup> Esquadrão de Re-





Um aspecto do banquete oferecido pelo Comando Geral, no Jokey Clube, aos cadetes americanos e à colônia norte-americana de São Paulo

conhecimento Motorizado, no Palácio dos Campos Elíseos e nos altos do Edifício do Banco do Estado de São Paulo, de onde puderam constatar o desenvolvimento da Capital Bandeirante, que lhes inspirou o qualificativo de "Boom town".

O Comando Geral da Fôrça Pública ofereceu, no Jockey Club, um banquete aos ilustres cadetes e a elementos da colônia norteamericana de São Paulo, ao qual compareceu o Cônsul Geral americano, mr. Cecil Cross. Saudou-os nessa oportunidade o coronel Eleutherio Brum Ferlich, Comandante Geral da Fôrça. Em nome dos cadetes visitantes agrade-

ceu a acolhida, em bom português, o cadete Frank Bormann.

Depois de dois dias em nosso convívio, os jovens estudantes embarcaram para Rezende, pelo Cruzeiro do Sul, tendo comparecido à estação autoridades civis e militares e alunos da Escola Preparatória de Cadetes e da Escola de Oficiais da Fôrça Pública.

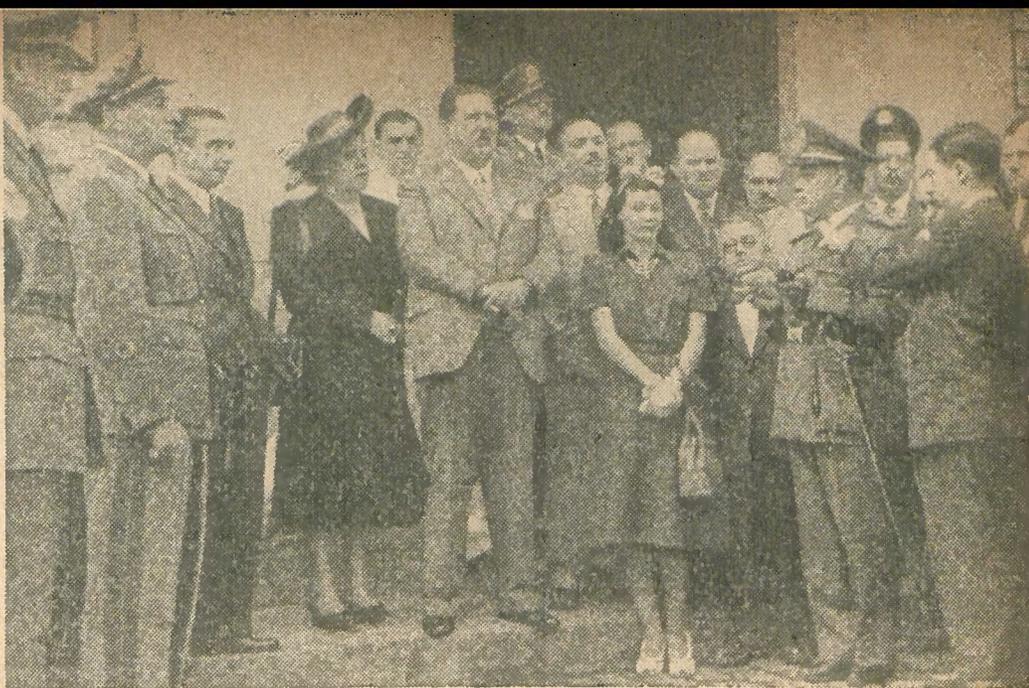
Sôbre a estupenda manifestação de cordialidade, publicamos expressivos instantâneos, refletindo pàlidamente a afetuosa confraternização de moços que se preparam para a defesa respectiva e integérrima das duas pátrias amigas.

— :: —

## Curso de prevenção contra incêndios

Entre outras solenidades levadas a efeito na Fôrça em comemoração ao Dia do Soldado, temos a assinalar a festa de encerramento do Curso de Prevenção Contra Incêndio, realizada no querido Corpo de Bombeiro de São Paulo.

Na presença do sr. Governador do Estado, do sr. Secretário da Segurança, do Prefeito da Capital, do Comandante da Fôrça e de outras altas autoridades militares e civis, os 41 bombeiros auxiliares componentes da 2.<sup>a</sup> turma, mostram-se per-



feitos conhecedores da técnica do combate ao fogo.

Houve demonstração do funcionamento de bombas e da utilização de extintores à base de espuma, na extinção de focos inflamáveis.

A festividade foi irradiada pela Rádio Record, cujo "speaker", Muri-lo Antunes Alves, recebeu também o certificado de Bombeiro Auxiliar.

Discursaram o ten. cel. João Rodrigues Bio, cmt. do Corpo e o sr. Governador do Estado, dr. Adhemar de Barros.

O Curso de Prevenção Contra Incêndio, sob a direção do cap. João Alcindo, destina-se à formação de bombeiros auxiliares, civis funcionários de grandes empresas industriais, que serão preciosos colaboradores dos soldados do fogo em caso de incêndios manifestados nas organizações a que pertencem.

A sua ação, no entanto, é de notável importância na tarefa de prevenir a manifestação do fogo.

A Indústria Matarazzo, na primeira turma, matriculou dois alunos. Na

3.<sup>a</sup>, que possui 105 elementos já recebendo instruções, inscreveu 49 funcionários. Isto mostra de maneira insofismável a eficiência da instrução de bombeiros ministrada a civis.

## Nobrega & Camargo Ltda.

Alfaiataria Civil e Militar

CONFECÇÕES SOB MEDIDA  
PARA  
CIVIS, MILITARES E COLEGIAIS

ESPECIALIDADES  
EM  
FARDAMENTOS

R. São Bento, 520 - Sobre-loja - S. 3 e 4  
SÃO PAULO

A Escola de Oficiais desfilando no pátio do C. I. M. durante os adi-  
tares americanos.



## VISITANTES ILUSTRES

Em meados de agosto corrente, a Fôrça recebeu a honrosa visita dos adidos militares americanos junto às embaixadas dos respectivos países, no Rio de Janeiro.

Os ilustres visitantes estiveram no Quartel General, no Centro de Instrução Militar e no Serviço de Subsistência.

No C. I. M., percorreram as instalações da escola de oficiais e dos cursos de sargentos e cabos, passan-

do, em seguida, em revista ao efetivo completo da Unidade.

Após o desfile da tropa, foi-lhes oferecido um "cocktail" no refeitório dos oficiais, ocasião em que nosso comandante, cel. Eleutherio Brum Ferlich, levantou um brinde à confraternização das Fôrças Armadas Americanas.

Os adidos militares foram ainda homenageados pelo Comando Geral da Fôrça, com um banquete realizado no Serviço de Subsistência.

Os adidos militares posando para "Militia". Ao centro o general Izidio Martini, da República Argentina e o cel. Eleutherio Brum Ferlich.





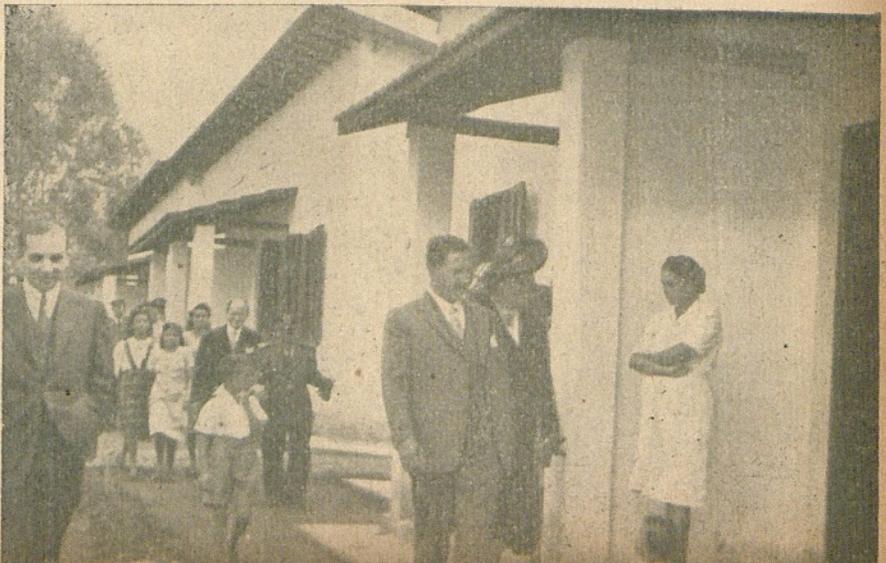
A inauguração da Vila Militar "General Salgado" é feita após o corte da fita simbólica, pela exma. sra. cel. Felich.

## Vila Militar

# "GENERAL SALGADO"

Como parte do programa das solenidades do dia 25 de Agosto, realizou-se a inauguração do núcleo inicial da Vila Militar General Salgado — 44 casas destinadas aos nossos sargentos, cabos e soldados — com

a presença do sr. Governador do Estado, de sua exma. espôsa, D.<sup>a</sup> Leonor Mendes de Barros, do sr. Coronel Comandante Geral da Fôrça e de altas autoridades militares e civis.



O sr. Governador e exma. espôsa visitando as casas inauguradas.



Casas  
alegres, a  
risórios.

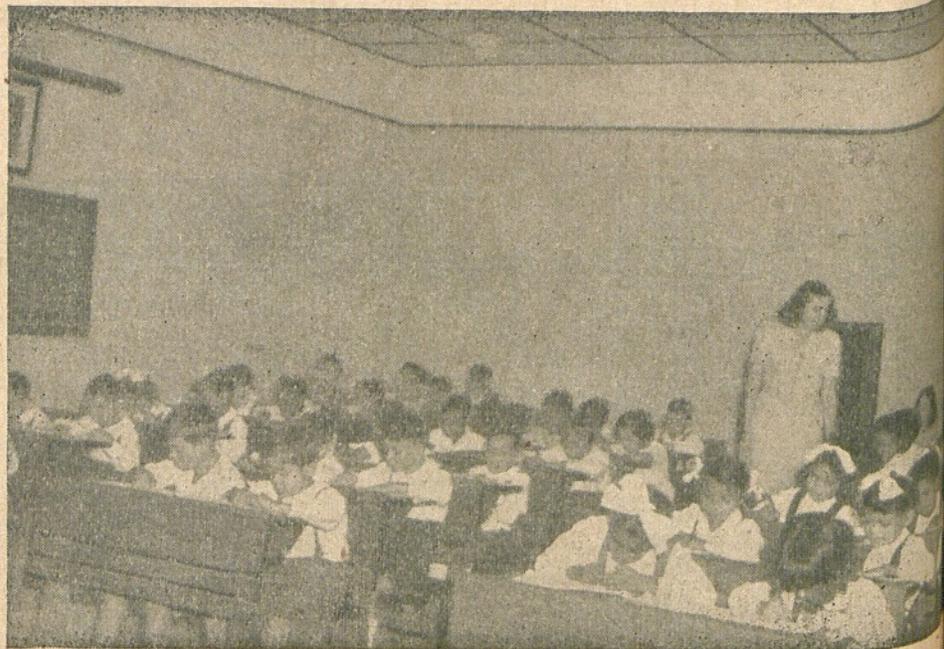
Foi, evidentemente, uma grande festa.

Casas higiênicas, alugadas a preços irrisórios, enfileiram-se frente ao parque infantil, à casa da escola, à de assistência médica e seu ambulatório, além dos pavilhões anexos.

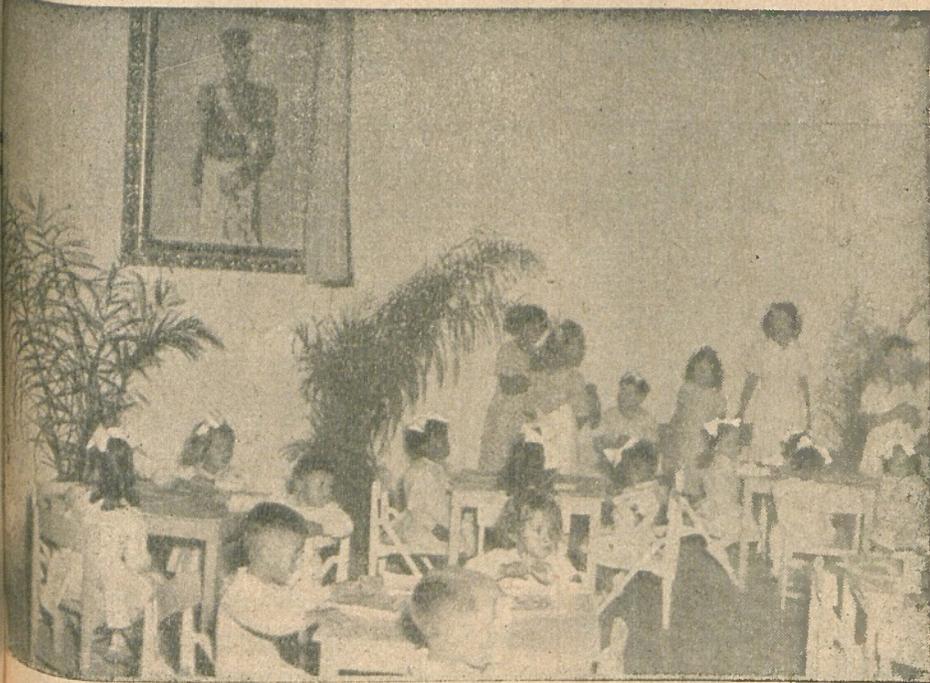
A entrada na Vila se deu com o corte da fita de côres nacionais, pela exma. sra. cel. Ferlich. Falou nessa ocasião o dr. Adhemar de Barros,

enaltecendo o significado da solenidade.

Na sala da escola usaram da palavra o major Naul de Azevedo e o 1.º ten. José Pereira da Silva, êste da Fôrça Policial de Minas Gerais, ora entre nós, como aluno da Escola de Polícia e do Curso de Motociclistas, o qual encareceu a necessidade do intercâmbio cultural e profissional entre as polícias militares do Brasil.



Os filhos dos nos-  
soldados encon-  
n aqui, a par do  
forto material, a  
ria da inteligên-  
a desabrochar  
primeras luzes da  
rução e do sa-



*Ensino pré-  
mário.*

Jardim da In-  
cia, destinado  
menores de 7 a

Se as grandes datas nacionais fo-  
rem sempre assinaladas por soleni-  
dades congêneres, por certo o civis-  
mo, de mãos dadas à assistência em  
geral, continuarão preparando, indu-  
bitavelmente, as gerações futuras pa-  
ra que zelem pela eternidade de nos-  
sa Terra.

“Militia”, pelo sucesso, cumpri-  
menta o Comando da Força Pública  
os dirigentes do Departamento de  
Assistência Social e todos que coo-  
peraram para que se tornasse rea-  
lidade a nossa vila militar, pelo êxi-  
to da cerimônia cívica-social, augu-  
rando-lhes novos empreendimentos  
no importante setor assistencial.



...cando ao sol,  
orientação de  
...oras, as cri-  
preparam-se  
...mente para  
...nirem a mas  
...cidadãos váli-  
do Brasil de  
...ã,



JOSE' DE CAMPOS MONTES, nosso desenhista e autor das apreciadas "charges" que "Militia" publica, resolveu dedicar-se também às letras. Escreveu um romance — "A sua vida será seu castigo", concorrendo com êle ao concurso literário organizado pela "Tipografia Irmãos Dupont".

O concurso era para estreantes, tendo a êle concorrido mais de meia centena de candidatos.

O romance do néo escritor mereceu as melhores referências por parte da Comissão Julgadora, sendo classificado em primeiro lugar. O prêmio é uma tiragem de dois mil exemplares do trabalho vencedor, que já está no prelo.

No clichê, um flagrante do autor, falando ao microfone da Rádio Cultura, durante a solenidade de encerramento do concurso.

## Auto Escola "NORBERTO"

AULAS ESPECIAIS PARA SENHORAS

Credenciado na D.S.T.

Encarrega-se de cartas de motoristas amador, profissional e de motociclista, cocheiro, cobrador de ônibus bem como requerimentos em geral

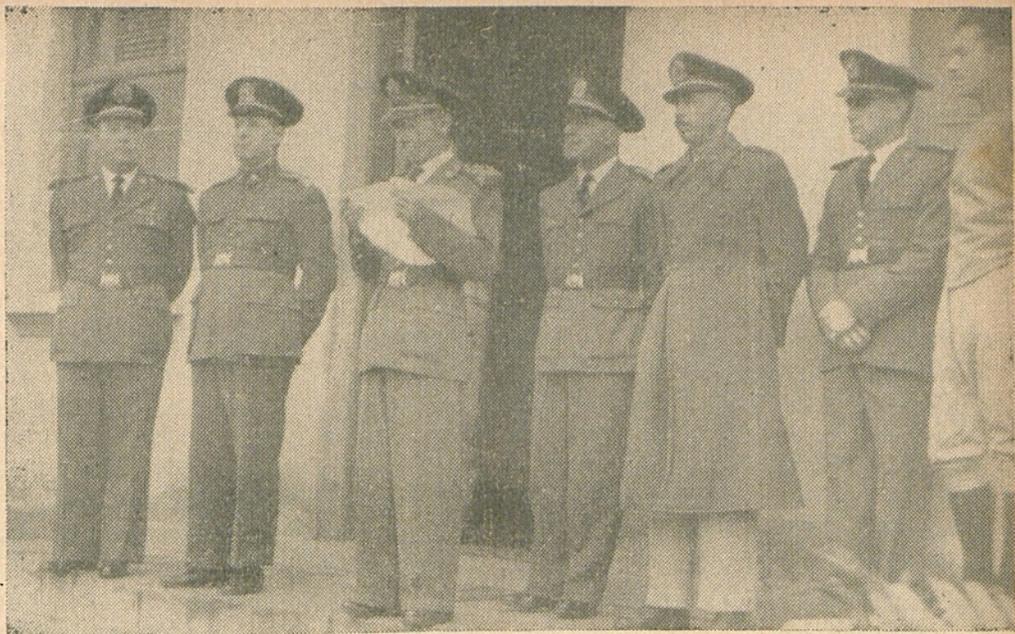
Matriz:

RUA GUAIANASES N.º 689

Junto à Praça Princeza Izabel

Telefone 51-2830

SÃO PAULO



## Escola de Educação Física — Nova direção

A Escola de Educação Física, o tradicional estabelecimento de ensino da av. Cruzeiro do Sul, tem nova direção. Por proposta do sr. Comandante Geral, o sr. Governador do Estado acaba de designar para o cargo de Comandante e Diretor de Ensino daquela casa de instrução, o major Guilherme Rocha, em substituição ao major Luiz Gonzaga de Oliveira que foi chamado ao desempenho de importantes funções no Estado Maior da Fôrça.

A investidura do major Guilherme Rocha se realizou no dia 29 de julho, às 10 horas, com a presença dos srs. cel. Eleutherio Brum Ferlich,

Comandante Geral, cel. Odilon Aquino de Oliveira, Chefe do Estado Maior, delegações de oficiais das unidades da Capital, e esportistas.

A solenidade, da qual publicamos um instantâneo, foi simples e obedeceu ao ritual militar e se processou perante os alunos do Estabelecimento e respectivo corpo docente. O novo diretor foi cumprimentado pelos presentes e prometeu envidar seus melhores esforços pela grandeza da Escola de Educação Física que goza dos florões da primazia no Brasil.

“Militia” augura ao major Guilherme Rocha gestão operosa e fecunda.

### —:— VISITA DA ESCOLA DE ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO A COLÔNIA DE FÉRIAS

Nos últimos dias de agosto encontravam-se os oficiais-alunos da Escola de Estado Maior do Exército, sob a supervisão do general Tristão de Alencar Araripe, desenvolvendo exercícios táticos na região de Itú, quando foram colhidos por um convite do sr. governador do Estado para

uma visita à Colônia de Férias da Fôrça Pública. Era mais uma oportunidade que aproveitava o dr. Adhemar de Barros, afim de renovar e manter os laços confraternais entre as instituições militares do País, oferecendo, também, motivo recreativo.

Assim, os oficiais-alunos e instrutores saíram de Itú, instalados em confortáveis ônibus, rumando em direção ao litoral. Passaram por São Paulo, e, ganhando a Via Anchieta, chegaram em pouco tempo à terra de Braz Cubas.

Visitaram o Aquário Municipal, onde viram as diversas espécies ictiológicas e depois, através das praias do Boqueirão, Gonzaga, Zé Menino e Itararé, atingiram São Vicente, lugar em que está instalada a nossa Colônia de Férias.

Alí eram aguardados pelo cel. dr. Herbert Maia de Vasconcelos, Secretário da Saúde e Assistência Social, representando o governador Adhemar de Barros; ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, presidente do Clube Militar, e o 1.º ten. Bolestaw Zdanowicz, encarregado da Colônia.

Feitas as apresentações, logo se estabeleceu aquela sadia e franca camaradagem tão própria da vida militar, e a qual foi servido o aperitivo.

Tomando lugar à mesa, sentaram-se o Cel. Herbert e sua gentil filha, o instrutor, alunos oficiais americanos, colombianos, venezuelano e peruano e os tens. ceis Negrão e Trigueirinho.

O almôço à brasileira, decorreu animado e jovial, tendo, à sobremesa, o sr. secretário da Saúde pronunciado estas palavras:

“Meus camaradas

Dia feliz proporcionou-me o sr. Governador do Estado, dando-me a honra de o representar em tão grata quanto significante reunião.

Afastado da vida ativa do Exército, exercendo função civil no Go-

vêrno do Estado, conservo bem viva a chama do amor à farda que, por mais de trinta anos, vesti com orgulho e desvanecimento.

O ambiente proporcionou-me uma volta ao passado e vim comungar convosco, cheio de júbilo, êste momento de cordialidade e sã camaradagem.

Na minha pessoa, prezados companheiros, na sinceridade de minhas palavras e de meus sentimentos, deves reconhecer a figura do dr. Adhemar de Barros, que aqui representa, soldado também e dos que mais se ufanam de o ser, pois pertence ao corpo de saúde como tenente médico da reserva.

Motivos ponderosos o impedem de comparecer a esta festa, que vos dedica como uma das múltiplas manifestações de seu elevado aprêço ao Exército, da sua exaltada admiração por esta grande escola de civismo, onde se aprimoram os mestres da defesa da pátria.

Sobre vós convergem, neste momento histórico, todos os olhares, inquietos e prescrutadores, no tumulto que vai pelo mundo, com a esperança de que vosso patriotismo, servido pelo vosso preparo técnico, nos afaste o cálice de fêl tragado pelos outros povos.

Em nome do Govêrno do Estado vos estendo a mão, em penhor da mais franca cordialidade, como testemunho do seu elevado aprêço e como manifestação de seus ardentes votos pela vossa felicidade e pela grandeza do Exército, do qual sois, com justiça, elemento de relêvo e escol”.

Mal serenaram as palmas que abafaram as últimas palavras, le-

# Verdades desconfortantes

*Ten. Adauto Fernandes de Andrade*

Perde-se nas brumas de um passado ainda obscuro, a origem das primeiras formas de vida. Por mais que a rebusquemos em longínquas fontes, por mais que remontemos aos vários milhões de anos que nos separam da era Arqueozóica, as dúvidas e as mais variadas suposições que se avolumam diante, também, da escassez de conhecimentos adquiridos dos próprios registros fósseis encontrados, atalham-nos os passos a cada arrancada, deixando-nos a sós com os germes — formas gelatinosas recobrando partículas microscópicas de matéria viva.

Vieram, não se sabe de onde, nem como. Apareciam aqui e ali, como se a terra tóda vivesse numa intensiva combinação química de matérias inorgânicas. E cresciam e se reproduziam, para depois morrerem ao cabo de alguns minutos, apenas, de existência improdutivo. Assim era a vida dos infinitamente pequenos...

Entrementes, a terra sofria, vagarosa mas ininterruptamente, profundas e sensíveis modificações em sua crosta. Sacudida, violentamente, pelas constantes convulsões interiores, ela se contorcia tóda, e em sua dor angustiosa, dobrava-se e enrugava-se, inteiramente, para depois quedar-se, por algum tempo, testemunhando-nos os seus sofrimentos atrozés, com o aparecimento de grandes cordilheiras, montanhas esparsas, elevações abruptas e abismos insondáveis,

pelos vários continentes raramente separados uns dos outros. Apenas alguns mares interiores, rios encachoeirados e ribeiros em formação, lavavam suas feridas abertas de tempos em tempos.

A par dessas alterações do relêvo terráqueo, a vida desenvolvia-se mui lentamente e de acôrdo com os climas que, indelêveis, já se distinguiam na face da terra. Entrávamos, assim, na era Protozóica, conhecida pelas sêcas, frio, formação de geleiras e também pela ausência completa de dados positivos sôbre o desenvolvimento da vida animal.

A era Paleozóica surgiu, em seguida, com a presença de um calor confortável, ocasionando um apreciável progresso na vida animal e vegetal. Apareceram aqui novas plantas, capazes de sobreviver fora dos mares, bastando, para isso, poderem mergulhar suas raízes em em água ou em terreno úmido. Também apareceu um rei para os animais: o pequeno "trilobita" que mais tarde foi sobrepujado pelos seus poderosos rivais — os peixes.

Foi durante essa era que êste ramo da família dos vermes se adiantou consideravelmente, até chegar, como se presume, ao homem. Penetramos, desta maneira, no reino dos vertebrados, tendo à frente o "ostracoderme", o primeiro dêsses espécimens que chegamos a conhecer através de alguns de seus fósseis encontrados.

Assim, os oficiais-alunos e instrutores saíram de Itú, instalados em confortáveis ônibus, rumando em direção ao litoral. Passaram por São Paulo, e, ganhando a Via Anchieta, chegaram em pouco tempo à terra de Braz Cubas.

Visitaram o Aquário Municipal, onde viram as diversas espécies ictiológicas e depois, através das praias do Boqueirão, Gonzaga, Zé Menino e Itararé, atingiram São Vicente, lugar em que está instalada a nossa Colônia de Férias.

Alí eram aguardados pelo cel. dr. Herbert Maia de Vasconcelos, Secretário da Saúde e Assistência Social, representando o governador Adhemar de Barros; ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, presidente do Clube Militar, e o 1.º ten. Bolestaw Zdanowicz, encarregado da Colônia.

Feitas as apresentações, logo se estabeleceu aquela sadia e franca camaradagem tão própria da vida militar, e a qual foi servido o aperitivo.

Tomando lugar à mesa, sentaram-se o Cel. Herbert e sua gentil filha, o instrutor, alunos oficiais americanos, colombianos, venezuelano e peruano e os tens. ceis Negrão e Trigueirinho.

O almoço à brasileira, decorreu animado e jovial, tendo, à sobremesa, o sr. secretário da Saúde pronunciado estas palavras:

“Meus camaradas

Dia feliz proporcionou-me o sr. Governador do Estado, dando-me a honra de o representar em tão grata quanto significativa reunião.

Afastado da vida ativa do Exército, exercendo função civil no Go-

vêrno do Estado, conservo bem viva a chama do amor à farda que, por mais de trinta anos, vesti com orgulho e desvanecimento.

O ambiente proporcionou-me uma volta ao passado e vim comungar convosco, cheio de júbilo, êste momento de cordialidade e sã camaradagem.

Na minha pessoa, prezados companheiros, na sinceridade de minhas palavras e de meus sentimentos, deveis reconhecer a figura do dr. Adhemar de Barros, que aqui representa, soldado também e dos que mais se ufanam de o ser, pois pertence ao corpo de saúde como tenente médico da reserva.

Motivos ponderosos o impedem de comparecer a esta festa, que vos dedica como uma das múltiplas manifestações de seu elevado aprêço ao Exército, da sua exaltada admiração por esta grande escola de civismo, onde se aprimoram os mestres da defesa da pátria.

Sôbre vós convergem, neste momento histórico, todos os olhares, inquietos e prescrutadores, no tumulto que vai pelo mundo, com a esperança de que vosso patriotismo, servido pelo vosso preparo técnico, nos afaste o cálice de fêl tragado pelos outros povos.

Em nome do Govêrno do Estado vos estendo a mão, em penhor da mais franca cordialidade, como testemunho do seu elevado aprêço e como manifestação de seus ardentes votos pela vossa felicidade e pela grandeza do Exército, do qual sois, com justiça, elemento de relêvo e escôl”.

Mal serenaram as palmas que abafaram as últimas palavras, le-

vantou-se o ten. cel. Trigueirinho, que, de improviso, assim falou:

“Exmo. sr. secretário da Saúde, d.d. representante do exmo. sr. Governador.

Exma. sta. Herbert de Vasconcelos, d.d. representante da mulher brasileira.

— Ilustres colégas estrangeiros e amigos.

— Prezados Camaradas.

Como Presidente do Clube Militar da Fôrça Pública, que congrega pouco mais de quinhentos oficiais no seu quadro social, cabe-me a honra e satisfação de dizer algumas palavras.

As primeiras, sejam de agradecimento ao exmo. sr. governador do Estado, que propiciou êste contato de camaradas de farda, nesta casa que é a Colônia de Férias do nosso Clube Militar.

As outras desejo dirigir a todos vós, prezados camaradas do Exército Nacional e de Exércitos Americanos amigos, de saudação tôda cordial e fraterna, em nome dos consócios que aqui represento e que são, como vós, também soldados do Exército Nacional, de cujo organismo a Fôrça Pública de São Paulo é parcela ponderável e eficiente.

Em verdade, a Fôrça Pública irmanou-se na Campanha do Paraguai, com todo seu efetivo; na revolução federalista; em Canudos; na revolta do Quebra-Lampeão; nas revoluções de 1922 e 1924, tendo operado no Paraguai, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, Bahia, Paraíba, e Ceará e colhido ombro a ombro com o Exér-

cito, louros imarcessíveis, que engalanam e orgulham seu passado mais que centenário, de glórias.

E, de envolta com essa saudação fraternal, quero reiteirar-vos a afirmação de que, como no passado, a Fôrça Pública de São Paulo estará com o Exército Nacional, onde, quando e como for preciso, na defesa intransigente do Brasil, suja honra, integridade e instituições juramos todos defender, com sacrifício da própria vida”.

Muito aplaudido e cumprimentado, o ten. cel. Trigueirinho, erqueuse o ten. cel. Harold Ramos de Castro, instrutor da Escola de Estado Maior e representante do exmo. sr. gen. Tristão Araripe que, em feliz improviso, agradeceu ao exmo. sr. governador Adhemar de Barros a feliz oportunidade que lhes ofereceu, de conhecerem as realizações da gente brasileira de São Paulo, marcadas pela inteligência, ousadia e operosidade, o que bem demonstra o valor de nossa raça, valor que nos inspira confiança no porvir grandioso de nossa Pátria.

E ergueu seu copo pela prosperidade sempre crescente dos brasileiros.

Seguiu-se longa salva de palmas, às últimas palavras, e, após o café, todos percorreram as dependências da Colônia, inteirando-se da sua organização e funcionamento.

Dessa forma foi dado por finda a excursão proporcionada pelo Sr. Governador aos oficiais alunos da Escola de Estado Maior, que em seguida regressaram a São Paulo, trazendo, sem dúvida, uma agradável impressão dêsse dia.

## Quadro comparativo dos vencimentos do pessoal da Fôrça Pública com os de diversos cargos do funcionalismo público do Estado.

Postos e cargos	Vencimentos		Porcentagem do aumento s/ os vencos. de 1938
	1938	1948	
Coronel .....	3.300,00	6.200,00	87,87
Auditor .....	2.700,00	9.000,00	233,33
Delegado de Polícia (U) .....	2.500,00	7.000,00	180,00
Tenente Coronel .....	2.750,00	5.400,00	96,36
Diretor (Imprensa Oficial) .....	2.500,00	6.500,00	160,00
Secretário (T.J.M.) .....	1.800,00	7.500,00	316,66
Major .....	2.250,00	4.750,00	111,11
Diretor (Diretoria) .....	2.000,00	5.500,00	175,00
Advogado .....	1.500,00	7.500,00	400,00
Capitão .....	1.750,00	3.950,00	125,71
Delegado de Polícia (P) .....	1.350,00	4.500,00	233,33
Administrador (Ref. Modelo) .....	1.500,00	5.000,00	233,33
1.º Tenente .....	1.250,00	3.100,00	148,00
Chefe de Secção .....	1.200,00	4.500,00	275,00
Escrivão (Auditoria) .....	1.000,00	5.000,00	400,00
2.º Tenente .....	1.050,00	2.600,00	147,61
Delegado de Polícia (O) .....	1.050,00	4.000,00	280,95
Contador (O) .....	1.050,00	4.000,00	280,95
Sub-Tenente .....	700,00	2.050,00	192,85
Professor (de 20 a 25 anos) .....	640,00	2.100,00	228,12
Investigador (L) .....	700,00	2.600,00	271,42
1.º Sargento .....	520,00	1.400,00	169,23
Investigador (J) .....	470,00	1.800,00	282,97
Operário (I) .....	520,00	1.500,00	188,46
2.º Sargento .....	480,00	1.300,00	170,83
Investigador (I) .....	350,00	1.500,00	328,57
Guarda Classe Distinta (G.C.) .....	450,00	1.300,00	188,88
3.º Sargento .....	440,00	1.200,00	172,72
Professor (menos de 5 anos) .....	400,00	1.300,00	225,00
Guarda 1.ª classe (G.C.) .....	400,00	1.200,00	200,00
Cabo .....	330,00	900,00	172,72
Guarda 3.ª Classe (G.C.) .....	320,00	1.000,00	212,50
Guarda de presídio (I) .....	300,00	1.500,00	400,00
Soldado .....	290,00	800,00	175,86

Estes números dispensam comentários.

No entanto, precisamos fazer algumas observações.

Antes de tudo, esta: temos confiança em nossos Chefes e sabemos que eles, no momento oportuno, cogitarão do nosso aumento.

Não pretendemos estabelecer quaisquer paralelos entre os diversos postos e os cargos mencionados do funcionalismo civil, desde que uma comparação nesse sentido exigiria detalhado e cuidadoso estudo.

Quanto aos soldados, não encontramos, no funcionalismo do Estado, cargos cujos vencimentos pudessem aos deles ser comparados.

# Verdades desconfortantes

*Ten. Adauto Fernandes de Andrade*

Perde-se nas brumas de um passado ainda obscuro, a origem das primeiras formas de vida. Por mais que a rebusquemos em longínquas fontes, por mais que remontemos aos vários milhões de anos que nos separam da era Arqueozóica, as dúvidas e as mais variadas suposições que se avolumam diante, também, da escassez de conhecimentos adquiridos dos próprios registros fósseis encontrados, atalham-nos os passos a cada arrancada, deixando-nos a sós com os germes — formas gelatinosas recobrimdo partículas microscópicas de matéria viva.

Vieram, não se sabe de onde, nem como. Apareciam aqui e ali, como se a terra tóda vivesse numa intensiva combinação química de matérias inorgânicas. E cresciam e se reproduziam, para depois morrerem ao cabo de alguns minutos, apenas, de existência improdutivo. Assim era a vida dos infinitamente pequenos...

Entrementes, a terra sofria, vagarosa mas ininterruptamente, profundas e sensíveis modificações em sua crosta. Sacudida, violentamente, pelas constantes convulsões interiores, ela se contorcia tóda, e em sua dor angustiosa, dobrava-se e enrugava-se, inteiramente, para depois quedar-se, por algum tempo, testemunhando-nos os seus sofrimentos atrozos, com o aparecimento de grandes cordilheiras, montanhas esparsas, elevações abruptas e abismos insondáveis;

pelos vários continentes raramente separados uns dos outros. Apenas alguns mares interiores, rios encachoeirados e ribeiros em formação, lavavam suas feridas abertas de tempos em tempos.

A par dessas alterações do relêvo terráqueo, a vida desenvolvia-se mui lentamente e de acôrdo com os climas que, indeléveis, já se distinguiam na face da terra. Entrávamos, assim, na era Protozóica, conhecida pelas sêcas, frio, formação de geleiras e também pela ausência completa de dados positivos sôbre o desenvolvimento da vida animal.

A era Paleozóica surgiu, em seguida, com a presença de um calor confortável, ocasionando um apreciável progresso na vida animal e vegetal. Apareceram aqui novas plantas, capazes de sobreviver fora dos mares, bastando, para isso, poderem mergulhar suas raízes em em água ou em terreno úmido. Também apareceu um rei para os animais: o pequeno "trilobita" que mais tarde foi sobrepujado pelos seus poderosos rivais — os peixes.

Foi durante essa era que êste ramo da família dos vermes se adiantou consideravelmente, até chegar, como se presume, ao homem. Penetramos, desta maneira, no reino dos vertebrados, tendo à frente o "ostracoderme", o primeiro dêsses espécimens que chegamos a conhecer através de alguns de seus fósseis encontrados.

## Solilóquios de um aluno oficial

### TRIOLE' DA MALA E BOTINA

N.º CMVIII C

ESPADIM

(mandaram guardar as botinas na mala)

Não hei mala nem botina,  
Botinas levem prá mala,  
Faz-se mister a fachina,  
Não hei mala nem botina.  
Badala adjunto, badala,  
Tocâ de novo a busina,  
Botinas levem pra mala,  
Não hei mala nem botina.

Aqui estão, pois, as raízes profundas da nossa verdadeira *árvore genealógica* e diante da qual desapparece qualquer superioridade racial ou supremacia religiosa. Queiramos ou não, o homem possui muito dêsses nossos ancestrais. O conjunto da columna vertebral, as costelas, vértebras, cartilagens, etc., é um índice bem palpável de tal semelhança, e da qual não nos devemos envergonhar. Não positivamos, mas é bom melhor admitirmos unicamente os peixes como o ponto de partida da nossa humilde origem, do que os gemes e muito menos os indecentes macacos, pois que êstes já nos têm causado grandes dissabores. E o pró-

prio Adão ficaria mais consolado, se chegasse a saber que êle também descende dos peixes e não do barro imundo, como lhe atribuem. E que também a sua querida e pecadora Eva, talvez então, tenha vindo da linhagem de lindas e provocantes se-reias dos mares cambrianos, e não, apenas, formada estúpida de uma de suas costelas. Pois, sendo tudo formas de evolução, jamais poderia ter havido mesmo uma exceção para êsses dois personagens tão discutidos! A natureza não tem preferências.

Do que ficou dito só há, porém, um inconveniente: é sermos todos parentes de "tubarões".

### Secretaria de "Militia"

Designado para fazer parte da Comissão Técnica da Repartição de Águas e Esgotos, que traçará os planos da reforma da rêde de águas desta Capital, viu-se o nosso colega 1.º ten. Plínio Rolim de Moura, na contingência de solicitar demissão

do cargo de secretário de "Militia", tendo sido substituído pelo 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho.

Para júbilo nosso, o tenente Rolim continuará a emprestar o brilho de sua inteligência a "Militia", integrando seu corpo redatorial.

## Nossos representantes nas Polícias Militares

«MILITIA» encontra-se em fase de franca difusão nas Polícias Militares do País. O apôio que ela esperava, para bem servir à família policial-militar brasileira como veículo de aproximação e de intercâmbio cultural, lhe está sendo dado de forma que pode considerar-se vitoriosa na consecução desse objetivo, um dos que constituem sua razão de ser. Damos abaixo uma relação dos nossos representantes já nomeados em diversas corporações irmãs:

### Polícia Militar do Ceará:

- Q.G. (Fortaleza) — 2.º ten. Geraldo Fragoso de Vasconcelos.

### Polícia Militar de Goiás:

- Q.G. (Goiânia) — cap. Cláudio das Neves.

### Polícia Militar de Mato Grosso:

- 1.º B.C. (Cuiabá) — cap. Gonçalo Romão de Figueiredo.
- 2.º B.C. (Campo Grande) — cap. Hemenegildo Teodoro do Nascimento.

- 1.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Evaristo da Costa e Silva.
- 2.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — 1.º ten. Gonçalo Ribeiro da Silva.
- C.C.S. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Eurides Celestino Malhado.

### Polícia Militar do Pará:

- Q.G. (Belém) — cap. Mário Barriga Guimarães.

### Polícia Militar da Paraíba:

- Q.G. (João Pessoa) — 2.º ten. Francisco de Assis Veloso.

### Polícia Militar do Paraná:

- Q.G. (Curitiba) — 2.º ten. Benoit Ponte Cidreira.

### Polícia Militar de Santa Catarina:

- Q.G. (Florianópolis) — 1.º ten. Theseu Domingos Muniz.

### Polícia Militar de Sergipe:

- Q.G. (Aracajú) — 2.º ten. Osvaldo de Albuquerque.

**A PREFERIDA  
EM LOTERIAS É**

**“A PREFERIDA”**

**A RODA DA SORTE**

**RUA DIREITA 22**

# Vencimentos dos servidores públicos

Cap. Francisco Vieira Fonseca

Muito se tem falado a respeito de vencimentos. E muito se há que falar, ainda. Qualquer assunto que se encete, nas mais variadas palestras, nas mais diversas classes sociais, quando menos se espera surge o capítulo *aumento de vencimentos*. Por vezes, ao invés dum capítulo, apenas se abre um parêntese, de maior ou menor extensão.

O servidor da administração pública, militar ou civil, mais do que ninguém, conhece os efeitos da existência, agravada no campo econômico. Fatos concretos nos são transmitidos, quer pela imprensa, quer através das palestras entabuladas nas repartições, nos quartéis. Na Assembléia Estadual, o deputado Porfírio da Paz, denunciou o fato de que um capitão vivia numa garaje, com sua família... Inúmeros outros, do mesmo gênero, são conhecidos aqui e alhures.

O que se passa no lar do servidor público é a parte dolorosa, pois é lá que se processa a "ginástica" do orçamento, afim de se agüentar com a exigida aparência, ante o público que o mantém. Tal o drama dum classe atormentada, mortificada com a obrigação de diminuir as despesas forçadas com a família, para não fracassar na sua apresentação exterior. E' o que alguém, qualificou de *miséria dourada*.

No cenário federal está prestes a ser aprovado o projeto de aumento dos servidores públicos.

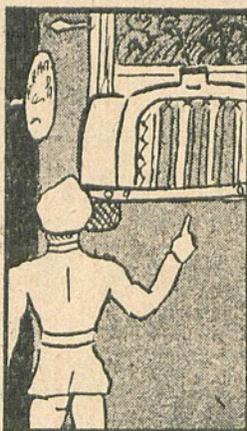
Em S. Paulo já se esboçou a *batalha dos vencimentos*, cuja primeira fase foi iniciada na Câmara Estadual e pelas diversas associações de classe dos funcionários públicos.

Parece-nos o momento asado para se fazer um exame retrospectivo do esforço desenvolvido pelos federais em tórno do projeto em aprêço e

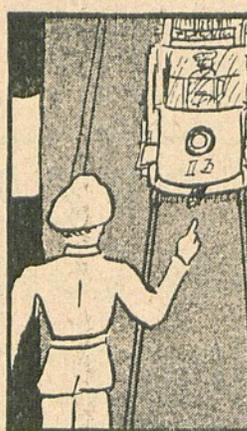
## AS APERTURAS DO MILIQUINHO



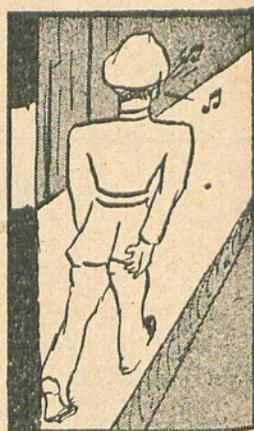
DIA 1



DIA 2



DIA 3



DIA 4 e seguintes...

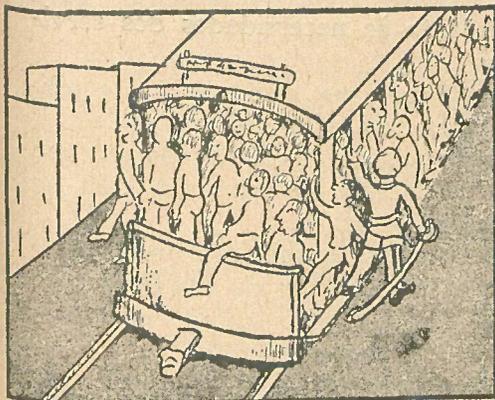
Da Revista do Clube Militar — Rio

também dos atos e atitudes tomados pelos elementos estaduais, no mesmo sentido. Destaquemos então o que é certo e o que é errado e montemos a segunda fase da *batalha*, servindo-nos dos ensinamentos da primeira.

Há ainda que se considerar — e muito — o grave erro dos federais, em forjando animosidade entre civis e militares, divisionismo que redundou no atraso da aprovação do pro-

jeto que, iniciado em 47, ainda hoje se arrasta pela Câmara Alta da República. Nada de questiúnculas, portanto! Estendamos a mão, uns aos outros, e tratemos de dispôr as forças no terreno difícil em que a ação terá que se desenvolver. Consideremos mais uma vez os fatores de decisão e **TRAVEMOS A NÓSSA "BATALHA DOS VENCIMENTOS"!**

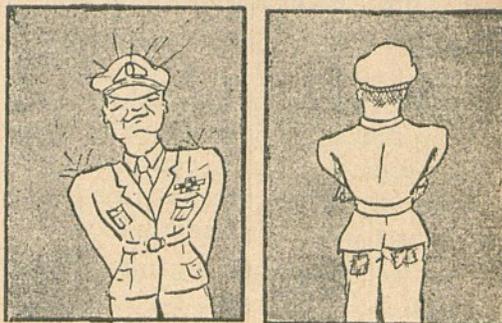
★  
AS APERTURAS DO MILIOUINHO



*Miliquinho vai a uma solenidade*

Da Revista do Clube Militar — Rio

★  
AS APERTURAS DO MILIOUINHO



*Miliquinho encara a vida de frente*

*A vida encara Miliquinho de costas*

AS APERTURAS DO MILIOUINHO



Da Revista do Clube Militar — Rio

# educação física e DESPORTOS



## Não deve desaparecer o jôgo de polo

Dos esportes praticados na arma de cavalaria é o jôgo de polo, indiscutivelmente, o mais completo, pois dá ao cavaleiro combatividade, firmeza, agilidade e desembaraço.

Acresce notar que é a modalidade de educação física mais adequada à arma de cavalaria, pois tem a grande vantagem de ser estimulada ao máximo pelo interêsse mental que desperta.

É um jôgo universalmente conhecido, praticado por militares ou civis, sendo bem difundido na Inglaterra, Estados Unidos e, principalmente, na Argentina, onde é quase tão popular quanto o futebol, segundo consta.

Com referência ao cavalo de polo, comum dos cavalos de tropa, em nada prejudica o animal para fins militares ou de policiamento. Quando bem adestrado, embora se utilize mais o equilíbrio sôbre as ancas, trabalha, embridado de freio (brida e bridão), tão bem ou melhor que o comum dos cavalos de tropa, em qualquer andadura, apresentando a vantagem de não oferecer resistência de pêso ou de fôrça. Os nossos cavalos de polo nunca foram especializados unicamente nesse esporte, porém sempre atenderam satisfatô-

riamente às necessidades dos serviços.

Por ter me referido ao equilíbrio do cavalo de polo, julgo conveniente alguns esclarecimentos, que naturalmente corroborarão com as afirmações acima.

Em linhas gerais, podemos considerar três espécies de equilíbrio (repartição do pêso sôbre os quatro membros dos cavalos):

1.º) sôbre as espáduas (é o equilíbrio normal dos cavalos de corrida);

2.º) horizontal (para equitação corrente, saltos e fins militares); e

3.º) sôbre as ancas (polo e alta escola).

O importante é não pensar que os cavalos de corrida estão sempre, em qualquer situação, equilibrados sôbre as espáduas, nem os de alta escola ou polo, equilibrados sôbre as ancas. Recorre-se a um desses equilíbrios, afim de executar determinado movimento, fazendo oscilar o centro de gravidade através da coluna vertebral, por meio do engajamento (sotoposição dos posteriores debaixo da massa) ou desengajamento e pela elevação ou alongamento do pescoço (que funciona como uma maromba). O cavaleiro que não dispõe do equilíbrio à sua vontade não tem seu animal adestrado, mas sim rotinado. E não se pense

que quando imprimimos o máximo de velocidade ao cavalo de polo o equilíbrio está sobre as ancas (nesse caso está sobre as espáduas). A razão pela qual dizemos que o cavalo de polo está equilibrado sobre as ancas é porque utilizamo-nos desses equilíbrios para parar, mudar de direção ou executar meia volta o mais rapidamente possível.

Infelizmente, o jôgo de polo está praticamente extinto em nosso Regimento de Cavalaria, depois de termos tido bons quadros e grandes jogadores.

Não podemos ficar indiferentes ante o abandono em que foi relegada a prática do nobre esporte, entre nós. Urge reerguê-lo. Temos bom campo, algum material e, se procurarmos, poderemos encontrar bons animais na tropa, embora desfalcada atualmente.

Deve-se ainda levar em conta que o adestramento do cavalo de polo é relativamente simples. E, se cada oficial do R.C. tiver, obrigatoriamente, um cavalo para o polo, como já se fez no passado, em breve poderemos contar com cavalos e jogadores.

Apelamos aos oficiais da arma ligeira para reanimar o polo. E temos certeza de que nossas vozes encontrarão eco, pois para os camaradas de cavalaria sempre é possível mais uma carga...

## "Torneio de Inverno"

### VOLEIBOL

De acordo com as diretrizes da D.G.I., a E.E.F. fez realizar o Torneio de Inverno da Fôrça Pública do Estado, torneio esse que reu-

ne os quadros de voleibol de oficiais e sargentos de tôdas as Unidades da Corporação.

O Torneio, que em anos anteriores tem sido realizado em uma semana, este ano, com o intuito de um treinamento mais intensivo, foi levado a efeito em 9 semanas, sendo disputada uma rodada às 6.<sup>a</sup> feiras; dêsse modo, os quadros disputantes teriam oportunidade, durante o Torneio, de preparar os seus elementos para melhores resultados e, conseqüentemente, dedicarem-se à educação física, elemento básico da nossa estrutura policial-militar.

O certame teve início no dia 21 de junho, com um cerimonial comum às justas desportivas, seguido de uma apresentação recíproca dos quadros, por meio do conhecido "Torneio Initium", do qual saiu vencedor o quadro da 1.<sup>a</sup> Cia. Ind..

A classificação final foi a seguinte:

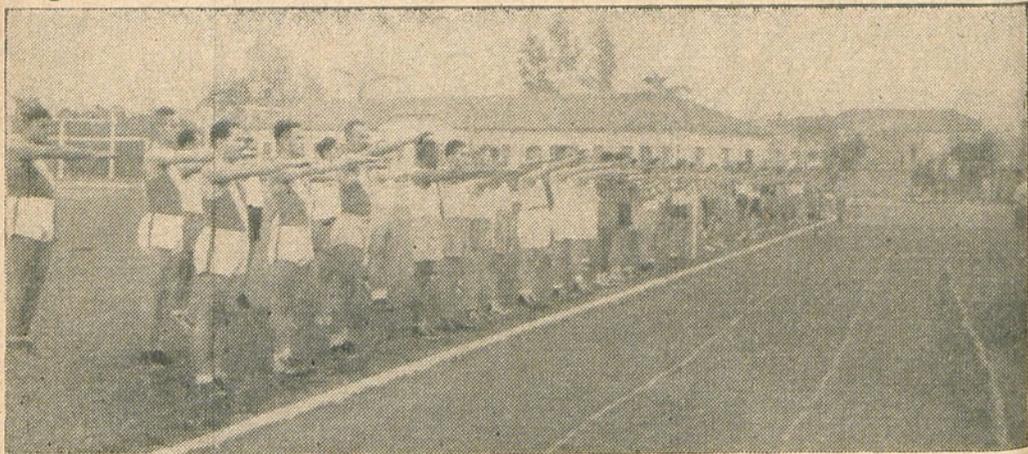
#### *Quadro de oficiais*

- 1.<sup>o</sup> lugar: — Centro de Instrução Militar - Campeão invicto.
- 2.<sup>o</sup> lugar: — 1.<sup>a</sup> Cia. Ind. - com uma derrota.
- 3.<sup>o</sup> lugar: — Batalhão de Guardas - com duas derrotas.

#### *Quadro de sargentos*

- 1.<sup>o</sup> lugar: — Corpo de Bombeiros - Campeão invicto.
- 2.<sup>o</sup> lugar: — 1.<sup>o</sup> B. C. - com uma derrota.
- 3.<sup>o</sup> lugar: — B.G. - com duas derrotas.

Como vemos, o quadro do C.I.M. teve um desempenho brilhante, o



Os atletas participantes do "Torneio" prestam o clássico juramento

mesmo acontecendo com o quadro de sargentos do C.B.. Este último, como é do conhecimento geral, é um quadro categorizado e que, salvo algumas modificações, foi o mesmo conquistador do invejado título de "Campeão Paulista de Voleibol". Mas não foi sem empenho, ardor e grande entusiasmo que conseguiu vencer os quadros do C.I.M., 2.º B.C., B.G. e os demais, pois todos os adversários também demonstraram um bom nível técnico dessa modalidade desportiva.

Cabe uma citação especial para o quadro de oficiais do Serviço de Fundos, pois apesar de todas as vantagens que o acompanharam colocou-se à altura dos nossos ideais — fazer esporte pelos seus altos valores físico, moral e intelectual, sem se importar com o resultado. A vitória somente se apresenta para satisfazer os malefícios do egoísmo e do orgulho, ao passo que a disputa em si é o principal, porque, nela entram em jogo faculdades superiores, tais como: arrôjo, sangue-frio, cora-

gem e espírito de camaradagem e, sobretudo, a solidariedade que faz de meia dúzia de homens, uma só máquina a funcionar harmônicamente.

E' natural que essa brilhante atuação do S.F., foi oriunda de todos os componentes do quadro, mas atribuímos, e pensamos que os próprios jogadores da representação aludida são unânimes em afirmar que tamanho sucesso dependeu, em grande parte, dos capitães Nelson de Carvalho Rosa e Germano Ribeiro Scartezini; aquele, com o seu ardor e entusiasmo, e este com a sua calma e sensatez a transparecerem em seus mínimos gestos.

Enfim, mais um "Torneio de Inverno" foi realizado. Suas falhas foram anotadas pela E.E.F., para as providências futuras, mas o resultado foi realmente compensador.

#### CAMPEONATO DE TIRO

Sob o patrocínio do 8.º B.C. da Força Pública do Estado, sediar

do na cidade de Campinas, foi organizado, pelo capitão Artur Guisolfi de Castro, daquela unidade, um campeonato de tiro entre civis e militares, realizado a 14 de agosto, no estande da Vila Industrial, para onde acorreu numerosa assistência.

Foram as seguintes, com as respectivas classificações, as provas disputadas:

1 — “*Prova Exército Nacional*”

(F.O. ou Mosq. - 150 mts. - Oficiais)  
*Inscritos*: 13 oficiais (E.N. e F.P.)

1.º lugar - cap. José Tenório Quirino dos Santos, do B.P. da Fôrça Pública - 128 pontos;

2.º lugar - 2.º ten. Miguel Melquiades Sendim, do C.I.M. - da Fôrça Pública - 128 pontos;

3.º lugar - 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade, da E.E.F. - da Fôrça Pública - 117 pontos;

2 — “*Prova Cidade de Campinas*”

(Revólver - 25 mts. - Oficiais)

*Inscritos*:

a) - oficiais: 20 (E.N. e F.P.):

1.º lugar - 1.º ten. Nelson Simões Scheffer, do B.P. - Fôrça Pública - 132 pontos;

2.º lugar - 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade, da E.E.F. - Fôrça Pública - 129 pontos;

3.º lugar - 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho, do S.F. - Fôrça Pública - 125 pontos;

b) - civis: 13

1.º lugar - Vicente Inácio da Silva, da Guarda Noturna - 112 pontos;

2.º lugar - Mauro Lopes - 108 pontos;

3.º lugar - Genésio Raposo - 100 pontos;

c) - senhoras e senhoritas: 7 - (distância - 20 ms.).

1.º lugar - Alda Menezes - 117 pontos;

2.º lugar - Deise Paiva Fiori - 116 pontos;

3.º lugar - Ilse Gordenansei - 110 pontos;

3 - “*Prova Fôrça Pública de S. Paulo*”  
(F.O. ou Mosq. - 200 ms.)

*Inscritos*: 17 civis e 17 militares

a) - militares - (E.N. e 8.º B.C.)

1.º lugar - soldado Joaquim de Campos Nogueira, do 8.º B.C. - Fôrça Pública - 128 pontos;

2.º lugar - sargento Decio Negali, do 1.º B.C.C.L. - Exército - 125 pontos;

3.º lugar - sargento Sebastião Duque, do 1.º B.C.C.L. - Exército - 117 pontos;

b) — Civis:

1.º lugar - Benedito Rossi - 131 pontos;

2.º lugar - Mauro Lopes - 108 pontos;

3.º lugar - Horácio Chiminazzo - 103 pontos.

*Júri de Honra*

— Prefeito Municipal;

— Coronel Cmt. do 1.º B.C.C.L.;

— Delegado Regional de Polícia.

**COMISSÃO JULGADORA**

— Cap. Alfredo Ferreira Camargo - 8.º B.C.;

— 1.º Ten. José Ferreira Lopes - 1.º B.C.C.L.;

— 2.º ten. José Ferreira Pimont -  
8.º B.C..

E' preciso acrescentar que os elementos candidatos ao referido Torneio só poderiam ser inscritos após alguns treinos mediante fiscalização do oficial encarregado do tiro, e que obtivessem, no mínimo, 50% de resultado. Vê-se, portanto, que a seleção foi rigorosa e porisso mesmo o resultado geral foi compensador, muito embora o tempo não favorecesse, à tarde, a realização das provas.

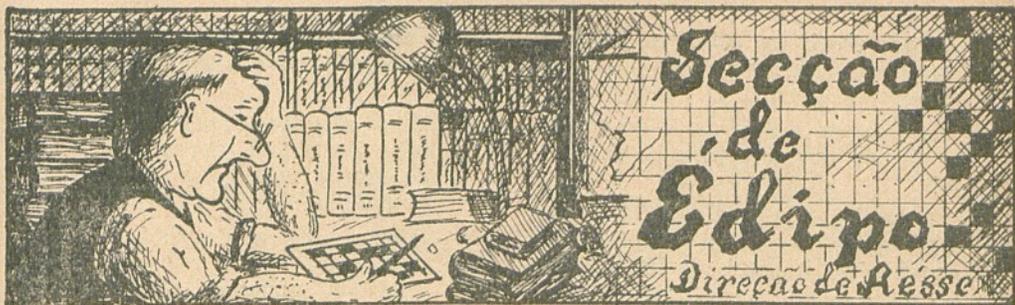
Foi, o Torneio, um grande estímulo, mormente para os civis; e, para nós, da Fôrça Pública, mais um vínculo de grande alcance social

e patriótico. Aliás, o Cmdo. Geral da Fôrça, em instruções baixadas em Boletim Geral, autorizou a realização de idênticos campeonatos pelas nossas unidades do interior, facilitando mesmo o fornecimento de munição e armamento para os torneios, tendo em vista um entrelaçamento melhor com o povo, para maior brilhantismo das nossas competições e dando, inegavelmente, um sentido patriótico a tais empreendimentos.

"Militia" felicita o Cmdo. do 8.º B.C., pela aplaudida realização e perfeita organização do campeonato, estendendo aos atiradores a sua admiração pelo grau de eficiência demonstrado.

## NOVO PLANO...





Receberemos colaboração de charadas novíssimas, sincopadas, casais, em versos auxiliares, logógrafos em prosa e em verso e palavras cruzadas.

A correspondência e colaboração deverão ser endereçadas a "Militia" — Secção de Edipo, Rua Alfredo Maia n.º 106, São Paulo.

São adotados nesta secção, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa e o Breviário do Charadista.

Será sorteado um livro, entre os solucionistas de mais de 50% dos problemas.

As soluções deste número serão aceitas até 31 de dezembro próximo.

### LOGOGRFIO EM VERSO

- 1 — Omne ignotum pro magnifico  
Esta secção se inaugura  
7-13-4-3-10.  
Singela, sem pretensão  
E, sou eu quem lhe augura  
7-5-2-12-4-8.  
A mais ampla aceitação  
Na origem, desdém terá,  
12-4-13-11-7-5.  
Quicá desprêso também,  
Porém, logo encontrará  
Quem há de querê-la bem.  
Se você é charadista,  
Meu estimado leitor, 7-8-4-13.  
Veja se um ponto conquista,  
3-1-4-9-5  
Mesmo com duro labor,  
Um instante, não desista.  
9-13-9-1-6-12-5  
Faça junção do valor.  
Contra

### CHARADAS AUXILIARES

- 2 — + lomela = rouxinol  
+ to = vivente  
*do* + nativo = presente  
Conceito = defunto.  
Quim
- 3 — + naire = garbo  
+ cente = nocivo  
+ car = pisar *m*  
Conceito = galante.  
Casa Branca

### CHARADAS NOVISSIMAS

- 4 — A condenada ao ver a vasilha conta o crime. 1-2.
- 5 — O rio, com marcha vagarosa move o monjolo que vai amassando a pasta de farinha. 1-2.  
Contra
- 6 — Deixa a nota do embaixador. 2-1.
- 7 — Ao Mohicano  
O fluido do tubo é um mistério. 1-2.  
Silvoski
- 8 — O desprêso ao sinal é insignificante. 1-1.  
Lino
- 9 — Em disputa do leito a fera matou o réptil. 2-2.  
Vica
- 10 — O instrumento atirado no porco acertou na ave. 1-1.  
Josi
- 11 — O altar estava atrás da armadilha encoberto por uma árvore leguminosa. 2-2.

12 — Apesar da chuva, estavam junto ao lugar da sentinela, dois ou mais elementos discutindo. 1-2.

13 — Naquela elevação, a voz do mocho serve de subsídio àquela família. 2-2.

Cabeleira

14 — O superior do convento ao falar na época histórica tinha primazia. 2-3

15 — O graduado tinha muito juízo ao falar do mau comediante. 2-2.

16 — No móvel onde se descança o homem valente viu um lagarto. 2-2.

17 — A planta da família das aráceas era um fragmento de instrumento de guerra. 2-2.

18 — A tinta escarlate é coisa nula na pequena bomba. 1-2.

19 — O proveitoso tapume de madeira de um curral servia para guardar a antiga máquina de guerra. 1-2.

Nino

20 — O soldado está alegre porque possui o projétil que atroa. 1-2.

21 — A condenada com sua nota conseguiu do santo o perdão. 1-1-1.

22 — És a primeira pessoa aqui e demonstras alegria portanto receberás da parenta o sacramento. 1-1-1-2.

23 — Nota, estudei no livro da parenta e não na revista. 1-1-2.

Contra

24 — Nosso Senhor morto está afligido. 2-3.

25 — Aquele professor catedrático foi à freguezia do Distrito de Vila Real e ali comprou aquela palheta brilhante de ouro. 2-1-1.

26 — Espia essa criancinha enquanto eu vou escutar aquele violinista italiano. 2-2.

27 — Olhando aquela constelação compreendo imediatamente a fábula. 2-2.

28 — Daquela intérprete eu tive compaixão porque não soube o nome do peixe. 2-1.

29 — Causa sofrimento e compaixão o estado desse demente. 1-1.

30 — Pela ação da moenda se obtém o elemento constitutivo dos corpos. 2-1.

31 — Perdi a nota porque a medida chinesa tinha 250 toezas mas a irmã de minha mãe pagou a despeza e ainda me deu esta revista. 1-1-2.

32 — Outra coisa ainda está errada no miradouro foi o que me disse o chefe da Armada. 1-3.

1º ten. V. T. Q. Santos

### LOGOGRIFO EM PROSA

33 — Ao Celso

O atleta saiu da choça 4-11-6-7-11. cheio de cólera 9-2-5 e apesar da grande quantidade 1-7-3-9-11 de concorrentes venceu a luta 10-8-4-11 contra a corrente.

Silvoski

### CHARADAS SINCOPADAS

34 — Aquele que pula não tem vergonha. 3-2.

35 — A peça de madeira sobre a qual se assenta o mastro grande pode ser transportada por homem, animal ou carro. 3-2.

36 — É preciso ter cuidado com quem queima aquele que tem direito a consideração. 3-2.

37 — O calor forte após muitos dias chuvosos torna-se agradável. 3-2.

38 — O latido vinha da parte direita da casa. 3-2.

39 — O nome do aparelho de cortar ro-lhas de cortiça era muito extenso 3-2.

Nino

40 — Amigo, a ferradura gasta causou o endurecimento da pele. 3-2.

41 — Na flor encontrei a substância glutinosa. 3-2.

Contra

### CHARADAS CASAIS

42 — As boas maneiras não são praticadas com lasca de páu. 3

Contra

*pulador*

43 — A corporação de músicos lutou valentemente contra a quadrilha de ladrões. 2.

44 — O toleirão não pagou imposto. 2.  
Lino

45 — O valentão ficou frouxo de tanto apanhar. 2.  
Casa Branca

46 — Não havia assento na sala para a comissão examinadora. 2.  
Vica

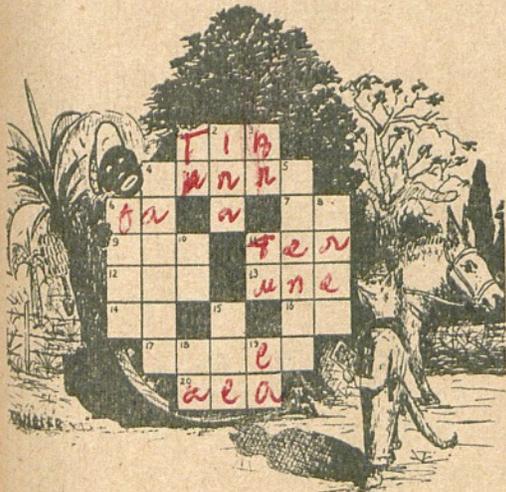
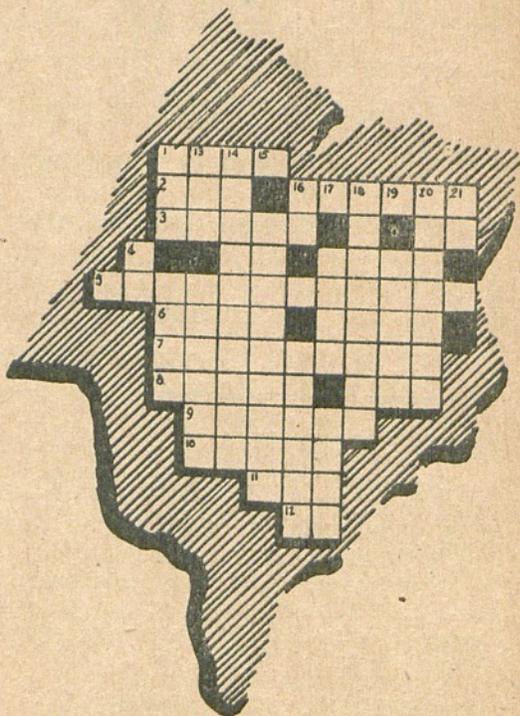
47 — Ao Quim  
O prêmio foi conferido ao chá de melhor qualidade. 2.  
Silvoski

48 — O resto da vela não fazia parte do quinhão. 2.  
Josi

**PALAVRAS CRUZADAS**

49 — AOS PRINCIPIANTES.

**50 - Problema Maranhão**



**Horizontais:** — 1 - Vento leste. 2 - Verme — Ave galinácea. 3 - Decadência — artigo plural. 4 - Metrópole — Espécie de hortaliça (inv.) 5 - Sem consciência. 6 - Terra jônica (inv.) — Agreste (inv.) 7 - Traje antigo de senhoras. 8 - Entrego confiança (inv.) s/ a primeira) — Composto químico de um ácido e um álcali (inv.) 9 - Cavalo de pernas curtas. 10 - Louco. 11 - Enxergar. (inv). 12 - Soiltário.

**Verticais:** — 1 - Quão (inv.) — Cidade do Maranhão. 4 - Preposição latina. 13 - Ave galinácea — medicamento que contém ópio (inv.) 14 - Gracejar (inv.) 15 - Cantar ao som de instrumentos musicais. 16 - Perversa — espaços de tempo. 17 - Detesta ( inv.) sem a primeira — isca que põe no anzol. 18 - Fortaleza do Estado da Paraíba. 19 - Destrói. 20 - Opostas, 21 - Artigo plural.

**Horizontais:** — 1 - Irmã da mãe ou do pai. 4 - Quadrúpede solípede. 6 - Neste momento. 7 - Nota. 9 - Mulher. 11 - Possuir. 12 - Balcão onde se servem bebidas. 13 - Liga. 14 - Antimônio. 16 - Oferece. - 17 - Vértice. 20 - Fileira.

**Verticais:** — 1 - Segunda pessoa do singular. 2 - Cólera. 3 - vento 4 - Fruto. 5 - Desgosta. 6 - Carne seca. 8 - Superfície plana. - 10 - Aragem. 11 - Pronome que designa a pessoa com quem se fala. 15 - Sinal gráfico. 18 - Utensílio. - 19 - Aqui.

# A PIRATININGA

Companhia Nacional de Seguros Gerais e Acidentes do Trabalho

CAPITAL E RESERVAS: Cr. \$ 14.501.213,20

Séde: S. Paulo - Rua Xavier de Toledo, 14 - 3.º - Telegr. «Rama»

SEGUROS: Incêndio - Acidentes do Trabalho e Pessoais -

Transportes Marítimos e Terrestres -

Responsabilidade Civil e Fidelidade.

## CORRESPONDÊNCIA

Agradecemos as colaborações enviadas por CONTRA, NINO, VICA, JOSI, CASA BRANCA, 1.º Ten. V.T.Q. dos Santos, CABELEIRA e LINO.

Solicitamos ao nosso colaborador Ten. V.T.Q. dos Santos enviar seu endereço a esta Secção, para correspondência direta.

## SOLUÇÃO DO NÚMERO 4

PROBLEMA AMAZONAS

### HORIZONTAIS

1 - Amapá. 2 - Sorar. 3 - Ini-Irara  
4 - Tâmara (niv.) — Lã (inv.) 5 - Art-

Re-Pole. 6 - Ela. 7 - Tão - Milítia 8 -  
Mui (inv.) — Boope (sem a última) —  
Té. 9 - Giaca. 10 - Cauim (inv.) — Pé-  
Comprar (inv.). 11 - Al — amável —  
A.E. 12 - Bi-Rã-Rara — M.D.. 13 -  
Ad — Ar-O O. 14 - Contado (sem a  
última) 15 aza.

### VERTICAIS

1 - Asia-Sé (inv.) 2 - Nortpuber-  
land — 3 - Inarticulado — 4 Ara - Io. 5  
— Paralelogramos. 6 - Paralelepípedo.  
7 - In-Baú (sem a primeira). 8 - Iatro-  
pometria. 9 - Oil.10-Os. 11 - Ar-Para-  
na. 12 - Me-Trave (inv.) 13 - Tá (inv.)—  
ma (inv.) 14 - Colar. 15 - Cata.

# Cartonagem Piratininga Limitada

FÁBRICA DE CAIXAS DE PAPELÃO E ARTIGOS  
DE PAPELÃO EM GERAL

Caixas quadradas - Caixas redondas - Papel e papelão em geral  
Especialidade em caixas para ampolas de todos os tipos

RUA D. ANA NERI, 635 — FONE. 3-4671 — SÃO PAULO

No refeitório do...

Tenente: — Quem foi o imbecil que pôs essas flores na mesa ?  
ordenança: — Foi "seu" capitão.

tenente: — Que lindas que estão, heim ?

# “O crime não compensa”

(Cont. do número anterior)

A exposição das misérias humanas, com elevado fito de condená-las, não é, pois, o elogio e a apologia do mal. É, sim, tarefa profícua de medicina social. Pode-se empregar o mesmo veneno — ainda sustenta Sighele — para dois fins diferentes: para matar, como fazem os assassinos; para curar, como fazem os médicos. Assim pode o sutil veneno da palavra ter dois escopos diversos: para despertar sensações e impulsos mórbidos, o que constitui a finalidade dos bandidos da pena que especulam sobre a curiosidade doentia do público; e ainda, para afastar o leitor do mal, demonstrando suas fatais e terríveis conseqüências, o que constitui a nobre finalidade dos escritores que têm o senso e a dignidade da sua função social. A imprensa mal orientada que ainda é hoje aquela, definida pelo imortal Eça de Queiroz, toda formada de *“juízos ligeiros, impressões fluidas, simples boatos mal escutados a uma esquina, numa manhã de vento”*, essa — sem trocadilho — merece integral e irrestrita reprobção. Revoltado contra tal prática de mau e falso jornalismo, em 19 de outubro de 1933, quando exercia o cargo de 1.º Delegado Auxiliar, dirigi ao Exmo. Sr. Presidente da Associação Paulista de Imprensa, a carta que passo a lêr: “Por certo está V. S. inteirado da grande celeuma que se levantou, dias atrás, em tôrno de uma portaria baixada pela 1.ª Delegacia Auxiliar e respeitante à proibição de serem fotografados os indiciados, quando submetidos a in-

terrogatórios, no plantão da Polícia Central. Tôda a sorte de recriminações foram assacadas contra a autoridade que a baixou, mas há de V. S. convir que essa atitude de certos plumitivos carece de motivo que a justifique. Sempre fui favorável à colaboração da imprensa no combate à deliquência. Sempre me bati por êsse concurso valioso na defesa dos interêsses sociais. Entendo que o jornal bem orientado deve e pode educar o povo no sentido policial, desenvolvendo-lhe a malícia e desvendando-lhe os meios, a técnica e os métodos de que se valem os criminosos no exercício da sua atividade anti-social. Truismo me parece reproduzir as numerosas vantagens resultantes dêsse consórcio entre uma e outra instituição, em benefício da sociedade. Muita vez pedi a repórteres a inserção de notícias e reprodução de fotografias para melhor eficiência do meu trabalho investigativo. Não me pejo de fazer essa confissão, nem deixo de agradecer aos que me auxiliaram na campanha tendente a prevenir ou reprimir o delito. Todavia, em bem da verdade, devo declarar que jamais me servi da publicidade para expôr à execração pública os que praticavam pequenos deslises contra a propriedade, ou se cumpliciavam, de qualquer forma a larápios de maior porte. Se assim procedi com referência à criminalidade profissional, outra, bem outra, tem sido a minha orientação quanto aos deliçuentes ocasionais. Só considero benéfico o noticiário quando êle não colide com

às necessidades da profilaxia social. De outra forma, será incidir no *sensacionalismo*, de tão perigosos efeitos. Criminólogos de renome se insurgem contra êsse veneno de publicidade. Scipio Sighele, por demais conhecido e citado, acentua o malefício do artífice ignorado de outros crimes, por meio da sugestão jornalística. Ingenieros, na sua notável obra "La psicopatologia en el Arte", chega a afirmar que há jornais que são verdadeiros laboratórios de apologias criminais. Outro publicista argentino — José C. Belbey — sustenta que se a liberdade de imprensa é uma garantia, o mau uso dessa liberdade é um crime. Ainda recentemente, no Rio, o Centro Acadêmico "Cândido de Oliveira" e a A.B.E., com Carlos Sussekind de Mendonça e Roberto Lira pela frente, desenvolveram uma brilhante cruzada contra o mal do sensacionalismo no periodismo nacional. Determinando a 1.<sup>a</sup> Delegacia Auxiliar que não mais fôssem fotografados os acusados no plantão da Polícia Central, não teve a intenção de cercear a ação dos jornalistas, mas cuidou apenas de não patrocinar a difusão delituosa, com se converter em veículo de sugestões malsãs. Cumpre ainda acrescentar que permitir tal identificação, seria prejudicar o fato, seria usurpar funções do Tribunal do Júri, sempre mais esclarecido sobre o fato sujeito ao seu soberano julgamento. Necessário ainda é ponderar que essa medida não constitui uma inovação. Já o dr. Clímaco Pereira, um dos meus antecessores no posto que transitória e obscuramente ocupo, em portaria de 24 de maio do ano corrente, vedava a per-

manência de pessoas estranhas ao serviço, no recinto destinado ao Cartório do plantão, na Polícia Central. Dirigindo-me a V.S., senhor Presidente da Associação Paulista de Imprensa, outro propósito não tenho senão de solicitar a sua nobre e útil participação na luta contra o sensacionalismo e a deletéria propagação do crime. Valho-me do ensêjo para lhe expressar os meus sentimentos de estima e elevada consideração." Essa carta provocou escandalosa e retumbante celeuma, da parte de sádicos exploradores do sensacionalismo. Um deles, imbuído de ferrenho jacobinismo, chegou a dizer que eu me inspirara em autores estrangeiros para arrolhar a palavra escrita dos jornalistas indígenas. Que clamorosa injustiça, santo Deus!... Mas, prosseguindo nesta palestra, sem outras referências a esta espécie de sugestão malsã, voltemos a nossa atenção para a ação menos nacionalizada e mais humanitária, mais universalizada, dos adversários da nossa *propaganda contra o crime*. Os criminalistas norte-americanos, Barnes e Teeters, por exemplo, no seu livro "New Horizons in Criminology" não se mostram muito otimistas quanto ao êxito dessa campanha. No capítulo 4.<sup>o</sup>, sob o título "Does crime pay?" comentando o famoso programa referente aos casos extraídos dos arquivos do *Federal Bureau of Investigation*, afirmam que os crimes só não aproveitam aos ineptos que não conhecem as sutilezas do ofício. Mas os que são profissionais competentes safam-se da Polícia e obtêm lucros compensadores. Eles agem como se estivessem explorando uma indústria qualquer. Como ne-

nhum negócio, sério ou não, é cem por cento seguro, estão também sujeitos a riscos. Concluindo ditos tradistas, com certa ironia, assim se expressam: *To a certain degree there is much sense in saying "Business does not pay" as in saying "Crime does not pay"*. Procurando demonstrar a ineficácia do referido processo, ditos autores se referem à reação, à crítica de um jovem após ouvir aquela irradiação. A reação constitui em procurar descobrir a razão por que o crime falhara e não fôra perfeito. Com esta reação concluem tais criminologistas, fica patenteado que o adolescente rádio-ouvinte só se impressiona com o aspecto excitante, *thrilling*, do episódio, deitando às urtigas a sua finalidade moral. Em que pese à autoridade desses mestres de criminologia, ousou dizer que eles exageraram nas apreciações sobre o programa patrocinado pela "Colgate Palmolive" nos Estados Unidos. Que o crime, muitas vezes, compensa, não há dúvida nenhuma. Mas dúvida também não há quando se afirma que, em regra, o crime não compensa. Não há regra sem exceção. Mas, admitindo, para argumentar, a hipótese de se erigir a exceção em regra, mesmo assim imprescindível se torna combater a regra prejudicial aos interesses de indivíduo e da coletividade. Não há razão, portanto, para não dar o nome aos bois... Quanto à causa da reação do adolescente, é preciso conhecer a causa determinante da excitação. E essa causa mais remota, está, no meu obscuro modo de ver, na leitura do romance policial. Álvaro Lins, no "Jornal de Crítica" — 5.<sup>a</sup> série — dedica um capítulo desse livro ao

romance policial. Depois de um estudo interessante sobre a sua origem que se encontra na atração do enigma, escreve êle o seguinte: "E é na construção do enigma que se apuram as possibilidades e as qualidades de imaginação do romancista. Uma imaginação que deve ser racionalmente controlada, pois que tudo aquilo que fôr imaginado há de suportar depois um processo de decomposição pela análise. O romance policial tem a feição de u'a mágica que parece de efeito sobrenatural até que o prestidigitador explica a sua realidade interna, e o observador exclama: — "Como era fácil! Como teria sido possível a qualquer um de nós descobrir o segredo!" Em suma, pelo seu enigma, o romance policial é antes de tudo um problema que se resolve com as faculdades da observação, da intuição e da análise. O crime fica colocado em cena com todos os elementos de um problema, às vezes de uma precisão algébrica, sendo necessário então, para lhe encontrar a chave, uma inteligência igualmente matemática". Muitos críticos o consideram subliteratura, reduzindo-o a um problema de álgebra intelectual. Na Inglaterra e nos Estados Unidos o romance policial é um gênero literário, bem definido e acatado. Nesses países existem sociedades denominadas "Crime Clube" e "Detective Story Club", que se encarregam de escolher os melhores romances aparecidos e recomendá-los aos amantes dessa nobre arte. A propósito da paixão dos ingleses pelo romance policial, Edmond Jaloux, em "Au pays du Roman" dêste modo se manifesta: "*Les Anglais ont l'esprit concret et*

ils ont peu d'idées. Les idées sont la ruine du roman. Des hommes, des circonstances, des faits, violà le roman." Como exercício de espírito, o romance policial está subordinado a regras fixas. Preenchidas essas condições — afirma Roger Caillois, profundo conhecedor dessa especialidade literária — nada o distingue de um problema matemático. Para evitar qualquer infração às regras estabelecidas, com o influir sobre a maneira de apresentar os fatos, chegam tais autores a apresentá-los como material em bruto. Esses livros são verdadeiramente autos de inquérito, cheios de relatórios, depoimentos, fotografias de impressões digitais e outras muitas peças de investigação. O leitor deve estudar esta espécie de inquérito e descobrir o criminoso, cujo nome está encerrado num envelope, devidamente lacrado. Eu possuo um desses curiosos exemplares. É o "*Murder of Miami*", planejado, e não escrito, por Dennis Wheatley e J. G. Links. Como os detetives desses romances são policiais-amadores, e às vezes até os próprios leitores, conforme acabamos de verificar, explicada está a reação do adolescente rádio-ouvinte de que nos falamos Teeters e Barnes na sua obra "*New Horizons in Criminology*".

Tem o nosso programa o caráter de novela policial? Não; ele não é novela, não é teatro, não é cinema, nem grand-guignol para espicaçar os nervos de míseros nevropatas. Ele é rádio-teatro, ele é documentário sonoro de crimes célebres. Ele é palavra, é som, é ruído. Sua fonte é rigorosamente documental. Seu repertório, constituído de casos ar-

quivados no Departamento de Investigações. Seus cenários sonoros têm côr eminentemente local, representando nossas paisagens, urbanas e rurais. Seus crimes foram praticados em território paulista. Não são feitos em série; não são estandardizados porque Osvaldo Moles os radiofoniza com alma de psicólogo e de artista. São magistralmente representados por uma plêiade de festejados artistas. Quem são eles? São: Manoel Durães, Blota Júnior, José Rubens, Ruy Lemos, Azevedo Neto, Rego Monteiro, Adoniran Barbosa, Osmano Cardoso, Santiago Neto, Randal Juliano, Manoel de Araújo, Osvaldo de Barros, Hervê Cordovil, Licínio Neves, Domingos Pinho, Elio Ribeiro, Ernani Bernardo, José Pinheiro, Ivo de Freitas, Alberto Pereira, Daniel Magalhães, Mário Sena, Décio Bitencourt, Maria Amélia, Janete Ribeiro, Moncha Rios, Maria Consuelo, Mary May, Leonor de Abreu, Aurea Ribeiro. Todos, todos eles, soldados bem conhecidos da nossa renhida batalha contra o crime. E a reação? E a crítica? Tem sido favorável? As críticas têm sido várias e diferentes. Uma delas, conquanto bem redigida, é, de todo em todo, improcedente. Provém de amável radiófilo que, para justificar tese contrária à nossa, citou o grande Eça de Queiroz. Eça é sempre atual. Foi um notável romancista que, através das suas criações geniais, escreveu portentoso tratado de legítima psico-sociologia. Mas — elevem a franqueza de um fervoroso eciano — Eça de Queiroz não é pau para toda obra... O conto fantástico "O Mandarim", a que se refere o amável missivista, não serve para fundamentar a sua opi-

não divergente. Basta ler a parte final dêsse livro para se constatar que Teodoro, o modesto amanuense do Ministério do Reino, ao morrer, estava arrependido e torturado pelo remorso. O assassinato do Mandarim, sob a pressão do seu dedo na campainha, se lhe dera fortuna nababesca, não lhe dera afinal a paz da *miséria*. Ouçamo-lo nesse doloroso transe: "Sinto-me morrer (dizia êle). Tenho o meu testamento feito. Nele, lego os meus milhões ao Demônio; pertencem-lhe; êle que os reclame e que os reparta... E a vós, homens, lego-vos apenas, sem comentários, estas palavras: "*Só sabe bem o pão que, dia a dia, ganham as nossas mãos; nunca mates o Mandarim!*" E, todavia, ao expirar, consola-me prodigiosamente esta idéia: "Que do Norte ao Sul e do Oeste a Leste, desde a Grande Muralha da Tartária até as ondas do Mar Amarelo, em todo o vasto Império da China, nenhum Mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má da má argila, meu semelhante e meu irmão!" Como se vê, o crime não compensou, embora considerasse êle vão o conselho que legara ao seu semelhante — criatura improvisada por Deus. Mas o "Mandarim" era um conto fantástico. Na vida real, entretanto, ainda não se elimina o próximo, tocando campainha... Demonstrando a improcedência dessa crítica e de outras já referidas no decorrer desta palestra, não pretendo — fique isto bem claro — sustentar que a radiofonização de crimes célebres seja o único e decisivo meio, de extinguir a

eterna criminalidade. Não é êsse o único e decisivo meio, mas é um dos poderosos meios, porque o rádio tem, através de sua extraordinária difusão, o dom milagroso da quase, senão total, ubiquidade. Agora se *sugestão* — como ensinam os mestres da ciência psíquica — é o ato pelo qual uma idéia é introduzida no cérebro e por êle aceito; se *sugestibilidade* é a capacidade para receber uma sugestão; se a sugestibilidade de uma pessoa em relação a alguma cousa, está na razão inversa do grau de certeza que ela tenha a êsse respeito, se quanto mais ignorante é um individuo no tocante a certas idéias, mais apto está para acolher sugestões respeitantes a essas idéias; se assim é. — convenhamos então que preferível é tornar clara e precisa a idéia do crime no cérebro dos individuos para evitar a sugestibilidade decorrente da sua ignorância em tal sentido. E' o que a Rádio Record procura realizar todas as sextas-feiras, com a escamoteação, atraente e imperceptível, da atenção dos rádio-ouvintes para inocular, na sua mente, idéias sãs e necessárias à preservação da ordem social. E' a boa propaganda contra a má propaganda. E' a sugestão benéfica contra a sugestão maléfica, como sugere Roberto Lira. E', meus caros colegas de profissão, a nossa prestação de contas perante o povo operoso e honesto. E' homenagem realística em memória dos que perderam a vida na defesa dos interesses supremos da Justiça. E' a restauração do prestígio da Polícia Paulista. E, afinal, para execução dêsse nobre e generoso programa, é que se criou e se irradia

**"O CRIME... NÃO COMPENSA".**

# Legislação

## **Abono mensal aos componentes da Fôrça Pública**

O Sr. Governador enviou à Assembléia Legislativa u'a mensagem justificativa do projeto de lei que concede um abono mensal aos componentes ativos da Fôrça Pública, de soldado a aspirante a oficial.

O abono que o Govêrno pretende conceder às praças é o seguinte:

a) - de Cr. \$ 300,00 aos que servem na Capital e em Santos;

b) - de Cr. \$ 200,00 aos demais. (Pag. 12 do D.O. 194, de 29-VIII-48).

## **Acumulação remunerada — Funcionário público eleito vereador**

Deve ser permitido ao funcionário reassumir o exercício do cargo nos períodos em que não houver sessões na câmara, devendo receber seus vencimentos, descontados os dias de sessões na câmara. Parecer do DASP. (Pag. D.O.U. de 10-VI-48).

Sua proibição abrange também cargos, funções e mandatos eletivos, compreende civis e militares, atinge proventos da atividade e inatividade. Parecer da Consultoria Jurídica de República sôbre o assunto, com citação de grande número de dispositivos legais que regem a matéria. (Pág. 9009 do D.O.U. de 10-VI-48).

## **Ajuda de custo — Incorporação da sexta parte dos vencimentos**

A partir desta data deve ser computada mais a 6.ª parte dos vencimentos nos saques de ajuda de custo para os elementos que vençam mais aquela vantagem. (Bol. Geral 174, de 5-VIII-48).

## **Almanaque dos Sargentos**

Acha-se à venda no Almojarifado do Q.G., o 1.º número do Almanaque

dos Sargentos da Fôrça, ao preço unitário de Cr. \$ 3,00. (Bol. Geral n.º 183, de 16-VIII-48).

## **Batalhão Policial — Organização**

E' organizado, em caráter provisório e a título experimental, o Batalhão Policial, com a finalidade precípua de concorrer aos policiamentos urbano, auxiliar, de trânsito e de rádio-patrolha no município da Capital. Esse batalhão será considerado, para todos os efeitos, como unidade administrativa e deverá ser constituído de maneira especial, com os seguintes órgãos: Comando, Pelotão Extranumerário, Companhia de Policiamento de Trânsito, Companhia de Rádio-Patrolha, Companhia de Policiamento Urbano, Companhia de Policiamento Auxiliar. (Bols. Gerais 157, de 16-VII-48 e 168, de 29-VII-48).

## **Certificado de reservista**

Nos certificados de reservista expedidos por esta Fôrça Pública não serão mais lançadas as alterações de comportamento, nem se deve eescribirar a inclusão ou exclusão de elementos da Fôrça, cujos certificados de reservistas sejam oriundos de outras Corporações. Seguem-se outras recomendações a respeito. (Bol. Geral 168, de 29-VII-48).

As praças licenciadas por esta Corporação, continuar-se-á expedindo certificado de reservista de 2.ª categoria. As praças que já forem reservistas das Fôrças Armadas, só a Circunscrição de Recrutamento correspondente poderá fornecer o novo certificado a que fizerem jus. (Bol. Geral 170, de 31-VII-48).

## **Certidões — Fornecimento**

O sr. Secretário da Seg. Pública, com a portaria n.º 20, de 24-VI-48, baixa instruções para o fornecimento de certidões. Como devem ser feitos os

pedidos, selagem do requerimento, casos em que não serão expedidos certidões etc.. (Bol. Geral 147, de 2-VII-48).

### Concurso de especialistas e artífices

Instruções para a realização de concurso de especialistas e artífices. O concurso constará de provas escritas e práticas e se destina ao preenchimento de vagas existentes, na Fôrça, de manipuladores de farmácia, enfermeiros de saúde, enfermeiros-veterinários, mecânicos de automóveis e radiotelegrafistas. (Bol. Geral 184, de 17-VIII-48).

### Corpo de Bombeiros — Destacamento em Jundiá

A Prefeitura de Jundiá instituiu uma taxa de serviço contra incêndio. O serviço de prevenção contra incêndio será executado pelo Destacamento do Corpo de Bombeiros, aquartelado naquela cidade. Lei n.º 517, de 13-V-48, da Prefeitura Municipal de Jundiá. (Bol. Geral 165, de 26-VII-48).

Autoriza o Poder Executivo a assinar, com os municípios que o desejarem, contratos de serviço de extinção de incêndio a ser feito pelo Corpo de Bombeiros da Fôrça Pública do Estado. Lei 11, de 27-VII-48. (Bol. Geral 169, de 29-VII-48).

### Departamento de Equitação

O sr. Governador do Estado encaminha à Assembléia Legislativa o projeto de lei que tomou o n.º 300, extinguindo o Departamento de Equitação da Fôrça Pública. (Pag. 27 do D.O. n.º 159, de 20-VII-48).

### Desconto em folhas de pagamento

Desconto de mensalidades atrasadas, correspondentes à pensão alimentícia, decorrente de sentença judiciária. O desconto deve ser a partir da data da sentença. Se não o fizer descontará depois, além da prestação fixada, mais uma importância destinada a amortizar o saldo devedor. Parecer do DASP. (Pag. 10059 do D.O.U. de 10-VII-48).

### Diligência do pessoal civil

Fica alterada a tabela de diárias a que se refere o art. 1.º do Dec. 14.296, de 21-XI-44. (Dec. 18197, de 20-VII-48 e Bol. Geral 165, de 26-VII-48).

### Diligência — Rancho

As praças em diligência em localidades séde de unidades não estão mais obrigadas a arranchamento por conta própria. (Bol. Geral 172, de 3-VIII-48).

### Empréstimo simples na Caixa Beneficente

1 - Nenhuma praça, seja qual for sua graduação poderá obter empréstimo simples desde que não conte, no mínimo, 10 anos de serviço sem interrupção;

2 - O empréstimo não deverá ultrapassar o limite correspondente a 2 meses de vencimentos, para amortização no prazo máximo de 2 anos;

3 - Só poderão obter empréstimo as praças de ótima conduta ou de grau superior e desde que casadas, e quando em outro estado civil, se provarem ser arrimo de pessoa da própria família; e

4 - Nenhuma reforma de empréstimo será processada antes de terem sido pagos 2/3 do débito anterior, sem antecipação seja qual for a sua modalidade. (Bol. Geral 195, de 31-VIII-48).

### Estágio de aspirantes nas Delegacias de Polícia

Instruções regulando o estágio de aspirantes da Fôrça nas Delegacias e órgãos auxiliares da Polícia.

Essas instruções vêm subordinadas aos seguintes títulos: Finalidade, Infício, Duração, Local, Distribuição do tempo, Execução do Estágio, Regime de Trabalho dos Aspirantes, Visitas aos Órgãos Técnicos da Polícia, Trabalhos a serem apresentados pelos aspirantes, Redação dos Trabalhos, Entrega dos Trabalhos, Situação dos aspirantes durante o estágio, Subordinação dos aspirantes durante o estágio, Conceito da autoridade, Conceito da D.G.I.. (Bol. Geral 190, de 24-VIII-48).

### Expulsão de praças

As praças da F.P., quando submetidas a Conselho de Disciplina e julgadas por seu comportamento moralmente incapazes para serviço à Corporação, não serão mais reformadas administrativamente como vinham sendo, mas deverão ser puramente excluídas ou expulsas, qualquer que seja o tempo de serviço. (Bol. Geral 161, de 21-VII-48).

### Férias por adiantamento

Só conceder "férias por adiantamento" aos que recorrerem a pedidos de dispensa tendo um crédito de férias por gozar. Não poderão obter essas férias os que não tenham esse direito consumado. (Bol. Geral 163, de 23-VII-48).

### Motoristas — Reestruturação do Quadro

Depois de cinco consideranda, o Cmdo. resolve baixar as instruções do Quadro de Motoristas, nas seguintes condições:

O Quadro de Motoristas será único para toda a Força Pública, distribuindo-se os seus elementos pelos Corpos de Tropa, Serviços, Estabelecimentos e Repartições, de acordo com as dotações dos quadros de efetivo. As praças do Quadro se distribuem pelos postos de soldados a sub-tenente. Os atuais motoristas serão incluídos no Quadro mediante prévio resultado dos testes e provas a que estão sendo os mesmos submetidos perante a D.G.I..

O preenchimento das vagas far-se-á por promoção, levando-se em conta, além do interstício, outros fatores que aí vêm especificados. (Bol. Geral 169, de 30-VII-48):

### Passagem

As praças transferidas a bem da disciplina que alegarem não possuir dinheiro para a passagem deverá ser fornecido passe de ida, fazendo-se carga ao interessado, para indenizar a Fazenda do Estado. (Bol. Geral 178, de 10-VIII-48).

### Promoção de especialistas e artífices

Normas para o preenchimento de vagas de especialistas e artífices em geral. (Bol. Geral 174, de 5-VIII-48).

### Promoção de oficiais

Mensagem do sr. Governador do Estado, encaminhando à Assembléia Legislativa um projeto de lei dispondo sobre promoção de oficiais integrantes de quadros em que o posto de capitão seja o mais alto.

Propõe para que esses oficiais sejam promovidos ao posto imediato se requererem reforma dentro de 60 dias após haverem completado 30 anos de serviço. (Pag. 16 do D.O. 189, de 24-VIII-48).

### Saque de diárias de diligência, acréscimo de 20% sobre os vencimentos e ajuda de custo

A partir de 1.º de setembro de 1948, o saque das vantagens acima passará a ser feito juntamente com os vencimentos mensais, para pagamento na mesma ocasião. No cheque individual "Hollerith" constarão as importâncias sacadas a título de diárias, acréscimo ou ajuda de custo.

Seguem neste boletim diversas instruções particulares para a boa execução da ordem acima. (Bol. Geral 175, de 6-VIII-48).

### Serviço de Assistência Social

— Sômente devem ser encaminhados, à Chefia do S.A.S., para recebimento de benefícios, os elementos que forem contribuintes da instituição. (Bol. Geral 151, de 8-VII-48).

— O S.A.S., por intermédio do Gabinete do Comando Geral, está prestando assistência judiciária aos elementos da Corporação. Os interessados deverão ser encaminhados ao cap. Mário Ferrarini, no Q.G., encarregado da referida assistência. (Bol. Geral 190, de 24-VIII-48).

### Vantagens aos participantes da F.E.B. e Revolução de 1932

A comissão de Constituição e Justiça publica o texto aprovado em 2.ª discussão bem como as emendas apresentadas nessa discussão. (Pag. 33-36 do D.O. 159, de 20-VII-48).

Redação apresentada pela Comissão de Redação da Assembléia Legislativa, a qual deverá servir de base ao autógrafo a ser enviado ao Governador do Estado. (Pag. 27 do D.O. 175, de 7-VIII-48).

### Veículos automóveis — Condução

Os veículos automóveis pertencentes à Força só deverão ser dirigidos por motoristas do respectivo quadro, devidamente uniformizados e habilitados pela D.S.T., sendo vedado a outrem tomar a direção de tais veículos, sob qualquer pretexto, salvo motivo de força maior. (Bol. Geral 185, de 18-VIII-48).

# VICENTE DE NOCE & CIA. LTDA.

---

Concessionários do Açougue e da Secção de Abastecimento  
da Caixa Beneficente da Fôrça Pública

— Fornecedores da Cruz Azul de São Paulo —

Padaria, Fábrica de Massas Alimentícias, Açougue,  
Secos e Molhados e Forragem.

---

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

---

Caixa Postal, 1619

TELEFONES

**3 - 3015 e 2 - 1517**

Rua Caetano Pinto, 301-309

— SÃO PAULO —

*Cadetes americanos  
visitam São Paulo*



*Tongorhas — chegada*



*Rumo  
à cidade*

